

# A Casa de Gaian



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *A Casa de Gaian / nº197 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Anne Bishop*

EDITOR: *António Vilaça*

*Esta edição © 2012 Edições Saída de Emergência*

*Título original The House of Gaian © 2003 Anne Bishop. Publicado originalmente nos E.U.A. por ROC, 2003*

TRADUÇÃO: *Luís Coimbra*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Outubro, 2012*

ISBN: *978-989-637-466-2*

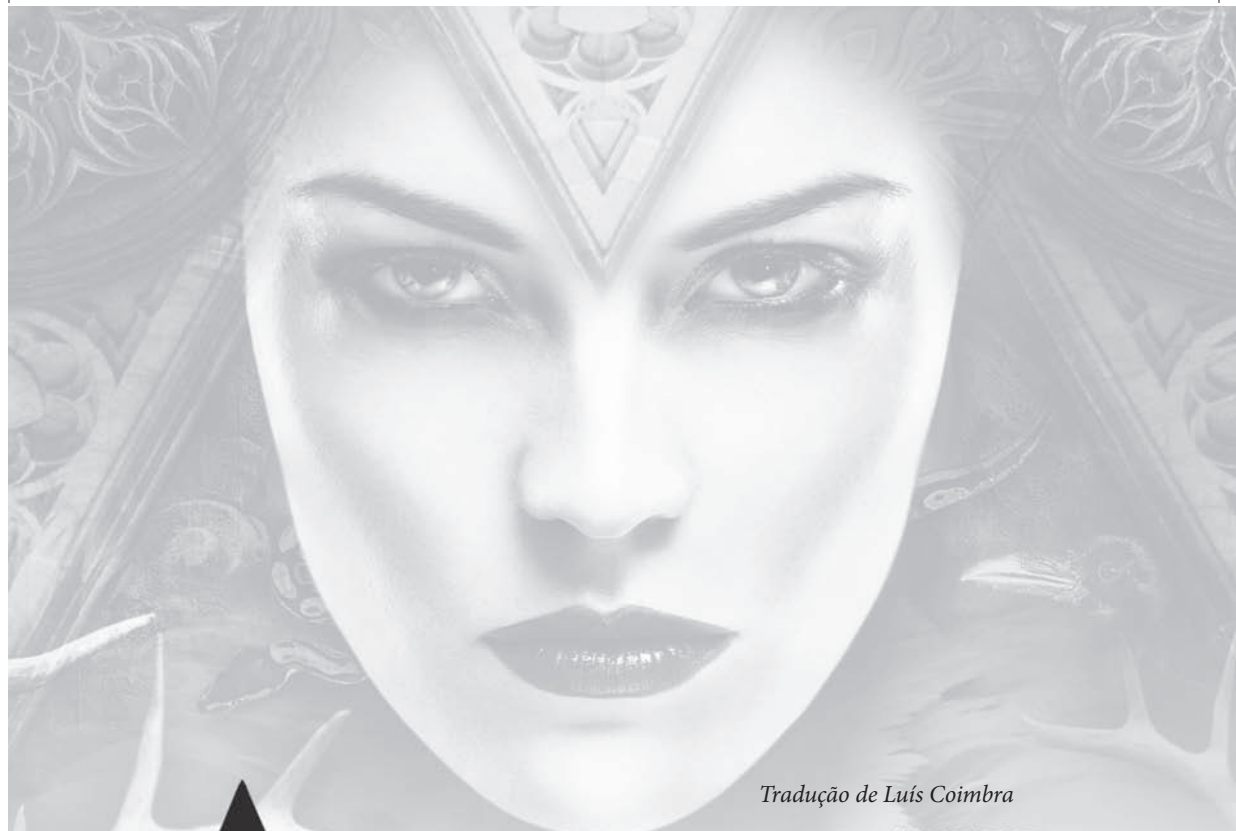
DEPÓSITO LEGAL: *349102/12*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Rua Adelino Mendes, Nº 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



*Tradução de Luís Coimbra*

# ANNE BISHOP

## A Casa de Gaian

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*





Para  
Jennifer Jackson  
e  
Laura Anne Gilman



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora; a Kandra e a Debra Dixon por terem lido a versão *beta* do livro; a Nadine Fallacaro pela informação que forneceu sobre questões do foro médico; a Kristen Britain, Pat York, Paul Butler, Jim Hetley, Katherine Lawrence, Uriel, e Lisa Spangenberg pelas suas ideias e sugestões sobre armas; e a Pat e Bill Feidner pelo apoio constante e a força que me dão.





## CAPÍTULO UM

### QUARTO MINGUANTE

Ashk, a Senhora das Florestas de Bretonwood, estava a percorrer os caminhos que tão bem conhecia no Lugar Antigo do seu clã. Neall, parente distante, apesar da sua fisionomia humana, caminhava ao lado dela. Viu interrogações nos seus olhos azuis, mas o jovem não desfez o silêncio que a Fae cultivava desde que chegara a casa dele de manhã cedo e lhe pedira que a acompanhasse.

Os trilhos já lhe conheciam o peso dos passos, tanto dos seus pés humanos como das patas do cão negro em que podia transformar-se. E ela conhecia os trilhos. Não queria abandonar Bretonwood, mas tinha de o fazer, tinha de se manter concentrada e dedicada à missão que lhe competia cumprir. Se isso seria, ou não, possível, dependia do jovem que caminhava a seu lado.

No fim do carreiro hesitou, antes de avançar para o prado iluminado pelo sol. Tratava-se de um dos seus locais prediletos, onde o avô a levava para brincar e para lhe ensinar, primeiro, a ser uma Senhora das Florestas, mais tarde, embora não se tivesse apercebido disso na altura, a ser o Senhor do Viço... o Caçador. O avô encontrava-se ali sepultado, no local onde cairia depois de lhe ter furado o coração com uma flecha. A morte dele fora rápida, digna de um antigo Senhor das Florestas, e não a morte lenta, que lhe teria destruído a alma na sequência das mordeduras dos caçadores noturnos. Os Fae não assinalavam as suas sepulturas como os humanos e Ari, esposa de Neall e feiticeira de Bretonwood, usara o seu dom para o enterrar com cuidado, sem deixar qualquer elevação no terreno, sem danificar a relva e as flores silvestres. Ainda assim pressentia uma presença sempre que se acercava do local, presença que identificava como Kernos, embora a Ceifeira tivesse encaminhado a alma dele para o Véu Oculto, de modo a que pudesse completar a travessia para o Reino do Verão.

*Creio que seja o sítio mais indicado para dizer e fazer aquilo que se impõe hoje, meditou Ashk. Sinto a tua falta, Kernos. Tenho saudades do som dos teus risos e da tua sabedoria e espero... do fundo do coração, que tenha a força e a coragem que sempre viste em mim.*

Dirigiu-se para o centro da clareira, antes de poisar no chão o arco, o cantil e a aljava recheada de setas. Com os seus olhos como florestas, verdes-acastanhados, sondou o arvoredo e despenteou os seus cabelos castanhos-acinzentados com os dedos. Estranhava-os agora que estavam curtos,

depois de os ter deixado escorrer ao longo das costas durante muitos anos, mas não podia correr o risco de interferirem com a fluidez do movimento com que retirava uma flecha da aljava para a colocar no arco. Não no sítio para onde ia. Não face ao inimigo que ia enfrentar. Seria preferível uma morte súbita, a cair nas mãos dos Inquisidores.

Neall imitou-a e poisou o que trouxera ao lado dos pertences dela, antes de sondar também a floresta com o olhar.

— Não vejo sinais dos caçadores noturnos.

— Sobreviveram alguns, mas poucos — replicou Ashk. — Permanece a sensação de que algo está mal na floresta, mas começa a dissipar-se. — Olhou para o jovem que se mantinha acocorado junto às armas. — Também sentes isso.

— Sim.

Acenou com a cabeça. Ele ainda não compreendia o significado da sua extrema sensibilidade para as subtilezas da floresta, mas não tardaria a aprender.

— Ashk — prosseguiu, levantando-se. Inspirou fundo, encheu as bochechas e deixou sair o ar dos pulmões. — Com tanto que temos para fazer, achas sinceramente que devemos perder tempo com uma lição?

*Com esta, sim,* pensou ela e afastou-se das armas. *É precisamente por causa do que temos de fazer que esta é a altura certa para ta dar.*

Neall seguiu atrás da amiga, mantendo alguma distância em relação a ela, sempre atento às árvores. Os caçadores noturnos não gostavam do sol e os dois estavam no meio de uma clareira ampla e soalheira; no entanto, mesmo de dia, os monstros que os Inquisidores tinham criado quando haviam corrompido energias mágicas constituíam uma ameaça nas sombras dos bosques.

O jovem não estava atento a Ashk porque confiava nela.

Ela deu meia-volta e disse-lhe: — Transforma-te —, assumindo, de imediato, a sua outra forma e atacando-o de um salto, com os dentes à mostra.

Um mês atrás, Neall teria hesitado, momentaneamente, dando vantagem à sua opositora. Agora reagia num instante e, transformado em veado, desviou-se com um pulo e voltou-se assim que assentou os cascos no chão, de cabeça baixa, para usar os galhos da armação como uma arma, para se defender da inimiga.

Ashk fez nova investida e outra logo a seguir — mas o adversário rechaçou-a, sucessivamente, sem lhe dar qualquer abertura para avançar e o morder em pontos que, num combate a sério, o deixariam incapacitado. Raciocinava como um homem mas aprendera a utilizar o corpo do veado, que era a sua forma alternativa. Por refletir como um homem, não fez a única coisa que um veado de verdade teria feito: não fugiu. Houvera alturas

em que o perseguira na clareira para ele ganhar resistência, para o acostumar ao corpo do veado, mas esta lição era um combate que serviria para tirar uma dúvida que tinha e para lhe mostrar uma verdade.

A ofegar do esforço, ela acabou por se afastar, aumentando a distância entre os dois. Então, voltou a assumir a forma humana, começou a dirigir-se, vagarosa, para perto do seu equipamento e disse-lhe:

— Já chega.

O veado não se transformou e acompanhou os movimentos dela com um olhar atento.

A Senhora das Florestas baixou-se para apanhar o cantil e tentou esconder um esgar quando os seus músculos se queixaram. Há muito tempo que não se exercitava tanto transformada em cão negro. Olhou para ele, pressentindo a confusão e a raiva perceptíveis no amigo.

— Já chega, Neall.

O jovem hesitou um pouco mais antes de regressar à forma humana e se aproximar dela em passos largos, de punhos cerrados.

— Pelas tetas da Mãe, Ashk! O que foi aquilo?

— Foi uma lição — respondeu-lhe, tranquila. Tirou a tampa do cantil e encheu a boca de água, saboreando o líquido fresco antes de o engolir. — O Kernos ensinou-me o mesmo mas de maneira diferente.

Olhou-a fixamente. Os seus olhos azuis revestiram-se de uma expressão compreensiva e abanou a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não sou...

— És.

— Não posso tornar-me no Senhor das Florestas. Não sou um Fae puro. Nunca me aceitariam e, além disso — acrescentou, num tom algo desesperado —, agora o Caçador és tu e não tenho o mínimo interesse em desafiar-te.

Ashk bebeu mais um gole de água antes de responder:

— Admites que és um Senhor das Florestas?

Neall encolheu os ombros, pouco à vontade.

— Isso é diferente.

— Aceitas que o és?

— Sim — admitiu, com relutância.

Ashk acenou com a cabeça.

— Sim. És um Fae, Neall. A aparência física não é a única característica que determina quem é e não é da nossa raça. A nossa capacidade de nos metamorfosearmos e o domínio que temos sobre os animais do nosso universo é que nos distinguem dos humanos e dos *wiccanfae*. E tu, meu jovem veado, não podes negar o dom que tens.

— Mas...

— A tua mãe era bruxa, mas era filha de uma feiticeira com um Fae. E o teu pai nasceu da união de um ser humano com uma Fae. Esses cruzamentos transformaram-te naquilo que és hoje.

— Ashk...

— Na qualidade de Caçador, jovem Senhor das Florestas, tenho autoridade sobre ti e é nessa qualidade que te digo aquilo que quero da tua parte. Perturbado, Neall deu um passo em frente e pegou no seu cantil.

Ashk bebeu mais um gole, fechou o recipiente e deixou-o cair na relva aos seus pés. Esperou que o companheiro matasse a sede antes de prosseguir, a olhar para a clareira, sabendo instintivamente que o rapaz não protestaria tanto se não o olhasse nos olhos.

— Tive uma conversa com o Padrick — afirmou, em voz baixa — e tomámos algumas decisões que te dizem respeito. Avisei o bardo do clã, para servir de testemunha, mas o Padrick tem de cumprir os trâmites habituais dos humanos, por ser barão e por causa da nossa propriedade, portanto mandou o procurador preparar um documento para te nomear tutor do Evan e da Caitlin.

— Ashk...

— Teve de ser — atalhou, ríspida. — Se acontecer alguma coisa ao Padrick, o Evan será o próximo Barão de Breton, mas ainda é uma criança e precisará de alguém que o ensine a exercer bem as suas funções. Foste criado na casa de um barão. Percebes como se gere uma propriedade e aquilo de que o povo precisa. Podes ensinar-lhe tudo isso. — Respirou fundo, para ganhar coragem, sentindo um aperto no estômago ao pensar nas palavras que ainda tinha para dizer. — Se, porventura, acontecer alguma coisa ao Evan, o Padrick nomeou-te segundo na linha de sucessão.

— Ashk!

— Faz sentido — atirou, e calou-o com um olhar penetrante. — Tradicionalmente o título de barão passa do pai para o primogénito, mas um barão pode escolher quem quiser para seu herdeiro, tenha filhos ou não. O Padrick tem primos, mas não tem nenhum que ache capaz de governar como deve ser Breton e esta região, nenhum que compreenda os desejos e as necessidades de todos os que aqui moram: Fae, humanos, *wiccanfae*, e o Povo Menor. — Observou o jovem e o seu mal-estar evidente arrancou-lhe um sorriso. — O Povo Menor sempre temeu os Fae, mesmo aqui, onde moramos no mesmo universo e partilhamos as mesmas florestas, mas o Povo Menor conversa com a Senhora do Viço e eu ouvi falar muito do jovem Senhor das Florestas e da bruxa que se casou com ele. «Faça o favor de escutar, Senhora Ashk.» — Baixou o tom de voz, para imitar os seres pequeninos que citava. — «Acho muito bem que a Senhora Ari nos ofereça natas ou um pouco de manteiga, se não lhe fizer falta, e acho muito bem que o jovem Se-

nhor nos ofereça um bocadinho de carne aqui e ali. Para nós é uma alegria, com certeza que sim, mas preocupa-nos que possam ficar com pouco na despensa, se é que me entende.» Quando me dizem isso, minto com boas intenções e garanto-lhes que nunca notei que faltasse carne nos vossos ensopados, ou que tivessem poucas natas, ou manteiga — concluiu, já no seu tom de voz habitual.

— Não nos falta comida — resmungou Neall.

— E não faz mal a ninguém comer menos carne ao almoço de vez em quando. O que importa reter é que o Povo Menor se sente à vontade contigo e com a Ari, o que não pode ser menosprezado. — Ashk hesitou, antes de suspirar e prosseguir: — Mas ainda tenho outro assunto para discutir contigo. Se a guerra chegar a Breton, quero que leves a Ari para Tir Alainn. E quero que levem o Evan, a Caitlin e os outros meninos convosco. Peço-te que fiquem lá com eles.

Os olhos de Neall faiscaram.

— O herdeiro de um barão, depois de adulto, não vira a cara à luta. Tão-pouco um Senhor das Florestas.

— Seria mais fácil ficarem cá — admitiu Ashk. — Eu... e o Padrick... precisamos que se mudem para lá.

— Há anciães suficientes em Tir Alainn para tomarem conta das crianças.

— Das crianças Fae, sim, mas não das humanas. Estranharão o sítio e precisaram do apoio de alguém que compreenda a maneira como veem o mundo.

Neall olhou-a fixamente.

A amiga bufou, exasperada.

— Se a guerra chegar aqui, os Fae não serão os únicos a ficar em perigo.

— Referes-te a todas as crianças, não é verdade? — aventurou Neall, lentamente.

Ashk assentiu.

— Os filhos do clã, dos aldeões, dos fidalgos, dos rendeiros... Sim. Refiro-me a todas as crianças e também aos teus cavalos.

— Não podes protegê-los só por serem meus.

— Quero que protejas a Ari por ser uma feiticeira, uma Filha da Mãe Universal, e com o bebé que tem no ventre, não será capaz de fugir do inimigo se for preciso. Tu tens dois dos melhores ganhões Fae do Ocidente, já para não falar de éguas criadas pelo próprio Senhor dos Cavalos. Perdi a conta daquilo que já perdemos desde que os Inquisidores chegaram a Sylvalan e nem imagino o que ainda podemos vir a perder antes de os expulsarmos daqui. No entanto, podemos fazer tudo o que estiver ao nosso

alcance para protegemos as pessoas e os pertences de que vamos precisar para reconstruirmos as nossas terras e as nossas vidas. Sendo assim, farás aquilo que te peço. Quando partir daqui, não posso voltar a olhar para trás, Neall. Tenho de ir de consciência tranquila. Esse é um fardo que terás de carregar por mim.

O jovem desviou a vista. Quando tornou a fixá-la, os seus olhos pareciam muito envelhecidos e replicou:

— Farei o que me pedes.

— Obrigada.

Neall deixou escapar um suspiro.

— Seja como for, isto é conversa fiada. Não vai acontecer nada ao Padrick e não te acontecerá nada a ti. Ainda serás o Caçador quando fores uma bisavó encarquilhada.

— Não. Duvido — replicou, em voz baixa. — O poder vai e vem, Neall, nem sempre se mantém com o passar dos anos. Há quem tenha atingido o expoente máximo do seu poder e o tenha preservado décadas a fio, e há quem se tenha mantido no auge durante poucos anos antes de a sua força decair e outro brilhar com todo o fulgor. Eu tinha vinte anos quando me deram o título de Caçador. Dentro de pouco tempo serás um homem maduro e atingirás o teu auge. Nessa altura bastar-me-á ser uma Senhora das Florestas como as outras, para poder brincar com os meus netinhos.

— Nesse caso, ainda faltam uns bons anos para isso — afirmou Neall. — O Evan ainda há pouco fez onze.

— E tu tens vinte e dois e estás prestes a ser pai — respondeu-lhe. — Ainda há toda uma vida entre a fase em que ele está e o ponto a que chegaste, mas dentro de dez anos, o abismo que vos separa não será tão profundo quanto te parece agora. — Avançou na direção dele e emoldurou-lhe o rosto com as mãos. — Espero que tenhas uma longa primavera e que, quando isto acabar, tu e a Ari tenham muitos anos sem outra preocupação além de educarem os filhos e criarem cavalos. Desejo isso do fundo do coração para teu bem e para bem dela... tal como para meu bem e para bem do Padrick. No entanto, se isso não vier a acontecer, quero que saibas, desde já, que tens força suficiente para assumires o papel que te está reservado. — Deu-lhe um beijo terno e afastou-se. — Estás preparado, Neall. Vai correr tudo bem. Agora vamos, que os outros estão à nossa espera. O Padrick quer falar com todos nós.

— Se desapareceres, como hei de aprender a ser o Caçador? — perguntou-lhe ele, pausadamente.

A mão de Ashk deteve-se, por instantes, sobre o seu equipamento. Então, pôs a aljava às costas e ajeitou-a, antes de pegar no arco e no cantil.

— O dom dir-te-á tudo o que precisas de saber. Há informação que não é transmitida entre aquele cujo poder decai e o sucessor que ascende

para ocupar o seu lugar, mas, quando chegar a tua hora, saberás tudo o que precisas de saber.

*Nomeadamente a razão por que os Fae têm toda a justificação para temerem o Caçador. Porém, escusas de descobrir isso antes de chegar a tua hora. Foi algo de que o Kernos nunca me preveniu. Se os Fae não tiverem cuidado, verão que têm um inimigo mais vingativo do que os Inquisidores. Esses só os podem matar. Eu posso destruí-los. Pergunto-me se o Aiden estava ciente disso quando pediu ajuda ao Caçador para convencer os Fae a protegerem as bruxas e os Lugares Antigos dos Mantos Negros.*

— Agora vamos, jovem.

Morag, a Ceifeira de Almas, estava encostada a uma árvore, sítio de onde tinha a vista desimpedida para um dos caminhos que levavam à casa do clã de Bretonwood. Tremia, apesar do calor que se fazia sentir naquele dia de verão e abraçou-se a si própria. Não lhe serviu de nada.

— Tens frio? — perguntou-lhe Aiden, em voz baixa, depois de se colocar ao seu lado.

*No corpo e na alma*, refletiu, contemplando o homem de cabelos negros e olhos azuis que detinha o título de Bardo, o Senhor das Cantigas.

— Porque teimam os bardos e os menestréis em romantizar a guerra? O que há de glorioso num confronto entre homens num determinado lugar, com data e hora marcada, para morrerem às centenas ou milhares?

— Não sei — admitiu ele. — Talvez a coragem dos combatentes e a noção de que o futuro de muitos depende da presença de poucos.

— Será, Aiden? Se eles têm um exército e nós temos outro, as batalhas entre os dois poderão determinar alguma coisa? Se os barões orientais e os Inquisidores perderem, ir-se-ão embora e deixar-nos-ão voltar à vida que queremos para nós? Se formos vencidos, o povo de Sylvalan estará disposto a render-se?

— No Oriente renderam-se. Assistiram passivamente ao extermínio das bruxas. Assistiram à destruição das vidas das suas mães, irmãs e esposas. Ficaram à margem e não fizeram nada quando os barões e os Inquisidores deram ordens para que todas essas mulheres fossem... mutiladas.

— Não creio que façam o mesmo aqui — disse Morag, compreensiva. — Creio que darão continuidade à luta, uma aldeia de cada vez, até não restar nada nem ninguém que possa ser atacado pelo Flagelo das Bruxas. Se assim for, terá alguma importância a morte de milhares de combatentes numa batalha?

Aiden demorou-se a observá-la.

— Podes ficar aqui com a Ari e com o Neall. Não tens de partir.



— Claro que tenho. Sou a Ceifeira. Sou a Senhora da Morte. O meu lugar é nos campos de batalha — suspirou. — Devia ter ceifado o Inquisidor-Mor quando tive oportunidade de o matar. Talvez a situação tivesse evoluído de maneira diferente se o tivesse feito.

— É possível — admitiu o Bardo. — E se o tivesses feito, talvez a guerra tivesse começado mais cedo, antes de termos a mínima possibilidade de nos defendermos.

— Dei-lhe a oportunidade de partir e de nos deixar em paz. Não lhe darei outra. Recuso-me a dar outra oportunidade a qualquer um deles.

Aiden mudou de posição, inquieto.

Nenhum dos Fae — exceto Ashk — se sentia à vontade com aquele aspeto do dom dela, mas para o Bardo, até ao verão anterior, não passara de uma curiosidade referida em histórias e cantigas de antigamente. Ao contrário das outras Fae cujo dom as tornava Servas da Morte, Morag podia recolher a alma de um corpo moribundo, não apenas de um corpo já sem vida. Também podia recolher a alma de quem muita vida tinha pela frente. Podia atravessar uma aldeia e deixar uma esteira de cadáveres atrás de si. Saber que isso fazia parte dos poderes da Ceifeira era uma coisa; era outra bem diferente constatar que a pessoa que tinha esse dom estava disposta a usá-lo.

E usá-lo-ia de facto, tal como já fizera antes. Quando localizara o Flage-lo das Bruxas no verão anterior, matara todos os Inquisidores que ele tinha levado para Sylvalan. Esperava que isso o convencesse a abandonar a região para nunca mais voltar, mas fora uma esperança infundada, vã. Agora a Ceifeira partiria com o Caçador para a guerra e a Morte seria a sua arma.

Morag afastou os seus cabelos negros do rosto. Ashk e Neall apareceram no carreiro, sisudos. Deu meia-volta, dirigiu-se para a mesa enorme onde Padrick os aguardava e interrogou-se sobre qual das duas estaria destinada a ser a verdadeira Senhora da Morte nos dias que se avizinhavam: a Ceifeira, ou o Caçador?

Ashk observou os rostos das pessoas que se encontravam à mesa. Padrick convocara apenas os Fae para aquela reunião, visto que se encontraria com os fidalgos, os magistrados e os capitães da guarda noutra altura, para prepararem as defesas dos seres humanos.

*Boa gente*, pensou, enquanto contemplava os presentes. *Gente com convicção*.

Estavam ali Aiden, o Bardo, a cuja argúcia e eloquência se juntava o desejo profundo de proteger as bruxas, Filhas da Mãe de Todos; Lyrra, a Musa, cujo dom inspirava poetas e contadores de histórias; Morag, cujo



amor pela vida a tornava ainda mais perigosa como Senhora da Morte; Morphia, a Senhora dos Sonhos e irmã de Morag; Sheridan, o Senhor dos Falcões daquele clã, que ainda há pouco tempo se tornara amante de Morphia; Neall e Ari, que haviam mudado a vida de muitos dos Fae que se encontravam à mesa simplesmente por serem quem eram; e Padrick, que, além de ser o Barão de Breton, era fidalgo e Fae, amigo, amante e marido de Ashk.

Juntamente com os humanos, seriam capazes de defender tudo aquilo que estimavam e de o manter em segurança?

Padrick abriu um mapa de Sylvalan e assentou uma pedra em cada canto para que não se voltasse a enrolar.

— Tive notícias de dois barões ocidentais — anunciou Padrick. — Apesar da ausência do Barão Liam na votação do conselho que se reuniu semanas atrás, ou talvez por ter desaparecido após o discurso apaixonado com que os brindou, votaram contra todos os decretos que os barões do Oriente propuseram aplicar a todo o território de Sylvalan, mas não houve votação para obrigar esses barões a restituírem os direitos que retiraram às mulheres das suas terras. Isso deixa os habitantes dessas regiões à mercê dos homens que as governam.

— É essa a tradição dos humanos, não é verdade? — indagou Aiden.

Ashk detetou o esforço que o Bardo fizera por manter um tom neutro.

— É — confirmou Padrick. — Um barão pode governar os seus como lhe aprouver e pode fazer tudo o que quiser. Os decretos oferecem apenas um enquadramento com o qual se espera que nos comprometamos, mas ninguém tem a ingenuidade de crer que todos os homens que estão no poder usam a sua autoridade da mesma maneira. Em todo o caso, a votação deixou os barões orientais que se venderam aos Inquisidores completamente desamparados, principalmente depois de se ter sabido que todas as mulheres de uma aldeia preferiram o suicídio e a morte das suas filhas a viverem com as restrições que lhes tinham sido impostas. O facto de essa notícia se ter espalhado tão depressa, antes que pudesse ser abafada, também influenciou a situação. Qualquer barão do Oriente que tivesse estudado a possibilidade de recorrer aos préstimos dos Mantos Negros terá perdido a coragem de o fazer agora, sob pena de os seus súbditos se revoltarem contra ele. Não podemos contar que esses homens se tornem nossos aliados, mas não são inimigos. Pelo menos, ainda não. Assim sendo, podemos contar que o resto de Sylvalan se oponha aos barões do Oriente que são dominados pelos Inquisidores.

— É um impasse — afirmou Aiden.

Padrick abanou a cabeça de um lado para o outro.

— Julgo que não. Se os Inquisidores estivessem dispostos a permi-

tir que vivêssemos como escolhemos viver, não teriam atravessado o Rio Una. Portanto, não creio que a votação do conselho os vá travar; apenas mudará o modo como nos atacarão. — Percorreu com um dedo o lado oriental do mapa, desde o Norte até à costa meridional. — Têm avançado sistematicamente para leste e para sul, partindo sempre de locais cujos barões modificaram de acordo com as exigências da Inquisição. Pelo que me é dado perceber, desde que regressaram na primavera, concentraram-se na destruição das bruxas para eliminarem a magia dos Lugares Antigos, ou assim fizeram até o Liam se ter tornado noutro inimigo que querem abater.

— Não foi o único barão que chamou a atenção dos Mantos Negros — afirmou Ashk, em voz baixa.

— De facto, não — confirmou o marido, severo. — E isso foi um erro da parte deles. Podem ter conhecimento da existência dos Fae, mas não os conhecem bem.

Ashk olhou-o nos olhos durante muito tempo, antes de atentar no mapa. Padrick tinha toda a razão. Se os Mantos Negros imaginassem o inimigo que estavam a provocar quando tinham atacado Breton e Bretonwood, ter-se-iam mantido à distância.

— Achas que vão atacar o barão que ajudaste? — perguntou ao marido.

Padrick hesitou.

— Acho que, se o tal Inquisidor-Mor for tão inteligente e poderoso como parece ser, deve concentrar os seus esforços aqui — afirmou, e o seu dedo caiu pesado numa zona do mapa.

— Na Serra da Mãe — sussurrou a Senhora das Florestas, arripiada.

— Enquanto a Casa de Gaian controlar a Serra da Mãe, haverá sempre bruxas. Enquanto existirem feiticeiras, serão elas os veículos que recebem e canalizam a energia da Mãe de Todos e imbuem este mundo de magia. Enquanto houver magia em Sylvalan, o Povo Menor não sairá daqui... e os Fae sobreviverão. Portanto, sim, quando perceber que é nessa serra que nasce a magia de Sylvalan, graças a quem a governa, usará todos os seus recursos contra as feiticeiras que lá moram até as destruir, ou até ser aniquilado juntamente com quem o segue. Dito isto, o Liam e o povo de Willowsbrook estão precisamente no caminho dele.

Neall debruçou-se sobre o mapa.

— Essa serra é muito extensa e duvido que os Barões do Leste consigam recrutar homens suficientes para terem um exército capaz de as ocupar.

— Se os Inquisidores controlarem os Barões de Wolfram e Arktos, como parece que hoje controlam, podem mobilizar um exército sufi-

cientemente grande para constituir uma verdadeira ameaça — afirmou Padrick.

— Se dividirem o exército e mandarem metade dos soldados contornar a serra pelo sul até chegarem ao outro lado, poderão atacar em ambas as frentes — comentou Neall.

— Nesse caso, temos de os impedir — disse Ashk. — Contornamos a serra pelo sul e pelo norte. Se os barões que governam essas regiões enfrentarem os Inquisidores com a ajuda dos clãs, os territórios do centro e do lado ocidental das montanhas não serão postos em perigo, logo os barões do centro poderão enviar guerreiros para taparmos as brechas que restarem.

— Partindo do princípio que conseguem convencer Fae suficientes a ajudarem — comentou Aiden, com alguma amargura.

— Se querem fazer excursões a este mundo, devem ajudar a defendê-lo — atirou a Senhora das Florestas, com frieza.

Fez-se um silêncio confrangedor, até que Padrick, por fim, pigarreou e disse:

— Talvez tenhamos outro problema relacionado com a presença dos Fae no Sul. Pareceu-me que os seus... modos... não causaram boa impressão aos humanos. Admito que os barões não aceitem a presença de Fae entre os seus súbditos.

— É melhor que aceitem, se não quiserem ficar em inferioridade numérica e ser esmagados em combate — disparou Ashk, antes de se acalmar. Ao longo dos anos, ouvira tantas descrições do modo como os Fae tratavam os seres humanos noutras partes de Sylvalan, que compreendia o motivo por que estes não confiavam neles, mesmo que tivessem um inimigo em comum. — Muito bem. Vamos primeiro ao Sul da Serra da Mãe, para convencermos os barões de lá a aliarem-se connosco. Calculo que seja mais fácil se levarmos cartas assinadas por ti.

— Logo tas dou.

Conversaram durante mais uma hora, mas sobretudo para confirmarem decisões que ela e o marido já haviam tomado. Dentro de poucos dias, teria lugar em Breton uma reunião de todos os Barões do Ocidente. Ashk pedira a todos os clãs do Oeste que escolhessem alguns caçadores para a ajudarem. Restava-lhe dividir esses homens e enviar alguns para o Norte da Serra da Mãe, outros para o Sul, reservando alguns para se deslocarem até Willowsbrook. Esperava que o Barão Liam tivesse a abertura de espírito que Padrick vira nele. Tendo em conta o que conhecia dos Fae que não moravam no Ocidente, depreendia que Liam e os seus súbditos estavam prestes a conhecer gente como nunca antes tinham visto.

Concluída a reunião, levantaram-se todos para esticarem as pernas e

irem petiscar. Nessa altura, Ashk reparou numa mulher que se mantinha suficientemente afastada para não interromper a conversa, embora quisesse, nitidamente, chamar a sua atenção.

Quando foi cumprimentar a visitante, os músculos dos ombros da Senhora das Florestas contraíram-se.

— Que a Mãe a abençoe, Senhora Ashk — disse a mulher.

— E a ti, Gwynith — replicou. — Perdoa-me por ir direta ao assunto, mas tenho uma longa viagem pela frente e muito que fazer antes de partir. O que te traz cá?

— Vou para o centro do país amanhã de manhã — anunciou. — Vim informá-la disso.

A outra franziu o sobrolho.

— As Senhoras da Lua não têm a obrigação de me manter a par das suas viagens.

— Foi precisamente por isso que fiz questão de a avisar. Todos os clãs ocidentais ouviram o apelo do Caçador, estamos cientes da presença dos Mantos Negros e vim falar consigo por não saber se esta informação altera os seus planos.

— Como assim?

— A Dianna está em declínio. — Gwynith franziu o sobrolho. — Aliás, não se pode dizer que esteja exatamente em declínio, mas apareceu uma... pretendente... e nós que partilhamos o dom da Lua fomos convocadas para decidirmos quem se assumirá como a nova Senhora da Lua... a Caçadora.

Por instantes, Ashk não teceu comentários. Não estava de acordo com Dianna, nem com a recusa da Caçadora em fazer o que quer que fosse para proteger as bruxas e os Lugares Antigos, mas, pelo menos, era uma adversária que conhecia. Com o aparecimento de uma nova Caçadora... Gwynith tinha razão. Para o bem e para o mal, isso podia modificar a situação.

— Nesse caso, desejo-te sorte.

Gwynith abanou a cabeça.

— Não sou eu a sucessora. Ouvi a convocatória, por isso vou assistir à cerimónia e jurar fidelidade a quem vier a comandar as que partilham do meu dom. No entanto, quis vir dizer-lhe que, se tiver de escolher entre a Caçadora e o Caçador... farei tudo o que a Senhora Ashk quiser de mim.

Ciente de que Gwynith poderia ser privada do seu poder se desafiasse quem quer que fosse a nova Senhora da Lua, disse-lhe:

— Esperemos que nunca tenhas de fazer essa escolha.

## CAPÍTULO DOIS

### QUARTO MINGUANTE

— Não tens de fazer isto.

Selena parou de arrumar os artigos de higiene que colocara em cima do toucador para os levar quando partisse, levantou o olhar para o espelho e fixou-o nos olhos castanhos-esverdeados da irmã mais nova.

— Tenho, sim.

— Não lhes debes nada.

Selena esforçou-se por não sorrir. A irmã protegia-a com muita convicção. Rhyan fora sempre assim, dada a atirar insultos — às vezes paus e torrões de terra, quando as palavras bastavam — em defesa de uma irmã que não era como ela, que aliás nem era filha dos mesmos pais.

O que não se atrevia a dizer àquela irmã do seu coração era que a sua lealdade e o seu amor eram motivos tão bons para fazer aquela viagem, como as suas próprias necessidades.

— De facto, não lhes devo nada. — Selena voltou-se para a jovem que fora uma autêntica pedra de toque nos períodos mais conturbados da sua vida. — Não faço isto pelos Fae, Rhyann. Faço-o por mim própria. A Lua chama por mim. Sou tão sensível como o mar à atração dela. Tenho um poder dentro de mim que está à espera de ser liberto e que me preenche totalmente, não deixa espaço para mais nada. Podia celebrar essa força sozinha, mas sinto a necessidade de o fazer de acordo com a tradição dos Fae. Desta vez tenho de me juntar a eles.

— Porquê? — indagou Rhyann, em tom preocupado, quase suplicante.

Selena sentou-se no banco em frente ao toucador e esperou que a irmã se instalasse num dos cantos da cama.

— Acreditas no que o Skelly, o contador de histórias, nos disse quando passou por cá? Acreditas que existe um grupo de homens que dão pelo nome de Inquisidores, que tem por missão eliminar as bruxas e destruir a magia dos Lugares Antigos?

Rhyann anuiu com um aceno relutante.

— É difícil contestar o que ele nos disse quando o vento me diz o mesmo. Cada lufada que vem do Oriente traz uma mensagem de angústia, raiva, medo... e sinais de um ser malévolo que se regozija com a angústia alheia... e principalmente com o medo.

— Acreditas que foi o próprio Senhor das Cantigas, o Bardo dos Fae, quem levou essa notícia à aldeia do Skelly e deixou o aviso?

A outra encolheu os ombros.

— Isso não faz diferença.

— Faz, sim. — Selena inclinou-se para a frente. — Quer dizer que existem Fae que não se esqueceram do que é a Casa de Gaian e do que ela representa. Quer dizer que existem Fae que não se preocupam apenas com eles próprios. Se até esses acabaram por acordar e estão preocupados, teremos mesmo o direito de ficar aqui, nas nossas aldeias, na Serra da Mãe, sem fazermos nada?

— Ninguém disse que não faríamos nada! — protestou.

Selena fixou a irmã com o olhar, embora, na verdade, não estivesse atenta a ela.

— Desde o solstício que tenho andado a sonhar. Os sonhos têm-se tornado cada vez mais intensos. Sonho que estou numa clareira que nunca vi na vida, e ali, no meio daquele espaço aberto, a relva é mais verde, mais viçosa do que em volta. Por qualquer motivo, paio por cima da clareira e vejo os contornos de um veado. Quando volto a descer e assento os pés descalços naquele chão, sinto as vibrações de milhares de pés que marcham a par e passo. Respiro fundo e engasgo-me com o fedor do sangue e da morte. Dou meia dúzia de passos e bebo de uma lagoa de água límpida. Engasgo-me com o travo do sangue que suja o rio que alimenta a lagoa. Depois oiço palpitar um coração, enorme e vagaroso, e percebo que a floresta ganhou vida. Ouve. Vê. Dirige-se para a Serra da Mãe. Então, sinto-me rodeada de luar, sinto que a Lua me preenche e sei que não posso impedir a criatura que vive na floresta de vir para aqui. Dito isto, posso ganhar força suficiente para a enfrentar.

Rhyann inclinou a cabeça para um lado.

— E depois?

— Como assim?

— No teu sonho, o que acontece depois?

— Eu... — Selena apertou os lábios com força. Imaginou dois cães negros a correrem na floresta banhada pelo luar. Vão ao encontro de um inimigo comum; uma silhueta masculina no meio de um enorme anel de cadáveres amontoados, mulheres assassinadas. — Não me lembro. — Esfregou o rosto com as mãos. — Tenho de ir, Rhyann. Quer seja bem-sucedida, quer não, tenho de tentar. O poder que tenho em mim não me dará descanso se não fizer um esforço.

— Vou contigo.

Selena deixou cair as mãos sobre os joelhos.

— Não vais, não. Já discuti o assunto com o pai. Não preciso de companhia. É melhor ir lá sozinha.

— É melhor se fizermos parte da viagem juntas, para o pai se preocupar menos.

Foi dominada por um arrepio que lhe endureceu a voz.

— Que conversa é essa? Não vais a lado nenhum.

— Já sou maior de idade — replicou, com igual dureza. — Posso fazer o que quiser, sem ter de pedir autorização a ninguém. — Suspirou. — Se estamos dispostas a acreditar que o Bardo não se preocupa só com os Fae, não é possível que a Senhora dos Sonhos partilhe das mesmas preocupações?

— O que têm os meus sonhos a ver com a tua ida? — Rhyann não podia ir. Pura e simplesmente não podia. O pai teria de resolver esse problema. Sempre tivera mais êxito do que a mãe no trato com a filha mais nova.

— Os teus, nada — respondeu-lhe, com relutância. — Os meus têm. — Ao fim de uma hesitação demorada, prosseguiu: — Tenho sonhado com fogo. Labaredas enormes. Chamas terríveis. Sinto que estão quentes. Magoam-me. E então acaba a música... desaparece. É engolida pelo fogo. — Apoiou a cabeça na coluna da cama. — É por isso que tenho de ir. Não creio que seja capaz de apagar o incêndio, mas posso impedir o fim da música.

Rhyann fechou os dedos da mão direita. Quando voltou a abri-los, tinha uma pequena esfera de luz dourada na palma.

— Sonhos e força de vontade — disse, em voz baixa. — Em tempos, construímos todo um universo a partir de sonhos e força de vontade.

— Além de terra, água, fogo e ar — acrescentou Selena, no mesmo tom.

— Usámos sol e luar para fazer a ponte entre os mundos. Lembras-te da Anciã a quem a mãe nos levou há oito anos, no verão em que fiz treze anos e recebi o meu pentagrama?

Selena levantou um braço e acariciou o símbolo que usava ao pescoço. Também ela participara numa cerimónia que assinalara oficialmente o início do percurso de uma jovem que se tornaria numa mulher poderosa, uma mulher da Casa de Gaian. Recordava-se que, quando fizera dezassete anos, tinha aguardado junto da mãe e do pai enquanto as Anciãs cumpriam o ritual e presenteavam as jovens com os pentagramas que simbolizavam o laço que as unia à Mãe Universal, que as identificava como bruxas, Filhas da Mãe de Todos. Não sabia na altura, tal como não sabia agora, se tivera mais orgulho no dia em que recebera o pentagrama, ou no momento em que vira Rhyann aceitar o dela.

— Lembro-me — afirmou Selena. — Lembro-me do que nos ensinou nesse verão.

— Também eu.

A irmã mais velha suspirou.



— Promete-me que não vais sozinha para leste da Serra da Mãe. Promete-me pelo menos isso.

— Prometes o mesmo?

Ficou furiosa e sentiu um calor à flor da pele, mas guardou para si a resposta violenta que lhe apetecia dar. As fúrias de Rhyann não ficavam aquém das suas, portanto, adiantaria alguma coisa darem largas ao mau génio e verterem lágrimas mais tarde, quando era o amor que tinham uma pela outra a acender aquele rastilho?

— Prometo.

A jovem cravou o olhar nela, surpreendida. Então, soltou o ar dos pulmões e levantou-se.

— Vamos acabar de arrumar os teus alforges, para eu poder ir tratar dos meus. Amanhã, temos de partir bem cedo.

Selena fixou o olhar no teto, embora não visse nada no quarto que a noite escurecera, com o coração a bater com demasiada violência, excessivamente acelerado.

*Foi só um sonho, refletiu. Arrastou-se para fora da cama e cambaleou até à bacia. Foi só um sonho, provocado por saber que a Rhyann não vai ficar em casa, onde está em segurança. Pelo menos tão segura quanto poderia estar nos dias que correm.*

Despiu a camisa de noite encharcada em suor e enrolou os cabelos com uma mão, prendendo-os antes de aspergir o rosto com algumas gotas de água. Mergulhou um pano na bacia, torceu-o e passou-o sobre o corpo. A água não lhe pareceu tão fria como o suor que secava na sua pele e imaginou que estava a limpar a espuma do sonho juntamente com a transpiração.

Por fim, concentrou-se e lançou um pouco do fogo que a Mãe lhe dava na direção da vela que estava em cima do toucador. O pavio acendeu-se e a chama esbateu o negrume, transformando-o em cambiantes de cinzento.

Vagarosa, dirigiu-se para o toucador, deixou-se cair no banco e olhou-se ao espelho.

O rosto com que se deparou não era humano. Nunca parecera humano. Tinha cabelos absolutamente negros, e não castanhos-escuros, como era mais habitual, e os seus olhos eram cinzentos-esverdeados, em vez de castanhos-esverdeados, cor dominante entre os descendentes da Casa de Gaian. Nenhum desses pormenores teria feito com que chamasse a atenção se não fossem os traços do seu rosto... As pessoas olhavam-na e viam nela um Fae. Realmente era disso que se tratava. Que a Mãe a acudisse. Tinha em si tanto de Fae como de bruxa, era o fruto da união de uma Fae com um jovem irresponsável. A Fae não quisera ficar com a sua filha mestiça e o jo-



vem pedira ajuda ao seu irmão mais velho, já casado, para criar o bebê que a senhora lhe deixara nos braços antes de desaparecer para sempre da sua vida. Tal como o jovem pai que, numa tarde, pediu à cunhada que tomasse conta da filha e nunca mais voltou. Nunca mais pediu notícias nem tornou a falar da criança, que nunca mais voltou a saber dele.

Houvera alturas em que as outras crianças, cruéis, tinham feito pouco das suas orelhas pontiagudas e dos traços característicos do seu rosto, momentos em que desejava ver os dois indivíduos cuja união resultara na sua existência, para poder gritar, bradar, ralhar por terem sido tão incautos e desleixados. Isso acabara por não ter importância, mas não por causa do homem que, oficialmente, era seu tio mas sempre a tratara como um pai e a ensinara a andar a cavalo e a dançar. Não por causa da esposa dele, que lhe mostrara com abraços e raspanetes que a acarinhava como a uma filha e lhe ensinara o que era ser-se feiticeira. Acabara por não ter importância por causa de Rhyann, a irmã mais nova que a adorava. Rhyann que num dia lhe entrara, orgulhosa, no quarto para lhe mostrar as tampas triangulares que fizera com restos de tecido e cosera com pontos toscos e infantis para ter orelhas pontiagudas como as dela. Rhyann que, da primeira vez que Selena assumira, inadvertidamente, a sua forma alternativa, levava a sua irmã revestida de pelo, apavorada, para casa e não saía de perto dela enquanto os pais não conseguiram sossegá-la, horas mais tarde, até encontrar em si própria a solução para tornar a transformar-se numa menina. E quando as necessidades que sentia se confundiam a ponto de perder a sua noção de identidade, era Rhyann quem lhe dizia, com grande convicção: «És uma bruxa. Sempre foste. És uma Filha da Mãe Universal.»

Sempre fora e sempre seria feiticeira. Uma feiticeira invulgar e poderosa, capaz de utilizar todos os elementos da Mãe: a terra, o ar, a água e o fogo, com igual mestria. Havia muitas pessoas na Serra da Mãe com a capacidade de controlarem os quatro elementos mas quase todas tinham maior domínio sobre um deles do que sobre os outros três. No caso de Selena, todos eles era igualmente manipuláveis e dominava-os com a mesma facilidade com que respirava. Nesse aspeto, Rhyann era uma irmã de verdade.

Todavia, Selena era também uma Senhora da Lua, facto do qual só tomara conhecimento oito anos atrás. A Anciã que lhe ensinara alguns dos feitiços mais antigos que a Casa de Gaian conhecia reconhecera essa sua faceta. A idosa senhora recusara-se a explicar como descobrira aquilo que sabia sobre os Fae, sobre as Senhoras da Lua e, particularmente, sobre aquela que as controlava, mas a informação que lhe transmitira ajudara-a a compreender aquela parte da sua pessoa que lhe parecia um ser alheio a morar dentro do seu corpo.

Agora essa parte da sua herança agigantava-se, chamava por ela, exigia

que obedecesse. Assim sendo, responderia ao chamamento e iria ao local onde as outras Senhoras da Lua tinham encontro marcado, para se apresentar como pretendente, decidida a descobrir se tinha a força necessária para se tornar na próxima Senhora da Lua, a nova Caçadora.

Levantou-se, afastou-se do toucador e assumiu a sua forma alternativa. Então, poisou as patas dianteiras no banco para tornar a ver-se ao espelho.

Era um cão negro. Um predador mortífero como aqueles que as Senhoras da Lua usavam nas Caçadas Selvagens.

Selena voltou a metamorfosear-se e cravou o olhar no espelho, apoiando-se com as mãos no banco.

*Dois cães negros a correrem na floresta banhada pelo luar. Vão ao encontro de um inimigo comum.*

Quem seria o outro cão? Estaria uma das Irmãs do Sono a brincar com ela, a atormentá-la com pesadelos, para a fragilizar antes do desafio que se avizinhava, ou seria uma dádiva da Senhora dos Sonhos, com o intuito de lhe mostrar uma aliada contra um inimigo comum? Precisaria de aliados, principalmente se saísse vencedora da prova. Quem seria o segundo cão?

Voltando a sentir frio, apesar da noite abafada de verão, apagou a vela e tornou a deitar-se na cama, para se embrulhar com as cobertas.

*Uma silhueta masculina no meio de um enorme anel de cadáveres amontoados, mulheres assassinadas...*

Sim. Precisava de uma aliada, porque hoje, naquela roda de cadáveres, vira os corpos da sua mãe... e de Rhyann.

## CAPÍTULO TRÊS

### QUARTO MINGUANTE

Breanna resmungou quando tirou o arco e as flechas de um canto do guarda-roupa. Continuou a resmungar pelos corredores da casa da família e até chegar à porta da cozinha.

O mal dos homens era que viam o mundo de um modo demasiado racional para ser considerado errado... mas que também não estava exatamente certo. E o homem que, além de barão, era também o seu irmão mais velho, conseguia ser a criatura mais casmurra e embirrenta do universo, particularmente quando defendia que ela devia aprender a manejar armas e era apoiado nesse sentido por um Fae que tinha o título de Senhor dos Falcões.

— Cabeças de vento — resmungou Breanna ao abrir a porta da cozinha, para depois se plantar à soleira. Baixou o olhar para o Idjit, que estava estendido ao lado da porta, entretido a roer o osso que Glynis, a governanta, tirara da sopa para lhe dar. — Têm os dois a cabeça no ar, embora só um deles tenha a capacidade de assumir uma forma que lhe permite voar lá em cima. E onde se foram meter? Explica-me. Estão os dois ansiosos por me estragar o dia e nem se dignam a aparecer. Devem estar a tratar de assuntos importantíssimos, coisas de homem: como mudar de penas, no caso do cabeça de vento Fae; ou a fazer aquilo que os barões dizem que estavam a fazer quando querem justificar o atraso na chegada para um encontro marcado por eles.

O cachorro preto revirou os olhos, abanou a cauda e continuou a roer o osso.

— Não prestas para nada — atirou, azeda. — Claro que não. És macho, como eles.

Fechou a porta da cozinha e encaminhou-se para o extenso tapete de relva que cobria o quintal nas traseiras da casa de campo. Desde a vinda das primas que haviam fugido da parte oriental de Sylvalan no início do verão, para se refugiarem com a família dela no Lugar Antigo de Willowsbrook, havia muitos animais nos estábulos e nos cercados, além de muitas crianças a correrem de um lado para o outro, a brincarem por ali, portanto não podia montar alvos para treinar naquele local. Fora por isso que Clay, o homem que tratava dos cavalos, pusera fardos de palha para esse efeito perto da horta.

Não que discordasse da ideia de fazer tiro ao alvo. Na verdade, costumava aproveitar os treinos para pôr as ideias em ordem e recuperar o equi-

lívrio físico e psicológico. Opunha-se, sim, à ideia de que precisava daquele treino. Pelas tetas da Mãe! Tinha tanta pontaria como muitos homens e há vários anos que levava caça para casa. Até o próprio Clay dissera a Liam e a Falco que não tinham de lhe ensinar a acertar num alvo. E o Barão de Willowsbrook e o Senhor dos Falcões deram-lhe ouvidos? Claro que não. Cabeças de vento.

Breanna estacou a olhar para os homens e para os meninos mais velhos que estavam a limpar os estábulos e a cuidar dos cavalos, olhou para as mulheres que penduravam roupa nas cordas, olhou para os pequenos que estavam entretidos com um jogo qualquer no relvado, lançou o olhar para trás dos seus parentes e fixou-o no arvoredado que se erguia no limite do quintal, refletindo sobre o Povo Menor que morava na floresta. Endireitou as costas para tentar aliviar o aperto que sentia no peito.

— Onde tens a cabeça?

Breanna voltou-se na direção de onde viera a pergunta e deparou-se com a prima Fiona, que estava a poucos metros de distância, com um arco e uma aljava nas mãos.

— Também vais fazer tiro ao alvo? — perguntou-lhe.

A outra encolheu os ombros.

A prima voltou-lhe as costas, tornou a concentrar-se na floresta e disse, em voz baixa:

— Não fareis o mal. É esse o lema das bruxas. Esse lema tem toda a razão de ser, não nos faltam motivos para usarmos o poder que temos em nós apenas para ajudarmos e curarmos os outros, para mantermos o equilíbrio entre a Mãe Universal e todas as criaturas que vivem dos seus frutos.

— E para os protegermos? — aventurou Fiona, com cautela.

— E para os protegermos — suspirou Breanna. — Não me sai da cabeça que não preciso de aprender a brandir armas contra terceiros, que já trago em mim uma arma mais destrutiva do que a humanidade seria capaz de inventar. Então, pergunto-me se todas as bruxas que foram assassinadas pelos Inquisidores terão pensado o mesmo e só terão percebido que estavam enganadas tarde de mais. Ou ter-se-ão agarrado tanto ao seu lema que nem sequer tentaram resistir?

— Serias capaz de matar um homem?

Breanna sentiu-se dominada por uma estranha sensação que, nos últimos tempos, andava a tirar-lhe o sono. Voltou-se para a prima e respondeu-lhe:

— Sim, seria. Se fosse preciso fazê-lo para proteger a minha família, o Lugar Antigo, ou o Povo Menor... seria capaz. — Levantou a mão que segurava o arco. — Não me custaria tanto fazê-lo com uma arma feita por seres humanos, do que se tivesse de violar o lema que sempre respeitei toda

a vida e usar o meu poder para fazer mal a terceiros. Mas também estaria disposta a isso, se não houvesse alternativa.

— Quanto a isso, estamos de acordo — afirmou a outra. — Perdi a minha mãe e a minha avó. O meu pai também. Além de demasiados tios e tias. Somos uma família muito numerosa e dispersa. Alias, éramos. Às vezes penso que devíamos ter retaliado, que devíamos ter feito frente ao barão quando começou a promulgar leis que nos privavam de muita coisa. No entanto, não poderíamos ter feito isso sem fazermos mal a terceiros e as Anciãs não desistiram do lema. Só compreenderam o preço que isso teria quando já era tarde de mais para agirem, exceto para salvarem quem pudessem, sacrificando-se a si próprias.

— Não foi assim tão linear — replicou, com carinho.

A prima deixou escapar um suspiro e disse:

— Eu sei, mas há dias em que me é mais fácil culpar quem me era querido por ter dado a vida para nos salvar, do que admitir que ignorar o nosso lema não teria feito diferença. Não naquela situação. Não naquelas circunstâncias. Os Inquisidores já controlavam o barão e o barão dominava o povo. De que teria servido queimarmos as searas e secarmos os poços? Isso só teria prejudicado o povo e demonstrado que as bruxas são as criaturas malvadas que os Mantos Negros nos acusam de sermos.

— Não sabemos ao certo se as Anciãs morreram.

— Breanna... — replicou, com uma voz cheia de sabedoria e sofrimento, embora isenta de qualquer sinal de aceitação. Se os Inquisidores atacassem o Lugar Antigo onde agora se encontrava, pelo menos algumas das feiticeiras que ali moravam usariam todas as armas que tivessem à mão para retaliarem.

Breanna inspirou fundo e soltou, lentamente, o ar dos pulmões.

— O ar é o elemento da Mãe Universal que domino melhor. Tu és especialista no que respeita à terra. Se acabarmos por ser obrigadas a combater aqui, seria melhor se também houvesse cá alguém capaz de manipular o fogo e a água.

— Nem todas estamos dispostas a romper com o lema. Mesmo sabendo aquilo que sabemos hoje, mesmo depois de tudo aquilo a que assistimos.

— Eu sei. — Breanna tornou a arrumar alguns cabelos na sua trança mal apertada e olhou para o arco que tinha na mão. Mesmo sem usarem os seus poderes como armas, as feiticeiras tinham outras formas de combater o inimigo. — Sabes atirar com arco e flecha?

Fiona emitiu um ruído indelicado.

— Claro que sei.

— Então, mais vale treinarmos um bocadinho, antes que os nossos «instrutores» apareçam para servirem de alvos.

A prima deu uma gargalhada, mas com alguma amargura.

— Imagino que o Barão Liam e o Senhor Falco só queiram garantir que estás disponível e em boa forma para os protegeres quando aparecerem.

— Para os proteger de quê? — Agora que Fiona falava disso, ocorria-lhe que Liam tendia a ficar perto dela sempre que visitava a casa e que, quando não a acompanhava, deixava-se ficar com a sua mãe, Elinore, que se mudara temporariamente com Brooke, irmã mais nova do barão, para o Lugar Antigo de Willowsbrook, ou então mantinha-se perto de Nuala, a avó de Breanna. Falco, por seu turno, quando não podia estar com ela, tendia a encostar-se a qualquer grupo de homens que encontrasse por ali. Qual seria a ameaça de que dois homens adultos sentiam a necessidade de se protegerem, a ponto de se comportarem assim?

Breanna começou a ter vontade de rir, estava em risco de desatar às gargalhadas, mas a expressão no rosto de Fiona fez com que se contivesse.

— A Jean? Achas que têm feito esses esforços todos por causa dela? Pelas tetas da Mãe, Fiona, a rapariga só tem dezasseis anos.

— E tenta descaradamente seduzir tudo o que mexe, veste calças e tem uma cara suficientemente engraçada.

— Tens razão — admitiu Breanna, preocupada com a raiva que a outra deixava transparecer —, realmente faz isso.

— Quando colocas assim a questão, até parece que é demasiado nova para pensar em ir para a cama com homens — ripostou Fiona, furiosa. — E talvez não tenha idade suficiente para pensar em homens dessa maneira, mas já se tornou numa predadora no que respeita ao sexo oposto. Quer que os homens a adorem e conta com a adoração deles. Quer que satisfaçam todos os seus desejos e caprichos e julga que tem direito a isso.

— Não queríamos todas o mesmo com a idade dela? — perguntou Breanna, cuidadosa. A fúria e o desprezo evidentes na voz de Fiona preocupavam-na tanto quanto a sua escolha da palavra «predadora». — Não tínhamos todas a fantasia de que éramos especiais? — indagou, pensando: *Não queremos sentir-nos assim ainda hoje?*

— Nunca tiveste dezasseis anos como os dela. Eu também não. Nunca terias... — começou, mas apertou os lábios com força até se reduzirem a um risco fino e severo. — Ela nem sempre vive de acordo com o nosso lema quando fica despeitada por um homem não lhe dar atenção.

Breanna teve um arrepio nas costas, sentiu uma pontada de medo que lhe endureceu a voz quando replicou:

— O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que o Liam e o Falco têm toda a razão para temerem estar a sós com ela, principalmente quando está à vista de todos, menos da

Jean, que nenhum dos dois se sente à vontade com o interesse que tem neles e não querem assumir o papel de admiradores apaixonados.

— Não posso crer. Achas, sinceramente, que a rapariga usaria os seus poderes para lhes fazer mal por não terem interesse nela?

Fiona anuiu com um aceno vagaroso.

— Por não terem interesse nela... e porque estão interessados em ti.

Breanna olhou-a fixamente, demasiado pasmada para reagir.

— Oh, não estão os dois interessados da mesma maneira. Não nesse sentido — prosseguiu a outra. — Mas és sempre a primeira pessoa por quem perguntam. Procuram-te quando querem compreender a nossa maneira de estar. A Jean está ressentida com o «poder» que exerces sobre os dois, porque quer o mesmo para ela.

A prima abanou a cabeça, não para contestar aquilo que Fiona dissera, mas porque não se sentia capaz de admitir que a Jean pudesse ser um perigo para Liam e Falco. Violar o lema das bruxas para defender a sua família e a sua terra era uma coisa; era outra bem diferente desrespeitá-lo e fazer mal a alguém simplesmente por se ter essa possibilidade.

— Tens provas de que a Jean alguma vez magoou um rapaz por não se ter mostrado suficientemente atencioso?

— Provas? Não. Suspeitas? Com certeza que sim. Mas sempre foi muito carinhosa com as Anciãs e ninguém acreditaria que a bela Jean, querida como é, pudesse ser uma cabra sem coração. Nunca assisti a nada de grave, percebes? Só pequenas maldades que podiam facilmente ter sido interpretadas como acidentes, se não tivessem acontecido pouco depois de um rapaz que ela achava engraçado ter preferido outra menina. — Fiona suspirou. — Quem me dera que não tivesse vindo connosco. Mesmo sabendo aquilo por que teria passado se tivesse ficado para trás, preferia que não tivesse vindo. Ao longo da viagem, tive sempre medo que fizesse alguma coisa que chamasse demasiada atenção para nós, que levasse os guardas das aldeias por onde passámos a investigarem de onde vínhamos, ou quem éramos.

— Mas ela não fez nada — replicou Breanna. — Se a Nuala a tiver debaixo de olho, talvez...

Fiona abanou a cabeça.

— Como te disse, as Anciãs só viam na Jean aquilo que queriam ver e é essa a faceta que ela mostra à Nuala. Veem nela uma menina bonita, às vezes birrenta, mas brincalhona, muito feminina e entusiasmada. Ganhou medo suficiente às pessoas que os Inquisidores envenenaram contra nós para se portar bem na viagem para cá, mas o único motivo por que não fez mais estragos lá foi...

— Foi...? — insistiu Breanna.



A prima mostrou-se constrangida, antes de concluir, por fim, o raciocínio:

— Foi o facto de ter medo da Jennyfer. E ainda não se meteu em sarilhos aqui porque tem medo de ti.

— De mim? Mas porquê?

— Tu e a Jenny são... diferentes... das outras feiticeiras. Não digo isso no mau sentido, mas... têm uma força muito profunda, uma força que nasce daqui. — Fiona passou a aljava para a mão que segurava o arco e encostou a outra ao peito. — Lembro-me bem da última vez que vim visitar a família e passei o verão aqui. Lembras-te?

— Sim — admitiu Breanna, em voz baixa.

— Numa noite, levantou-se uma tempestade brutal: uma ventania que ameaçava arrancar as árvores pelas raízes e uma chuvada tão forte que nos podia magoar. Encolhemo-nos todas em casa, mas tu e a Jenny... ouvi-vos esgueirarem-se para fora do quarto que partilhavam comigo. Quando espreitei pela janela, estavam as duas lá fora, de camisas de dormir, a dançar no meio do temporal. Parecia que estavam a festejá-lo... a modificá-lo. O ar e a água. Assimilaram a tempestade, absorveram-na, integraram-na na vossa dança e devolveram-na mais branda ao mundo. Amansaram o temporal, Breanna. Tu e a Jenny. — Fiona sorriu. — Se visses a tua cara agora... Até parece que comecei a falar uma língua estranha, incompreensível.

— E começaste... — replicou, abanando a cabeça. Recordava-se da tal noite. Lembrava-se de ter estendido uma mão ao mesmo tempo que Jenny estendia a dela, antes de saírem de mãos dadas ao encontro da tempestade, sentindo a força da Mãe de Todos redemoinhar em volta delas, preenchendo-as enquanto dançavam. Realmente, tinham festejado aquele temporal, tinham reconhecido a sua intensidade e tinham-se unido a ele de um modo tão natural que não exigira explicações, nem reflexão. O que haveria de estranho nisso?

*Estão intimamente ligadas à Serra da Mãe.*

Lembrava-se de ter ouvido essas palavras da boca de uma das Anciãs na manhã depois da tempestade. Como tinha família na serra, não estranhara a frase, mas recordava-se também de que, enquanto Fiona, Rory e algumas das outras primas a tinham voltado a visitar algumas vezes após aquele verão, nunca fora convidada a ir a casa delas, excetuando a casa de Jenny.

Confusa e embaraçada — e não menos irritada consigo própria e com Fiona por terem aqueles sentimentos —, encolheu os ombros com indiferença.

— Vamos fazer tiro ao alvo.

*Vontade não me falta de trespassar qualquer coisa, pensou.*



Breanna ainda só dera meia dúzia de passos na direção da horta quando foi sobrevoada por um falcão, que gritou em sinal de aviso ao passar por ela. Nesse mesmo instante o filho de uma das famílias de agricultores que haviam fugido com os parentes da feiticeira saiu do meio do arvoredo e correu ao encontro delas tão depressa quanto as pernas lhe permitiam.

— Está um homem na floresta! — gritou o rapaz. — Um homem vestido com um manto negro! Vem para aqui.

— O que estavas a fazer na floresta? — barafustou Breanna, assim que ele fez uma travagem abrupta à sua frente. As crianças não estavam autorizadas a irem para a floresta sozinhas. Mantinham-se ali algumas das criaturas que eram conhecidas por caçadores noturnos.

— A Jean quis ir à procura de umas plantas — explicou o rapaz, ofegante. — Disse-me que tinha de ir com ela, porque não podemos entrar sozinhos na floresta e... — deitou um olhar nervoso a Breanna e depois a Fiona — ... e não quis pedir às outras bruxas que lhe fizessem companhia.

Não havia tempo para meditar sobre quais seriam as espécies de plantas que tinham levado Jean a achar melhor não ir com outra feiticeira, tão-pouco sobre o que pretendia fazer com elas.

— Vai... — disse Breanna, a olhar para os estábulos. Os homens, alertados pelos gritos do falcão, já tinham posto mãos à obra: aparelhavam alguns cavalos, levavam outros para as cavaleriças e reuniam as armas que, naqueles tempos, se encontravam sempre à mão. — Vai para casa e avisa a Nuala. Já!

Quando o rapaz arrancou na direção da residência, Fiona e a prima entreolharam-se.

— Leva os meninos para dentro — disse Breanna.

A outra preparava-se para protestar quando se apercebeu de que Clay e o seu irmão Rory se aproximavam a correr, com o falcão a voar à frente deles. Acenou com a cabeça e correu ao encontro das crianças, que tinham interrompido a brincadeira e atentavam, nervosas, nos adultos.

Confiando que Fiona tomaria conta dos meninos, Breanna poisou a aljava a seus pés e pegou num punhado de flechas. Espetou quatro no chão, à sua frente, para serem fáceis de apanhar em caso de necessidade. A quinta, colocou-a no arco, segurando a corda ao de leve com os dedos. Voltou-se para o trilho que saía da floresta e ficou à espera.

Pressentiu um movimento à sua esquerda, começou a puxar a corda do arco e a virar-se, mas percebeu que Falco acabara de chegar. O falcão transformara-se em homem mas esquecera-se de usar os seus poderes para esconder com uma máscara humana as orelhas pontiagudas e os traços ferinos que caracterizam os Fae. Ou isso, ou não tinha razões para se disfarçar.

— É um Manto Negro? — perguntou-lhe, em voz baixa.

Falco abanou a cabeça.

Essa reação teria sido reconfortante se ele não lhe parecesse apreensivo, talvez nervoso. Quem quer que estivesse na floresta não era um Inquisidor, mas também não era nenhum amigo.

Acabara de se voltar, novamente, para o trilho quando Jean saiu a correr do arvoredo. A jovem parecia afogueada, animadíssima. Não estava, de maneira nenhuma, assustada.

A poucos metros de Breanna, Jean parou de correr. Sacudiu a saia, alisou os cabelos com as mãos, humedeceu os lábios com a língua e beliscou as bochechas, para lhes dar outra cor.

— Estou bem assim?

Breanna fixou-a com o olhar.

— Vai para casa. Está um intruso na floresta. Talvez seja um Inquisidor.

— Foi isso que ele te disse? — replicou Jean, deitando a Falco um olhar que tinha tanto de fulminante quanto de enjoado.

Quaisquer reservas que Breanna tivesse a respeito das suspeitas e das impressões de Fiona desapareceram assim que viu aquela expressão.

— Não é um Inquisidor — afirmou Jean. — É um Senhor Fae e é lindíssimo.

Viu frieza e maldade nos olhos da menina quando percebeu que Falco não reparara que Jean passara a considerá-lo um exemplar de qualidade inferior.

— Breanna — chamou o Senhor dos Falcões, em voz baixa.

A bruxa olhou para o carreiro e viu o intruso sair do arvoredo. De facto, era lindo com os seus cabelos escuros e pele clara. Ainda se encontrava demasiado longe para lhe ver a cor dos olhos.

— Vai para casa, Jean — insistiu, em voz baixa.

— Para poderes fazer um figurão? — barafustou a outra, desagradável. Dedicou um sorriso doce, de boas-vindas, ao recém-chegado.

O homem estacou e demorou-se a contemplá-la, como se lhe tirasse as medidas. Quando recomeçou a aproximar-se, deitou a Falco um olhar tão agressivo como fora o de Jean.

— Então, foi aqui que te escondeste — atirou, bruscamente, depois de ter parado a alguma distância deles.

— Agora vivo aqui — replicou Falco.

— Vives? Já te esqueceste de quem és? Esqueceste as tuas obrigações para com o clã?

— Faço falta aqui.

— Por que motivo? Para seres de quê? Para seres animal de estimação de uma bruxa? — O homem mostrou-se furioso, revoltado. — Quando me disseram que aqui estavas, manso e submisso, disse que estavam enga-

nados. Disse que o Falco sabia as obrigações que tem para com o clã e que, se estava a aproximar-se de uma bruxa, seria apenas para a seduzir, para ganhar a confiança dela. Feito isso, haveria de a convencer a ir com ele para Brightwood, de modo a termos outra feiticeira para alimentar a magia do local, para manter a estrada aberta. Voltaríamos a ter uma bruxa que cumprisse o seu dever para com os Fae e libertasse a minha irmã desse fardo. Foi assim que lhes respondi. Agora vejo que tinham razão. Abandonaste o teu clã, afastaste-te da tua própria espécie. E para quê? Ao menos ela abre as pernas para ti, ou és tão frouxo que nem isso exigis a troco dos favores que lhes fazes aqui?

Encolerizada, Breanna levantou o arco, puxou a corda e apontou para o peito dele.

— Quem julga você que é?

— Diz-lhe — ordenou o homem, apontando com um dedo para Falco. O Senhor dos Falcões hesitou, antes de o apresentar.

— Este é o Lucian. É o Senhor do Sol. O Senhor do Fogo. O Lucífero.

Talvez tenha sido por aqueles dois esperarem que se sentisse intimidadada, submissa, possivelmente que tivesse medo de enfrentar o líder masculino dos Fae, que o seu poder se manifestou sob a forma de uma fúria violenta.

— Ainda bem para ele — atirou a feiticeira. — Talvez vejas nele o Senhor do Fogo, mas eu só vejo um intruso em quem vou espetar uma seta se não sair da nossa terra.

— Breanna — soprou Falco, sobressaltado, quase sem fôlego.

— Breanna! — exclamou Jean, igualmente espantada. — Como és capaz de dizer tal coisa a uma visita?

Pelas tetas da Mãe! Esquecera-se de Jean.

— Já te disse para ires para casa — insistiu, severa. Não gostou do ar calculista que viu no rosto de Lucian, como se estivesse a apreciar uma égua que pretendesse acrescentar aos seus estábulos.

— Já não sou uma criança — barafustou a rapariga. — Não podes...

Breanna permitiu que o seu poder fosse influenciado pela raiva. De súbito levantou-se uma ventania em redor de Jean, que lhe emaranhou os cabelos e lhe levantou a saia. Assustada, a jovem deixou escapar um guincho, segurou a saia e baixou os braços para evitar que os homens vissem o que tinha — ou não tinha — vestido por baixo.

A outra voltou a refrear o seu poder. O vento caiu tão depressa como surgira.

— Vai para casa. Já!

— Hás de pagar por isto — prometeu a rapariga, antes de ir a correr para casa.

Breanna começava a ficar com os braços cansados depois de segurar a corda do arco durante tanto tempo. Porém, não se atrevia a descontraí-la, não se atrevia a dar a mínima impressão de que estava disposta a ceder um milímetro. Não quando Lucian acompanhava a corrida de Jean com atenção.

Se a jovem tivesse parado para conversar com o Lucífero na floresta, ter-lhe-ia sido fácil convencê-la a partir com ele. A promessa de uma visita a Tir Alaiinn? Ah, como Jean teria adorado isso. E depois? Se a levasse para Brightwood e a abandonasse, o que seria feito dela? Qual seria a sina de todos os que morassem nesse Lugar Antigo e que tivessem de lidar com ela? Por mais voltas que se desse à situação, seria sempre espinhosa e alguém acabaria por se magoar. Assim sendo, tinha de a convencer a ir-se embora e a nunca mais voltar ali.

Mas como?

— Oiça, Fae, e oiça com atenção — começou Breanna. — Não o queremos aqui. E se algum dia voltar e tentar levar alguém da minha família consigo...

— O que faz? — atalhou Lucian. — Atira-me uma flecha?

Ouviu um cavalo a galopar na direção dela. Era um ruído abafado. Só conhecia um cavalo que soava como se os cascos mal tocassem no chão e chamava-se Oakdancer. Isso implicava que era Liam quem se aproximava. A grande velocidade.

— Não me vai atacar — acrescentou o Fae, com desdém. — «Não fares o mal.» Não é esse o vosso lema?

— É esse o nosso lema — confirmou Breanna —, mas abrimos exceções.

A resposta apanhou-o desprevenido. Desencorajou-o. Todavia, recompôs-se rapidamente quando viu Liam parar o cavalo e apear-se.

— Isto não lhe diz respeito, humano — disse o Lucífero.

O barão avançou em passos largos para a irmã e colocou-se ao lado dela.

— Talvez seja fidalgo e talvez seja barão... — arrancou uma das flechas do chão, levantou-a e a metade de cima da haste incendiou-se — ... mas também sou Filho da Casa de Gaian, portanto qualquer intruso que invada a propriedade da minha irmã diz-me respeito.

— Quer ameaçar-me a mim, ao Senhor do Fogo, com chamaz? — troçou Lucian, malicioso.

Tinha uma certa razão. O dom de Liam, que herdara da parte da mãe, só se começara a manifestar recentemente. Não lhe era difícil derivar poder do fogo, mas não tinha a capacidade de o controlar, nem de extinguir os incêndios que criava.

Antes que a situação se transformasse numa luta de galos que, muito provavelmente, acabaria por queimar parte do Lugar Antigo, se não matasse alguém, baixou o arco e escolheu um novo alvo antes de disparar a flecha. Lucian espantou-se quando viu uma seta enterrar-se entre os seus pés.

Breanna aproveitou esse instante para tirar a flecha em chamas da mão de Liam e usou a sua própria ligação ao fogo para a apagar, enquanto a espetava no chão com tanta habilidade que não queimou uma única folha.

Quando tornou a endireitar-se, apercebeu-se da cautela com que Lucian a observava.

*Já não estás tão seguro de ti como estavas, pois não?*, refletiu. Bem, dar-lhe-ia mais uma razão para pensar duas vezes antes de se meter com ela.

— A Casa de Gaian criou Tir Alainn a partir de sonhos e força de vontade. Criámos as estradas resplandecentes que ligam esse universo ao mundo dos humanos. Se o senhor, ou qualquer outro Fae, tentar obrigar ou convencer alguém da minha família a retirar-se de Willowsbrook, ou se raptar algum dos meus, reúno os outros parentes, os que aqui moram e os que vivem na Serra da Mãe e arrasamos Tir Alainn. Depois fechamos as estradas resplandecentes para ficarem lá isolados.

Lucian empalideceu, vacilou e deu um passo atrás. Agora via-se nos seus olhos que estava assustado.

— Não seriam capazes de fazer isso.

— Oh, claro que seríamos. Assim desejo... — começou a feiticeira, mas não completou a frase. — Aconselho-o a voltar para a sua terra, Fae, e a deixar-nos em paz.

— Faço questão de o levar até lá — afirmou Liam, em voz baixa. Deu meia-volta, montou o Oakdancer e ficou à espera.

Lucian cravou o olhar em Falco com um ar frio e amargurado.

— Fizeste a tua escolha. Não venhas ter connosco de mão estendida quando ela se virar contra ti. Mulheres assim viram-se sempre contra nós.

Regressou à floresta, com o barão e Oakdancer no seu encalço.

Breanna viu-os desaparecerem no arvoredo. Se o Lucífero atacasse Liam, seria o seu irmão capaz de se defender? Teria sido insensato tornar-se inimiga de uma figura tão poderosa como aquela?

— Breanna? — chamou Falco, com carinho. — Estás a tremer.

— Não é todos os dias que se ameaça o Lucífero — atirou ela em resposta. — Tenho todo o direito de tremer. — Contudo, não era por ter feito frente ao Senhor do Fogo que tremia. Se acontecesse alguma coisa a Liam por causa do que fizera, como poderia Elinore compreender a situação e perdoá-la? Como poderia perdoar a si própria?

Falco estendeu um braço com cuidado e tirou-lhe o arco das mãos.

— Vem sentar-te no banco à sombra da árvore. Consegues andar até lá?

Notava-se algo de invulgar e forçado na voz de Falco, mas Breanna não se sentia capaz de pensar nisso. Sentia-se como se não tivesse ossos nas pernas e, de facto, precisava de se sentar. Não protestou quando ele pôs uma mão por baixo do seu cotovelo para a ajudar a caminhar.

— Queres água? — perguntou-lhe, assim que a sentou no banco.

A feiticeira observou-o. Ficara nervoso quando o Lucífero aparecera. Agora parecia-lhe absolutamente apavorado.

— O que tens? — quis saber.

— Breanna... — começou Falco. Desviou o olhar e tremeu dos pés à cabeça, antes de se recompor e tornar a encará-la. — Serias mesmo capaz de fazer o que disseste?

A feiticeira distraiu-se quando avistou Clay e Rory. Tinham arrancado a correr para perto dela, até que Liam se antecipara, chegando a galope para se pôr ao seu lado. Provavelmente tinham-se deixado ficar à margem para não darem nas vistas enquanto o Lucífero estava concentrado nela.

Clay levantou um braço e inclinou a cabeça na direção da floresta, convertendo o gesto numa interrogação.

Se pedisse a um dos dois que seguisse atrás do seu irmão, estaria a colocar em perigo mais uma pessoa que lhe era querida? Abanou a cabeça e viu os dois homens voltarem para casa, para contarem o sucedido a Nuala.

— Breanna? Serias capaz disso?

Surpreendida pela pergunta, tornou a olhar para Falco.

— Capaz de quê?

— As bruxas seriam capazes de fechar as estradas resplandecentes e abandonar os Fae? Seriam, sinceramente, capazes de destruir Tir Alainn?

— Como queres que eu adivinhe?

O Senhor dos Falcões sentou-se a seu lado. Confuso, sondou-a com o olhar.

— Fizeste *bluff*?

— Saí-me bem — replicou, na defensiva. — Convenci-o a ir-se embora, não convenci? — insistiu. No entanto, pensava: *Só me saí bem se o Lucian não retaliar e não fizer mal a ninguém.* — Foi a primeira vez que ele viu uma bruxa?

Falco mudou de posição, nervoso.

— A Ari... a Ari não era como tu. Era... diferente.

*Tu e a Jenny são... diferentes... das outras feiticeiras.*

— Tenho de ir falar com a Nuala — afirmou, levantando-se a custo. Quando viu que Falco permanecera sentado, hesitou e disse: — Não há aqui ninguém capaz de fazer aquilo que eu disse ao Lucian. — *Mas talvez*

*haja outras Filhas na Serra da Mãe com poder suficiente para fazerem precisamente isso.*

Falco não deu resposta, portanto ela voltou para casa sozinha.

Liam seguiu o Senhor Fae pelo meio da floresta. Assim que vira o homem pela primeira vez, decidira que não gostava dele e talvez pudesse ter desprezado essa sensação como uma reação natural a ter visto a sua irmã confrontada por um desconhecido... porém, Oakdancer dava a entender que também não o apreciava. Isso não podia dever-se ao facto de o desconhecido ser um Fae. O garanhão baio fora criado por Ahern, que fora o Senhor dos Cavalos até ter sido morto em combate por um grupo de Inquisidores. Assim sendo, algo naquele homem específico provocara a reação do cavalo.

Viu uma luz dourada por entre as árvores e percebeu que se aproximavam da estrada resplandecente que os Fae usavam para chegarem àquele Lugar Antigo. Quando Falco lhe mostrara o caminho, tal como o ensinara a Clay, Rory e Breanna, Liam e os outros dois tinham visto apenas um feixe de luz solar que parecia ligeiramente mais dourada do que era habitual. Se tivesse passado pelo local sozinho, não teria adivinhado o que era. Breanna, por seu turno, vira ali algo que lhe parecera uma esteira de ar denso e dourado. Uma estrutura translúcida que aparentava ter sido construída, pelo menos parcialmente, a partir de elementos naturais, mas não pertencia à Natureza. Em todo o caso, na altura ela já sabia onde se encontrava a estrada resplandecente.

O Senhor do Fogo parou antes de enveredar por ali e voltou-se para o barão.

— A sua irmã é tola por desafiar os Fae.

— A minha irmã pode ser muita coisa, mas tola não é de certeza — atirou, com frieza. — Se lhe apontou uma arma, por algum motivo foi. Se o ameaçou a si e ao seu povo, fê-lo por alguma razão. Isso dá-me razões suficientes para me pôr do lado dela e lhe fazer frente a si.

— Nós somos os Fae — afirmou o homem, furioso. — Somos Filhos da Mãe Universal.

— São os filhos mais mimados que Ela tem — disparou Liam. — Por amor da Mãe! Daqui a poucas semanas, é muito provável que todos nós estejamos em guerra com os Inquisidores e os barões orientais que os apoiam, e muito boa gente vai morrer durante o conflito. Não temos tempo para aturar uma raça que se mantém impávida e serena, acima de tudo, no seu território maravilhoso, que só visita o nosso mundo quando quer brincar e divertir-se. Não temos tempo para aturar as birras de crianças mimadas



que não servem para nada. Por isso volte para o seu mundo e fique lá. Não atrapalhe.

O homem transfigurou-se, ficando com um ar profundamente compreensivo. Levantou as mãos num gesto que revelava abertura e generosidade.

— Sei o carinho que se tem por uma irmã. Compreendo a vontade que tem de garantir que a sua é feliz e está em segurança — disse em voz grave, branda, apaziguadora. — Não quer que a sua irmã fique em segurança? Se ela fosse comigo para Brightwood, estaria a salvo. Os Fae protegê-la-iam de todo e qualquer mal. Seria acarinhada... estaria em segurança.

Liam oscilou um pouco, de um lado para o outro, a olhar fixamente para os olhos acinzentados do Fae cuja voz parecia envolvê-lo. Segurança. Sim, queria que Breanna estivesse segura. Havia noites em que tinha pesadelos, voltava a recordar-se das imagens que julgara serem delírios provocados pela febre que o atacara na altura em que o Barão de Breton, Padrick, o ajudara a regressar a casa depois de os Inquisidores terem tentado assassiná-lo. Havia noites em que os pesadelos se repetiam, mas incluíam os rostos de mulheres que conhecia: Breanna, Nuala, e Fiona. Até a sua mãe, Elinore. Claro que queria que elas estivessem a salvo. Queria muito... Com a sua ajuda, o Fae poderia levá-las para um sítio seguro, para um sítio...

— Não quer que ela esteja em segurança? — insistiu o outro, com a sua voz persuasiva.

De súbito Oakdancer empinou-se. Em desequilíbrio, Liam teve de se esforçar para não cair da sela. Tinha uma sensação estranha, como se o mundo, por instantes, lhe tivesse parecido desfocado e agora recuperasse a nitidez com uma intensidade dolorosa.

A voz persuasiva continuava a falar-lhe de segurança, prometia repetidamente que Breanna estaria a salvo.

Persuasiva. Persuasão. Um dos poderes dos Fae não era a capacidade de utilizarem a magia da persuasão para convencerem os outros a fazerem aquilo que, de outro modo, talvez não fizessem? O canalha estava a usar esse poder contra ele, com a intenção de levar Breanna dali. Usava o facto de temer pela segurança da irmã como um martelo para destruir a sua força de vontade.

Liam teve um aceso de raiva. Sentiu um calor alastrar-se sob a pele. Já tinha consciência do que isso queria dizer, sabia que estava a canalizar a energia do fogo, o elemento da Mãe Universal que dominava. O calor devolveu-lhe a lucidez, ardeu no seu coração. Quando voltou a olhar para o Fae, a voz deste não lhe pareceu nem mais, nem menos persuasiva do que as palavras dos barões orientais na reunião do conselho, em que haviam



tentado convencer os demais a seguirem o exemplo deles e a votarem a favor de decretos que transformariam Sylvalan num inferno para as mulheres que ali viviam.

— O que aconteceu às outras? — indagou Liam, interrompendo as promessas de segurança que o Fae debitava repetidamente.

O outro atentou no rosto do barão e ficou insatisfeito com o que ali viu.

— As outras?

— Se Brightwood é um Lugar Antigo, o que aconteceu às bruxas que lá moravam?

O Lucífero hesitou de mais.

Liam inclinou-se para a frente, começando a ficar desconfortável com o calor gerado pelo poder que o preenchia.

— Onde estavam os Fae da última vez que os Inquisidores apareceram em Brightwood? Onde estava a vossa proteção nos outros Lugares Antigos cujas feiticeiras morreram? Salvo quando a situação é inconveniente para os preciosos Fae, não querem saber se elas morrem ou não. Não, meu senhor, não confiaria a vida da minha irmã a um homem como você. Sendo assim, volte para Tir Alainn e mantenha-se à distância.

O outro fulminou-o com o olhar. Então, desapareceu, e um cavalo negro com fogo na crina e na cauda empinou-se, deu meia-volta e galopou para a estrada resplandecente.

Liam inspirou fundo e expirou o ar todo de uma vez. Pegou nas rédeas com cuidado, ciente de que, se perdesse o controlo sobre os seus poderes, poderia queimar-se e magoar o Oakdancer. Não se atreveu a libertar aquela energia na floresta. Ainda não tinha prática suficiente para o fazer em segurança. Viu-se obrigado a libertá-la da única maneira que tinha a certeza de ser inofensiva.

— Bem — disse para o cavalo, quando mudou de direção e se preparou para regressar a casa de Breanna —, hoje em dia mora muita gente no Lugar Antigo. Tenho a certeza que alguém precisa de água quente para fazer alguma coisa.

— O que achas?

Do alto de um banco na lavandaria, Breanna observava a sua avó enquanto esta dobrava calças e camisolas, reconfortando-se com aquele ritual familiar. De alguma maneira, Nuala parecia saber sempre quando a conversa exigia toda a sua atenção e quando ocupar as mãos com uma simples tarefa facilitava a escolha das palavras certas. Assim que vira a cara da neta, levava-a para ali e expulsara todas as raparigas que estavam a dobrar roupa no local.

— Sobre o quê? — perguntou a avó, dobrando mais uma camisola e depositando-a em cima das outras. — Deste-me muito em que pensar.

Demasiado agitada para ficar quieta, a neta tirou uma camisola do cesto. Tinham tanta gente em casa que havia sempre roupa para lavar e muitas mãos disponíveis para tratarem do recado. Ninguém preguiçava em casa de Nuala e até as crianças tinham tarefas para fazer. Ninguém se ofendia por ter de fazer a sua parte.

Breanna fechou as mãos e fez dois punhos cerrados.

Ninguém se ofendia, exceto Jean.

A avó arrancou a camisola das mãos dela e comentou:

— Ainda bem que esta é tua. Assim não te podes queixar dos vincos, porque foste tu que os fizeste.

A neta encolheu os ombros e Nuala continuou a dobrar roupa, placidamente.

— Queres saber se acho que foi sensato ameaçares um Senhor Fae? — perguntou a avó. — Não sei. Pelo que me contaste, parece que quando ele olha para nós, vê um excesso de bruxas num Lugar Antigo e não vê mal algum em escolher uma ou duas feiticeiras para as levar para outro lado, de acordo com os seus interesses e para satisfazer as necessidades da sua própria família. Embora compreenda a vontade que tem de ajudar a família dele, é inaceitável que nos veja como servas, ou ferramentas ao dispor dos Fae.

— Achas que a minha ameaça foi excessiva.

Nuala hesitou, antes de replicar:

— Assustaste um Fae que é muito poderoso. Não podemos adivinhar o que fará com esse medo. Queres saber se acho que te precipitaste? Sim. Se acho que foste sincera? — Sorriu, estendeu um braço e encostou, por instantes, a mão ao rosto de Breanna. — Ter-me-ia surpreendido se tivesses falado com mais... tato.

A neta fungou discretamente e retribuiu, com alguma relutância, o sorriso da avó.

— Quanto à Jean — prosseguiu Nuala, continuando a dobrar roupa —, os defeitos da menina não passaram despercebidos. Sei quando a ternura vem do fundo do coração e quando é apenas superficial. Assim sendo, fico preocupada com as suspeitas da Fiona. Preocupa-me ainda mais o facto de a Jean não ter querido que nenhuma de nós soubesse que ia apanhar plantas. — Deixou escapar um suspiro. — É filha de uma curandeira e a magia delas está ligada às plantas e aos amuletos, não aos elementos da Mãe Universal. Tal como qualquer outro dom, pode ser utilizado para o bem ou para o mal. A Jean tem afinidade suficiente com a terra para ir buscar alguma força a esse elemento. É uma conjugação perigosa de poderes nas

mãos de uma pessoa que está convencida de que todos os seus desejos e caprichos devem ser satisfeitos, e que fica ressentida quando isso não acontece. A Fiona sempre foi muito perspicaz no que respeita ao que vai na alma das pessoas, logo não podemos desprezar as suspeitas dela quando diz que a Jean usou magia para fazer maldades a terceiros.

— Achas que ela sabe o que me vai na alma? — perguntou a neta, sem saber se queria, realmente, ouvir a resposta.

Nuala continuou a dobrar roupa em silêncio durante mais algum tempo. Por fim, disse:

— Não somos todas iguais, Breanna. Não temos as mesmas capacidades, os mesmos conhecimentos e a mesma força. Há quem apenas consiga ter acesso a uma gota do poder dos elementos da Mãe Universal. Outros há que acedem a um pequeno fio, ou a uma cascata, ou a um rio fundo. A mim, calhou-me uma cascata, mas tu e a Jenny... têm ao vosso dispor um grande rio, profundo e caudaloso. Portanto, sim, são diferentes das nossas primas do Leste, mas não tão diferentes de muitas das pessoas que vivem na Serra da Mãe. Lá têm imenso poder, corre-lhe nas veias.

A neta lembrou-se de Jenny e perguntou-lhe:

— Se eu e ela temos acesso a um rio, também há bruxas que têm acesso a um oceano?

Nuala hesitou, antes de afirmar:

— Se existirem bruxas com esse poder e alguém as provocar, devem tornar-se muitíssimo perigosas. — Fez um esforço visível por afastar essa ideia do seu espírito. — Chega de conversa. Vai ver o que se passa com o Falco.

— Assustou-se com a minha ameaça. O problema é esse.

— Não é o único.

— Com o que mais poderá ele estar preocupado?

Breanna encolheu-se quando a avó se voltou e lhe deitou Aquele Olhar.

— Isso — atirou Nuala —, é o que vais ter de descobrir.

Foi encontrá-lo sentado no banco à sombra da árvore, com um ar só e desamparado.

Ao aproximar-se, Breanna interrogou-se sobre aquilo de que ele teria desistido para lhe oferecer toda a ajuda e proteção que pudesse na guerra contra os Inquisidores. Sabia que fora escorraçado pelo clã cujo território estava ligado a Willowsbrook, mas teria acabado de desistir também da sua família?

Assim que se sentou ao lado de Falco, este anunciou:

— O Liam voltou. Disse que tinha de ir mergulhar as mãos em água.

A feiticeira deixou escapar um suspiro.

— Tem de praticar mais para aprender a dissipar a energia.

— As mulheres da lavanderia ficaram muito felizes quando ele apareceu.

Breanna soltou uma gargalhada.

— Imagino que sim. Agora têm água quente que chegue e que sobre para lavarem a roupa sem terem de transpirar, nem de manter o lume aceso. Assim sendo, a vida dele ficará mais fácil quando aprender a dissipar a energia de uma maneira mais tradicional.

Falco sorriu, mas o sorriso desapareceu num instante.

— O que te preocupa? — quis saber a feiticeira. — Tens saudades da tua terra?

Ele abanou a cabeça.

— Não é sítio que me dê alegria. Deixou de me dar felicidade quando... — Suspirou. — A Dianna está ressentida por ter sido obrigada a ficar em Brightwood para alimentar a magia.

— A Dianna?

— A irmã do Lucian.

— Compreendo — replicou, mas na verdade não compreendia. — Ela é do clã que mora lá?

Falco fez que sim.

— Há algo nela que lhe permite alimentar a magia do Lugar Antigo e manter a estrada resplandecente aberta... assim esteja acompanhada de Fae suficientes para isso.

— Nesse caso, o tal clã não precisa, impreterivelmente, de uma bruxa.

O Senhor dos Falcões bufou, frustrado.

— Ela é a Senhora da Lua, Breanna. É a Senhora da Lua, a Caçadora. Quer morar em Tir Alainn. Não quer carregar com o fardo de ficar no mundo dos humanos.

— Mas está a fazer isso pela sua família.

Falco olhou-a atentamente, com uma expressão estranha no rosto.

— Se fosse a tua família e tivesses de prescindir de algo que estimas para os outros poderem desfrutar disso, fá-lo-ias, não é verdade?

— Claro que sim — afirmou, baralhada. — Se fosse a minha família, não digo que não me custasse, mas faria isso.

— É isso que te distingue dos Fae. Pelo menos, é uma das diferenças.

— Falco...

Ele levantou-se de repente, deu meia dúzia de passos para se afastar dela e voltou a aproximar-se do banco.

— Não compreendo os vossos costumes — disse, num tom que deixava transparecer alguma frustração. — Se isto fosse um clã, saberia o que esperam de mim, mas não percebo a vossa maneira de estar.

— O que não percebes?  
— Não sei o que esperam de mim... não sei se as tuas parentes esperam que eu... — Deixou-se cair no banco. — Não gosto da Jean. Não quero dormir com ela.

Breanna sentiu que o seu queixo começava a cair.

— Quem disse que tens de fazer isso?

— Como estou hospedado em casa da tua... família... e não disseste que me queres para ti, tenho o dever de... de...

Voltou a levantar-se e pôs-se a andar de um lado para o outro, à frente da feiticeira.

— Não é que as tuas parentes não sejam bonitas... na maioria, são... mas eu...

— Não queres dormir com elas.

— Exatamente!

— Queres dormir comigo.

— Sim!

— Porquê?

Falco estacou e olhou para ela como se tivesse acabado de lhe pedir que contasse todas as folhas de todas as árvores do Lugar Antigo.

— Porque... tu és tu.

A bruxa soprou. Que resposta lhe haveria de dar?

— Breanna?

Ela deu uma palmadinha no banco e disse-lhe:

— Senta-te, Falco.

Sentou-se. Melhor dizendo: empoleirou-se, visto que parecia preparado para se levantar de um salto a qualquer instante.

— Quando eu tinha dezanove anos — disse Breanna —, fui visitar a minha família na Serra da Mãe, durante a comemoração da primeira Lua cheia do verão. Bebemos vinho, rimo-nos muito e dançámos. Estava lá um jovem, alguns anos mais velho do que eu, hospedado em casa de amigos. Dançámos, conversámos, divertimo-nos... e quando me convidou a ir passear com ele, aceitei. Foi muito romântico e entusiasmante, e ele tinha experiência suficiente com mulheres para eu não me arrepender de ter sido o meu primeiro amante. Mas de manhã... Bem, já não me parecia tão maravilhoso sem o vinho e o luar. Depois dessa visita, decidi que tinha de gostar de ver um homem à luz do Sol, para ceder à tentação do luar.

— Compreendo — afirmou, meditabundo. — Gostas de mim?

— Gosto, sim — admitiu. — Gosto muito de ti, mas ainda não te conheço suficientemente bem para te levar para a minha cama.

Falco acenou com a cabeça.

— E beijos?

Era persistente.

— Beijos?

— Gostas de beijos?

— Bem... eu... sim.

Algo no modo como o olhar dele se concentrou na sua boca antes de se fixar nos seus olhos fez com que as palmas das mãos de Breanna ficassem de súbito húmidas. Sem desviar a vista, Falco inclinou-se, lentamente, para a frente.

Quando os seus lábios se preparavam para tocarem nos da feiticeira, esta teve um arrepio no pescoço. Recuou e desviou a cabeça.

Liam estava encostado à porta da lavandaria, a observá-los.

Clay encontrava-se apoiado com os braços no dorso de um cavalo. Tinha uma escova numa mão, mas nem se dignava a fingir que escovava o pelo do animal.

Falco olhou em volta, para ver o que a distraíra. Pigarreou e inclinou-se para trás.

— Ah... — Breanna não sabia o que fazer. Seria melhor voltar para casa? Fingir que nada acontecera? Pegar na aljava, avançar em passos largos para a lavandaria e bater com ela na cabeça do irmão?

Lembrou-se da aljava. As setas. O arco encostado ao banco, onde Falco o poisara depois do conflito com o Lucífero.

— Tiro ao alvo — disse a feiticeira e levantou-se de repente.

— Como? — replicou Falco, a pestanejar.

— Ias ajudar-me a treinar. — Passou rente a ele e foi buscar o arco e a aljava. — Vamos a isso.

— Queres treinar agora?

— O monte de fardos de palha tem sensivelmente a minha altura — desenvolveu, paciente.

— E então? — O desnorte evidente no rosto dele deu lugar a um ar sabido. — Aaah.

Ele tirou-lhe a aljava das mãos e esboçou um sorriso.

Quando se dirigiram para a horta e para os fardos de palha, Breanna espreitou por cima do ombro e olhou para Liam. Qual seria o vencedor do conflito interno que o barão travava consigo próprio: o irmão, ou o homem? Desconfiava que sabia a resposta mas esperava que o homem desse luta suficiente para lhe permitir dar um, ou dois beijos, antes de o irmão se juntar a eles na sessão de tiro ao alvo.

## CAPÍTULO QUATRO

### QUARTO MINGUANTE

Ashk hesitou à soleira da porta da casa do clã, desejosa de encontrar algum pretexto para adiar a viagem. Todavia, estava tudo preparado; os caçadores que a iam acompanhar já tinham subido pela estrada resplandecente até Tir Alainn e os restantes companheiros estavam à sua espera.

Observou-os enquanto conversavam entre si, em voz baixa, com o cuidado de não olharem para a casa, para lhe darem privacidade na hora da despedida.

Aiden e Lyrra, o Bardo e a Musa, iam partir com ela para registarem os acontecimentos que iriam alterar, de uma ou de outra forma, o mundo em que viviam e usarem o dom da palavra para a ajudarem como pudessem. Sheridan, Senhor dos Falcões de Bretonwood, ia fazer as vezes de caçador, escolhido para o efeito por ser também amante de Morphia. Na qualidade de Irmã do Sono e Senhora dos Sonhos, a capacidade que Morphia tinha de usar o sono como arma defensiva fora útil quando tinham partido em busca dos caçadores noturnos e quando impedira dois Inquisidores de fazerem mal a uma família durante o ataque dos Mantos Negros a Bretonwood, mas não podiam prever a eficácia desse poder em combate. Morphia fazia parte da comitiva sobretudo para permanecer com a sua irmã, Morag.

E Morag...

A Ceifeira apresentara-se tão pálida e abalada quando se juntara aos demais para o pequeno-almoço, que Ashk não se atrevera a perguntar-lhe o que tinha acontecido. Precisavam de Morag, não só para aliviar o sofrimento das vítimas de ferimentos fatais, como também para combater. Poderia o amor que tinha à vida fazer com que vacilasse no momento em que mais precisavam dela?

Não. Morag faria o que fosse preciso. E Ashk também.

— Vais-te embora.

A Senhora das Florestas deu meia-volta. Padrick estava atrás de si, perto da porta mas longe do seu alcance.

— Sim. Está na hora.

Passado um instante, abraçaram-se e deram um beijo tão terno quanto intenso. Não queria abandoná-lo, separar-se dos seus filhos, afastar-se do clã que passara a acarinhar como se fosse uma família. Mas não podiam esperar que a guerra chegasse até ali. Se quisessem sobreviver, não podiam aguardar.

Padrick interrompeu o beijo e encostou o rosto ao pescoço dela.

— Volta, Ashk. Só te peço que... volte.

Arderam-lhe os olhos marejados. Por mais que quisesse, não lhe podia prometer isso. Ao invés, sussurrou:

— Levo-te no meu coração. Sempre.

O marido recuou, lentamente, até os seus corpos deixarem de se tocar.

— Estão à tua espera.

Demorou-se um pouco mais a contemplá-lo antes de sair da casa do clã. Assim que os outros a viram, montaram nos seus cavalos. Ashk instalou-se na sela da sua montada e dirigiu-se para o trilho que atravessava a floresta, rumo à estrada resplandecente, com os companheiros no seu encalço.

Não tornou a olhar para trás. Sylvalan não precisava de Ashk, a Senhora das Florestas e esposa do Barão de Breton. Sylvalan precisava do Caçador. Assim sendo, deixou-os a todos para trás: o marido, os filhos, a família e os amigos. Quando subiram a estrada resplandecente e se reuniram com os caçadores que os aguardavam em Tir Alainn, vestia apenas a pele de Caçador. Não se permitia ser mais do que isso.



## CAPÍTULO CINCO

### QUARTO MINGUANTE

Jenny fechou o portão de ferro da sua nova casa e encaminhou-se para o mar. Via-o de algumas das janelas, ouvia a música das ondas enquanto trabalhava todos os dias, atarefada a limpar as divisões abandonadas da casa antiga, preparando-as para receberem a sua família. Porém, estar à janela não era o mesmo que ir passear à falésia, onde sentia o calor do Sol na pele e respirava a maresia, de onde podia olhar para sul na esperança de avistar as velas de uma embarcação com envergadura suficiente para ser o *Querido Selkie*, o navio do seu irmão Mihail.

Teria ele tido tempo de chegar a Seahaven? Decerto já passara tempo suficiente para ter chegado ao destino. Com vento rijo, não eram precisos muitos dias para se percorrer a costa de Sylvalan.

Mihail ficara com ela mais um dia do que era previsto, para a ajudar a instalar-se, juntamente com os sobrinhos Guy e Kyle, na casa nova, e para esvaziar o porão do navio e guardar a carga nas divisões desocupadas do primeiro andar. Então zarpara dali, com a intenção de rumar para Seahaven, onde esperaria por Craig e pela carroça carregada com quaisquer mercadorias que o primo conseguisse tirar dos armazéns da família em Durham. Também esperaria lá por quaisquer parentes que tivessem preferido fugir para uma cidade costeira no Sul a irem ter com familiares na Serra da Mãe.

Poucos fugiriam para sul. Mihail apostara que seria capaz de encontrar porto seguro na costa ocidental de Sylvalan e agarrara-se a essa esperança na sequência de uma conversa com Padrick, o Barão de Breton, com quem travara conhecimento quando fora buscar Guy e Kyle ao colégio interno onde haviam estudado no ano anterior. Por causa dessa conversa e por a água ser o elemento da Mãe Universal do qual a irmã derivava o seu poder, tinham, realmente, encontrado porto seguro ali, na aldeia de Sealand.

Todavia, não tinham conseguido transmitir essa notícia à família. Não se atreviam a enviar cartas com o nome da localidade. Se fossem intercetadas por algum dos barões que se haviam virado contra as bruxas, ou pior, se fossem parar às mãos da Inquisição, deixariam de estar a salvo no refúgio que tinham encontrado. Não restara alternativa a Mihail senão voltar à povoação costeira que fora escolhida como ponto de encontro e aguardar pelos outros enquanto fosse possível.

E se esperasse tempo de mais? E se o navio fosse apreendido? E se a

tripulação fosse detida até ser interrogada pelos Inquisidores, para averiguarem se prestava vassalagem àquilo que designavam por Grande Mal? E se...

Jenny abanou a cabeça. Não. Se permitisse que esses pensamentos se desenvolvessem, dar-lhes-ia ainda mais força. Tinha de se concentrar naquele local, naquele porto seguro. Concentrar-se-ia na casa e na família que não tardaria a habitá-la. Já não faltava muito.

Quando virou costas ao mar, viu uma carroça na estrada, a dirigir-se para sua casa. Avistou a mulher que seguia ao lado do condutor e supôs que fosse Cordell, a feiticeira que vivia na Ilha de Ronat. Viu também duas figuras mais pequenas e encolhidas na parte de trás do veículo.

O Guy e o Kyle deviam ter voltado a desrespeitar as suas ordens, deviam ter-se esgueirado até ao porto, para irem brincar com os *selkies* mais jovens. Não lhes levava a mal o fascínio pelos Fae, mas não gostava do modo confiante como lhe desobedeciam sempre que lhes convinha. Era tia deles e a única parente que tinham ali.

*E é bem possível que não venham a ter mais parentes aqui. E que eles sejam os únicos que me restam. Mãe de Todos, peço-te que não sejam os únicos que restam da minha família.*

Irritada consigo própria, voltou para casa. Como podia esperar obediência dos meninos quando ela própria se mostrava insubordinada? A Mãe Universal estava na terra, no ar, na água, em todas as coisas. Quem lhe pedisse uma aragem favorável, assim tivesse poder e força de vontade, não tardava a consegui-la. Já a compaixão, a bondade e a tolerância... faziam, ou não, parte do perfil de cada um. A magia não alterava o que lhes ia no íntimo.

Contudo, a ideia de uma aragem favorável levou-a a interrogar-se se, afinal de contas, não seria possível transmitir uma mensagem. Não para Durham, ou Seahaven, mas para Willowsbrook. Embora fosse arriscado de mais enviar uma carta por terra recorrendo aos meios de comunicação dos humanos, não haveria nenhum Fae que estivesse disposto a atravessar Tir Alainn para a levar ao destino?

Teria de perguntar a Cordell. A Anciã saberia se isso seria possível. Esperava que sim. Só de pensar em escrever uma curta mensagem para Breanna — e na resposta que talvez recebesse da prima —, animou-se.

## CAPÍTULO SEIS

### QUARTO MINGUANTE

Adolfo, o Inquisidor-Mor, ficou a assistir enquanto dois dos seus ajudantes amarravam a bruxa idosa à cadeira e, por fim, acenou a mão direita com convicção, dispensando-os. Assim que saíram, trancou a porta, algo que antigamente não fazia quando se preparava para arrancar uma confissão a uma feiticeira. Não duvidava da sua capacidade para a controlar, apesar de ter o braço esquerdo paralisado, mas não queria distrações nem interrupções naquele momento decisivo. Além do mais, a velha tremelicante estava agora à sua mercê e não se atreveria a usar os seus poderes para o atacar.

Já lhe vazara os olhos, arrancara uma orelha, cortara a língua. Ampu-tara-lhe os pés e as mãos.

Contudo, continuava a ouvir os Inquisidores sussurrarem que Adolfo, o Flagelo das Bruxas, estava enfraquecido e diminuído desde que dera início ao extermínio das feiticeiras em Sylvalan. Diziam que bebia em excesso, que dera ordens para que as últimas bruxas que haviam aprisionado fossem levadas para Wolfram, manchando a terra onde nascera com a presença daquela criaturas asquerosas.

Ignorantes.

Até Ubel se convencera de que Adolfo estava frouxo e essa traição, quando lhe devia lealdade absoluta, enfurecia-o mais do que os boatos que circulavam entre os Inquisidores menores. Ubel fora o seu melhor guerreiro, o seu ajudante mais fiável na guerra contra a magia e o poder das mulheres. Educara-o desde pequenino, desde o verão em que o encontrara esfomeado e ferido num beco imundo, e fizera dele um homem instruído, destinado a grandes feitos.

Ubel já não lhe merecia total confiança, mas não tinha mais nenhum súbdito com a mesma capacidade de liderança, capaz de fazer o que era necessário com vista à vitória na guerra contra Sylvalan.

Talvez bebesse, realmente, vinho em demasia, mas isso não lhe toldava o raciocínio nem diminuía a sua determinação no sentido de purificar o mundo, livrando-o das feiticeiras e do poder que tinham. Não reduzira a dedicação com que lutava para livrar o universo de todas as formas de magia. Quando as bruxas fossem, finalmente, destruídas, os Fae e o Povo Menor desapareceriam também. E então, sim, os homens governariam o mundo, como lhes competia... e a Inquisição governaria os homens. Adolfo ouviu arranhadelas na gaiola de madeira que estava no meio da divisão,

aproximou-se e levantou uma ponta do pano que a cobria. O esquilo que se encontrava lá dentro ficou momentaneamente paralisado, antes de correr para o canto mais distante, na esperança de se esconder.

Deixou cair o pano e voltou-se para a mulher.

Independentemente daquilo que Ubel e os outros pudessem julgar, Adolfo não estava mais brando e não passara o inverno em hibernação. Meditara, estudara e preparara-se. Mas não tivera acesso ao ingrediente essencial para as suas experiências. Não tivera acesso a nenhuma feitiçeira.

Contornou a gaiola e murmurou as palavras do feitiço que criara precisamente para aquela ocasião. O círculo protetor que estava a desenhar não tinha o propósito de impedir algo de entrar, mas sim de conter tudo aquilo que abrangesse.

Fechou os olhos. Respirou devagar, fundo, compassadamente. Começou a absorver os poderes dela, tal como absorvera a magia de muitos Lugares Antigos. Sentiu-a resistir, sentiu que tentava encerrar a energia dentro de si. Tranquilamente, deu-lhe uma palmada na cabeça, onde a ferida que restava no local onde antes tinha a orelha continuava em carne viva. Quando a ouviu arquejar de dor, voltou a fechar uma mão sobre o seu ombro e a canalizar o poder dela para si mesmo. Absorveu-o e continuou a absorvê-lo... até nada mais restar.

Levantou uma mão e apontou para a gaiola tapada. Quando libertou a energia e a lançou para ali como se de uma flecha se tratasse, disse:

— Transforma e corrompe-te. Corrompe e transforma-te. Torna-te naquilo que desejo. Assim desejo, assim serás.

O esquilo na gaiola guinchou quando foi atingido por aquela energia. Guinchou e continuou a guinchar... até que se fez silêncio.

Adolfo baixou a mão. Tinha a garganta seca, sentia-se como se tivesse os ossos ociosos. Apetecia-lhe fechar o círculo e levantar o pano que tapava a jaula, mas o poder ainda estava a atuar, circunscrito pelo feitiço de proteção. Não havia pressa.

Olhou para a mulher. Esta tinha a cabeça caída para um lado. Escorria saliva de um dos cantos da sua boca. Se a tratassem e alimentassem, talvez melhorasse o suficiente para recuperar alguma da sua força, mas não tanta bastasse para lhe ser útil. Entregá-la-ia aos aprendizes. Não se aprendia a usar as ferramentas da Inquisição sem praticar.

Duas horas mais tarde, voltou àquela divisão.

Não ouviu nada na gaiola.

Demorou vários minutos a verificar se havia qualquer vestígio da

energia libertada pelo seu feitiço. Confirmou que não. Até o poder que utilizara para desenhar o círculo protetor se dissipara.

Pegou, a medo, numa das pontas do pano, deu um passo atrás e des-  
tapou a gaiola.

Quando os seus ajudantes utilizavam o Dom dos Inquisidores para absorverem a magia de um Lugar Antigo e a libertarem de modo a corromper tudo aquilo em que tocassem, não tinham controlo sobre as transformações que provocavam. Era possível que secassem um poço, que levassem uma vaca a parir um vitelo com duas cabeças, que queimassem uma seara de um dia para o outro... ou que transformassem um ser vivo num pedaço de carne e osso: uma criatura carnívora; um devorador de almas; um caçador noturno. Todavia, não tinham como controlar a magia retorcida que libertavam nem como utilizá-la com um propósito específico.

Até agora.

Embora estivesse seguro de que a criatura estava morta, teve cuidado ao aproximar-se da gaiola.

O esquilo transformara-se num caçador noturno, ou quase. Uma das suas patas traseiras, ou aquilo que dela restava, continuava revestida de pelo. Sem possibilidade de fugir da gaiola para ir procurar outra presa, o monstro alimentara-se da parte do seu ser que não se metamorfoseara, rompera a carne, trancara o osso... devorara-se a si próprio e morrera exangue.

Adolfo tremeu de entusiasmo. A bruxa velha já não tinha força suficiente para completar a transformação. Teria de preparar a próxima mais depressa, para ter energia suficiente dentro dela para satisfazer as suas necessidades.

Apesar da transformação incompleta, a experiência fora um êxito. Antes, a criação dos caçadores noturnos dependia da sorte, da força e da quantidade dos Inquisidores que absorviam a energia de um Lugar Antigo.

Agora podia criá-los sempre que lhe aprouvesse.

Os restos mortais daquela monstruosidade tinham de ser cremados, mas ainda não estava preparado para partilhar a novidade com os seus ajudantes. Isso implicava que teria de atribuir a tarefa a alguém que merecesse confiança e fosse capaz de guardar segredo até mais tarde.

Ubel.

Sim. Pediria a Ubel que tratasse do assunto.

— E então, grande Inquisidor — disse em voz baixa —, quando vires aquilo que criei nesta sala, olha-me nos olhos e diz-me se estou mais manso.

## CAPÍTULO SETE

### LUA NOVA

Selena e Rhyann chegaram ao Lugar Antigo e pararam os cavalos pouco depois de terem atravessado a fronteira do local, que identificaram através de uma alteração quase impercetível no ambiente.

— É aqui. — Selena poisou uma mão no pescoço do Mistrunner, para sossegar o seu garanhão cinzento. — É aqui que as Senhoras da Lua se vão reunir amanhã à noite para determinarem quem será a próxima Caçadora.

— Tens a certeza? — indagou Rhyann, a olhar em volta. — Não noto nenhuma diferença em relação aos outros Lugares Antigos por onde passámos antes.

— Eu noto — replicou Selena. Era um terreno saturado de um poder imenso que não estava associado aos elementos da Mãe Universal. Tratava-se de um poder relacionado com o seu sangue Fae e tentava infiltrar-se nela. *Ainda não está na hora, mas falta pouco.*

Levantou um braço e a sua mão deslocou-se como a agulha de uma bússola até apontar para a origem daquela força.

— É algures ali. É ali que os Fae se vão reunir. É ali que o poder se está a acumular.

Rhyann franziu o sobrolho.

— Que impressão te dá?

Selena baixou o braço.

— Dá-me a impressão de que é abundante. Pesado.

— E como te sentes?

*Madura. Suculenta. Plena de desejo. De quê, não sei bem. O poder chama por mim. Tenho de responder a esse apelo.*

— Selena?

Viu a preocupação profunda que transpareceu nos olhos de Rhyann. Há muitos anos que moravam na mesma casa, que discutiam, riam e choravam uma com a outra. Dentro de um ou dois dias, teriam de se separar, cada uma seguiria o seu caminho e as suas vidas mudariam para sempre.

— Vou ter saudades tuas, maninha.

— Ainda temos algum tempo — replicou Rhyann, em voz baixa. — Hoje ainda é noite de Lua nova.

Selena abanou a cabeça.

— Tudo tem o seu começo e o seu fim. Amanhã nasce a Lua nova e os Fae reúnem-se para descobrirem o que o futuro lhes reserva.

— Estas provas, ou desafios, chama-lhes o que quiseres, acontecem sempre em noites de Lua cheia. É assim que acontece nas histórias que ouvimos sobre os Fae.

— Desta vez, não. O poder vai manifestar-se com a chegada da Lua nova. Pressinto que vai ser assim. — Selena suspirou. Estava nervosa, até um pouco assustada. Os traços do seu rosto e a sua capacidade de assumir outra forma eram as únicas características que tinha em comum com os Fae, eram as únicas que a uniam àquele povo. Não conhecia as cerimónias e os rituais que eram cumpridos durante aquelas provas de força. Decerto os Fae dariam por isso e não a veriam com bons olhos. Contudo, se viesse a tornar-se na nova Senhora da Lua, estariam às suas ordens — e a força deles, aliada à dos humanos e à das feiticeiras, talvez fosse suficiente para evitarem a destruição de todos os povos que moravam em Sylvalan.

A sua motivação era a necessidade de defender a Mãe de Todos e proteger os Seus filhos de quem os pretendia aniquilar e engolir. Assim sendo, ganharia coragem, espantaria o medo e iria encontrar-se com os Fae na noite seguinte. Aliás, nem sabia se o poder que a atraía para o local a deixaria afastar-se.

— Vamos — afirmou e pegou nas rédeas. — Vamos dar os nossos respetos às Filhas que aqui moram e pedir-lhes que nos deem guarida.

Antes que Rhyann pudesse reagir, Mistrunner resfolegou discretamente e Fox, o cavalo negro que ela montava, bateu com um casco no chão, como se estivesse de acordo.

As mulheres entreolharam-se e encolheram os ombros. Ambos os cavalos tinham uma inteligência inquietante e eram teimosos quando algo não lhes agradava, mas haviam sido essas as características que Selena invocara para dissuadir o seu pai de contratar uma escolta para as acompanhar.

*Enquanto forem montadas nestes dois, estarão seguras,* dissera ele. *Não há criaturas mais rápidas do que estas e não vos levarão a nenhum sítio que não lhes agrade.*

Os dois cavalos arrancaram a trotar, tendo, pelos vistos, decidido que as cavaleiras estavam ali paradas há demasiado tempo. Seguiram silenciosos pelo caminho largo que atravessava a floresta, sem que os seus cascos emitissem qualquer ruído.

*Como terão vindo estes cavalos Fae parar às mãos de duas bruxas?*, interrogou-se Selena, não pela primeira vez. Fox aparecera em finais do outono anterior, dera uma vista de olhos a Rhyann e tentara segui-la para dentro de casa. Recusara-se a sair e não permitira que ninguém se aproximasse até ela ter anunciado, alto e bom som, que queria ficar com o cavalo. A partir desse momento, o cavalo negro de cascos mortíferos passara a portar-se como um dócil animal de estimação.



Quanto a Mistrunner... continuava a não saber o que pensar. Três anos atrás, fora a uma clareira para prestar homenagem à Mãe Universal e festejar a chegada da Lua cheia, brincando com o poder que circulava dentro dela. Fundira o poder da terra com o luar, revestira-o de ar e gotas de água e aquecera-o com o calor do fogo. Terminada a obra, contemplara a faixa que se erguia da terra e desaparecia no céu noturno, sem saber se aquilo que criara era motivo de alegria, ou de preocupação.

Então, ouvira um grito de medo e desespero, e bradara:

— Aqui!

Caíra uma névoa cerrada do céu, que ocultara a parte mais alta da faixa resplandecente. Um potro furara esse nevoeiro, descera a galope pela faixa que ela criara, como se esta tivesse consistência e tropeçara quando assentara os cascos em terra firme. Passara por ela a correr e afastara-se o máximo possível do caminho por onde viera, mas não saíra da clareira.

Assustada por uma criatura ter descido um caminho de terra que julgava que não tinha consistência e não ia ter a lado nenhum, desmanchara a sua criação e devolvera a energia à terra. O caminho resplandecente sumira-se e deixara-a com um animal recém-nascido, apavorado, que parecia convencido de que ela era a única criatura digna de confiança num mundo que lhe era estranho. Assim sendo, acabara por levar o potro para casa e dera-lhe o nome de Mistrunner.

Desconfiava que o cavalo viera de Tir Alainn, mas ainda não percebera porque se assustara de tal modo que encontrara o caminho resplandecente e vira nele uma maneira de descer ao mundo... e de se pôr a salvo. Nunca tentara descobrir a quem pertencia aquele animal, e admitia que parte da sua apreensão relativamente ao encontro com os Fae se devia ao medo que tinha de que alguém pudesse reconhecê-lo e exigir-lhe que lho devolvesse.

— Chegámos — disse Rhyann.

Selena pestanejou.

— Onde?

— Ao sítio onde o teu corpo já esteve, mas a tua cabeça não — replicou, irritada. Inclinou-se para a irmã e acrescentou: — Já não estamos em casa. Não te podes distrair a ponto de perderes a noção de onde estás. Não sabes o que vamos encontrar por aqui. Tão-pouco quem aqui mora.

A outra sentiu que os seus ombros caíam sob o peso da merecida repreensão e endireitou-se na sela.

— Tens razão. Não devia distrair-me tanto. Pelos vistos estou... nervosa.

— Não és obrigada a fazer isto.

— Não dirias o mesmo se o poder estivesse a puxar por ti como puxa por mim.



— Bem, não vais causar boa impressão aos Fae se caíres da sela a caminho do encontro por não teres reparado no ramo que estava mesmo à frente da tua cara.

Faria uma rica figura se isso lhe acontecesse.

Quando tocou com os calcanhares nos flancos de Mistrunner, para lhe indicar que avançasse na direção dos edifícios que tinha à frente, esforçou-se por adotar um tom de voz fraternal, pachorrento, e disse:

— Mãe, dai-me paciência para aturar a minha irmã mais nova.

— A Mãe de Todos não se preocupa com esses assuntos.

— Se tivesse uma irmã mais nova, teria essa preocupação — replicou Selena, rabugenta.

— Talvez a Lua seja a irmã mais nova d'Ela — atirou Rhyann, com um brilho malandro nos olhos. — Talvez seja por isso que estão sempre a jogar à apanhada.

— É possível. A irmã mais nova está sempre a brincar com as marés, enquanto a mais velha se passeia tranquila ao longo das estações.

— Tranquila? *Pffft!*

— Pirralha.

— Bafo de ratazana.

Selena ficou de queixo caído.

— Bafo de ratazana?

— Lembras-te daquela vez que a mãe te apanhou com meia ratazana no palheiro? — perguntou Rhyann, num tom afetado.

— Ainda não estava habituada a transformar-me em cãozinho! — E aprendera, a pouco e pouco, geralmente através de más experiências, a controlar os instintos que dominavam os cães das trevas quando iam caçar.

— E a mãe não te deixou voltar ao normal enquanto não teve a certeza de que tinhas deitado a ratazana fora, fosse por que ponta fosse.

Lembrava-se do raspanete que levava quando fora apanhada, bem como da palmada que a mãe lhe dera na cabeça quando lhe rosnara por lhe ter roubado o resto da presa.

— Só fiz isso uma vez — resmungou Selena.

— Fizeste-o mais uma vez do que eu — respondeu a irmã. Então, levantou um braço para acenar ao homem que saiu da casa, com duas mulheres atrás dele. — Que a Mãe vos abençoe.

O homem deu um passo em frente, com nervosismo e irritação estampados no rosto.

— E o que quer o Povo Belo de nós?

— Chad — disse a mais jovem das duas que o acompanhavam, agarrada ao seu braço. Demorou-se a observar Rhyann, antes de atentar em Selena. — O que podemos oferecer-vos, minhas senhoras?

— Uma noite de descanso, se estiverem dispostas a isso — replicou Selena, com frieza. Haviam sido recebidas com apreensão e desconfiança em quase todos os Lugares Antigos por onde tinham passado, e sempre por causa dela. Porque se notava que era Fae e o Povo Belo, por motivos que não eram compreensíveis para as bruxas que viviam nesses sítios, mantinham-se agora muito vigilantes, o que incomodava as feiticeiras e o Povo Menor.

— Mas... não estariam mais à vontade em Tir Alainn? — quis saber a mulher.

— Não sei — atirou Selena. — Nunca fui lá. Sou Fae porque herdei esse sangue do lado da minha mãe. No entanto, acima de tudo, sou uma Filha da Casa de Gaian.

Essa afirmação apanhou-os desprevenidos.

A mais velha das duas mulheres, que, pelo seu aspeto, devia ser a anciã da família, hesitou antes de indagar:

— É uma bruxa com sangue Fae?

— Sim.

As duas mulheres entreolharam-se, enquanto o homem as observava, ansioso.

— Porventura é uma Senhora da Lua? — perguntou a anciã.

— Sou — admitiu.

— Vai reunir-se com as outras, para decidirem quem vai ser a próxima Caçadora?

— Sim.

A anciã sorriu.

— Nesse caso, entrem e sejam bem-vindas, minhas senhoras. Podem ter a certeza que são muito bem-vindas.

Assim que Selena e Rhyann se apearam, o homem, que se apresentou com o nome de Chad, disse:

— Se não se importarem, levo os vossos cavalos para o palheiro e dou-lhes de comer.

— Entretanto, há algum sítio onde os possamos deixar a pastar? — indagou Rhyann.

— Há, temos uma pastagem ao pé do palheiro. Não deixamos que os animais se afastem daqui desde que... — começou, mas calou-se, apertando os lábios com força até desenharem uma linha quase reta.

*Desde que os Fae começaram a aparecer*, concluiu Selena, para consigo. Notava nele uma certa raiva e queria descobrir a sua razão de ser. Começava a tornar-se evidente que ali desconfiavam dos Fae, não os apreciavam, talvez até os temessem, e só o mais profundo desespero faria com que as feiticeiras e os seres humanos que moravam no local aceitassem a presença deles.

— Vamos consigo ao palheiro — afirmou. — Assim, ajudamos estes dois a ficarem mais sossegados.

Chad voltou a cabeça e gritou:

— Parker! Vem ajudar-me com os cavalos.

Apareceu um rapaz à porta, que hesitou, por instantes, antes de se ir juntar ao seu pai. Estava de olhos arregalados, com um ar absolutamente maravilhado.

— Oh, são espetaculares! — atirou o jovem.

Ambos os cavalos resfolegaram e deitaram as orelhas para trás.

— Ele estava a falar de vocês, não de nós — comentou Selena, seca, poisando uma mão no pescoço de Mistrunner.

— Oh, a menina também é bonita — disse o rapaz, apressado, antes de deitar um olhar apreensivo ao pai.

Rhyann deixou escapar uma gargalhada e disse:

— Esqueça isso e mostre-nos onde podemos deixar estes dois. — Contornou Fox até ficar de frente para o cavalo negro. — Porta-te bem. Se te portares como o cavalheiro que sei que consegues ser, talvez convenças este rapaz a dar-te um docinho.

Ambos os cavalos espetaram as orelhas no ar.

Selena apertou os lábios, para conter uma risada.

Chad pigarreou e resmungou:

— Venham comigo.

Seguiram o pai e o filho até ao palheiro. Tiraram as selas dos cavalos e limparam-nos à pressa antes de lhes mostrarem a porta para a pastagem cercada.

De olho no rapaz, que acompanhara os animais até ao pasto, Selena disse em voz baixa:

— Agora explique-me porque estão tão zangados com os Fae.

— A culpa não é sua, minha senhora, e lamento que não a tenhamos recebido como uma visita merece.

A feiticeira sentiu a sua raiva fervilhar à flor da pele. Esforçou-se por controlar a energia do fogo que ameaçava imitar o calor das suas emoções.

— Sabe o que tem acontecido no Leste? Compreende que Sylvalan está em perigo?

— Compreendo perfeitamente — replicou Chad, em voz baixa, mas dura. — Já percebi que os problemas que aí vêm não são poucos. Pelas tetas da Mãe, mulher! Há meses que os menestréis andam a cantar cantigas sobre os Mantos Negros e o mal que fazem. E há poucos dias o barão que governa esta região veio dar os seus respeitos ao Lugar Antigo. O barão! É um homem responsável e toma conta dos seus, mas nunca tinha vindo aqui. A minha Ella ia enlouquecendo de medo

quando apareceu cá com o maior proprietário das redondezas e meia dúzia de guardas.

— O que queria ele? — indagou Rhyann.

— Disse-nos que a última reunião do conselho dos barões lhe dera a perceber que descurara algumas das suas obrigações. Disse que o Lugar Antigo não fazia parte das terras que governa.

— Naturalmente — afirmou Selena. — Os Lugares Antigos pertencem às Filhas da Mãe Universal.

Chad anuiu com um aceno.

— Informou-nos de que tinha a intenção de ser um bom vizinho e de que, se algum dia precisássemos que o povo dele nos ajudasse, bastava pedirmos. — Esboçou um sorriso. — A intenção foi boa, mas ele não nasceu aqui e só passa cá alguns dias por ano para garantir que o grande proprietário e o magistrado mantêm tudo em ordem, por isso não sabia como funcionam as coisas nestas bandas.

— E como funcionam?

— O tal proprietário é primo do meu pai e um dos guardas que veio com o barão é cunhado do meu irmão mais velho. O irmão da Ella é o ferreiro da aldeia. Assim sendo, como vê, já estamos ligados à «gente do barão». Não importa se os Mantos Negros atacam aqui, ou na aldeia. Temos de enfrentá-los juntos.

— Folgo em ouvi-lo, mas não tirou a minha dúvida sobre os Fae — insistiu Selena.

A expressão no rosto de Chad endureceu. Remeteu-se ao silêncio, a observar Parker, que voltava lentamente do palheiro.

— Não são bons vizinhos. Oh, bem sei que moram todos no maravilhoso território de Tir Alainn, mas isso não serve de desculpa para...

— Deixou escapar um sopro. — Quando lhes apetece passear aqui, têm muito terreno aberto para cavalgarem. Não há razão nenhuma para espezinharem as nossas plantações e estragarem a comida que nos faz falta para alimentarmos a família, ou para a vendermos no mercado. Não têm o direito de roubarem galinhas aos rendeiros. Dinheiro não lhes falta. Podem comprá-las no mercado, como os outros. Além disso, não têm nada que seduzir as nossas meninas e deixá-las com bebês no ventre. Não digo que a culpa seja toda do homem, mas se é pai de uma criança, deve cumprir as suas obrigações para com ela.

— Os Fae não são os únicos a abandonar filhos — atirou Selena, taxativamente.

Chad sondou-a com o olhar.

— Pois não. Isso nunca está certo, seja feito por Fae ou por seres humanos. Mas só me perguntou pelos primeiros, por isso expliquei-lhe a

situação. — Passou com uma mão pelo pescoço. — Para lhe ser sincero, também não os vemos muitas vezes e, há um ou dois dias, fomos visitados por meia dúzia de Senhoras Fae que vieram cumprimentar-nos. Trouxeram presentes para a Ella, para lhe agradecerem o facto de as ter autorizado a reunirem-se no Lugar Antigo. Disse-me a Ella que lhe pareceram... envergonhadas... com o comportamento dos outros Fae.

Quando Parker chegou à porta do palheiro, uma voz aguda e infantil soou atrás deles.

— Papá?

Chad deu meia-volta.

— Hayley? Diz, minha linda...

— A mamã quer saber se vais passar o dia com as visitas no palheiro.

Diz que a comida está pronta para servir e que a avó foi buscar o avô a casa, para comer connosco. Pergunta se as senhoras querem lavar as mãos antes do almoço.

O pai fez um sorriso rasgado.

— Com que então, ela disse isso tudo...

— Disse ainda mais, mas pediu-me para vos vir buscar. — Hayley deitou um olhar reprovador ao seu irmão. — E o Parker tem de lavar as mãos antes de mexer no pão. Estão porcas.

— Não estão nada — defendeu-se o rapaz.

— Estão, sim.

— Vamos já todos e lavamos as mãos antes de nos sentarmos à mesa com a tua mãe — disse Chad, com convicção.

Rhyann deu um braço a Selena, arrancaram atrás do homem e dos seus filhos na direção da casa e disse, com doçura:

— Ai, as irmãs mais novas... Não são maravilhosas?

— Pfff — replicou Selena.

Dianna passou avidamente com o olhar sobre os belos jardins e terraços que via da janela na casa do clã. Inspirou fundo e expeliu o ar dos pulmões com um suspiro, deleitada.

Estava de volta a Tir Alainn. Finalmente regressara a casa depois de ter passado uma série de semanas presa em Brightwood para manter vivo o pedaço da Terra Bela que pertencia ao seu clã, hospedada naquela casota miserável a abarrotar de Fae, a ouvir queixas bichanadas sobre os sítios para onde levava a sua égua acinzentada, aquilo que comia e onde se sentava, como se não tivesse sido obrigada a prescindir de tudo para bem deles. E agora o seu lugar como Senhora da Lua estava prestes a ser disputado.

Não a teriam desafiado se não tivesse ficado amarrada a Brightwood,

se lhe houvessem dado liberdade para viajar em Tir Alainn e visitar os outros clãs, como fazia o seu gémeo Lucian.

Não iria fraquejar. Enfrentaria o desafio e mostraria às pretendentes que continuava a ser a Senhora da Lua, a Caçadora. E depois de a rival se render, pouparia a vida da cabra a troco de um pequeno favor. A derrotada teria de voltar com ela para Brightwood de modo a substituí-la como o esteio da magia do Lugar Antigo. A rival teria de se mudar para a tal casota e de conviver com as queixas diárias. Ela que passasse noites em claro a olhar para terras que lhe exigiam muito suor e ainda mais trabalho. A rival que morasse no mundo dos humanos — pois Dianna seria livre de regressar a Tir Alainn.

Virou costas à janela para contemplar, distraída, o quarto decorado com bom gosto.

Não se evolava qualquer cheiro do bacio. Não via nódoas nas cobertas. Não havia ali vasos lascados nem espelhos partidos.

Se saísse vencida do desafio... se a rival tivesse, na verdade, força suficiente para assumir o seu cargo e lhe roubar o título de Senhora da Lua...

Acabaria uma vez mais enfiada em Brightwood, naquele casebre, presa para sempre a ver passar as estações, a ver o verão dar lugar ao outono e este ao inverno impiedoso. Não aguentava pensar na possibilidade de passar um inverno inteiro com os humanos.

*A Lyrra fez isso no ano passado. Nem sequer são do clã dela, tão-pouco da sua família, mas lá ficou na casota, a apanhar frio, enquanto o vento trazia tempestades do mar.*

Mas isso fora Lyrra, que, por se ter recusado a fazer a vontade da Senhora da Lua e a permanecer em Brightwood, atirara esse fardo para cima dos ombros dela.

Não tinha importância. Talvez ainda acabasse por perdoar a Musa... quando a sua rival se instalasse naquele maldito casebre.

Estava obrigada a vencer. Não tinha alternativa, porque, assim que voltasse do Lugar Antigo onde a prova teria lugar, não tinha qualquer intenção de sair de Tir Alainn.

Selena sentiu que Rhyann mudara de posição e hesitara, antes de se voltar para ela, ensonada, e de lhe perguntar:

— Não consegues dormir?

— Não — admitiu Selena. — Tenho demasiadas ideias na cabeça, demasiadas emoções.

— Hum. Sempre foste dada a pensar de mais.

— Reparaste na excitação da Ella e da Mildred por eu me ir reunir com os Fae?

— És da família delas. Porque não haveriam de ficar satisfeitas?

— Tendo em conta a preocupação que tiveram com o vestido, para tirarem os vincos e garantirem que não ficava amarrotado, parece que me vou casar.

— Oh — atirou Rhyann, com um bocejo —, não se teriam preocupado tanto, nem de perto nem de longe, se te fosses casar. Casam-se centenas de mulheres todos os anos. Mas, seja em que altura for, só há uma Senhora da Lua.

— Obrigada pelo apoio.

— De nada — resmungou a irmã.

— Rhyann?

— Hã?

— E se eu perder? — Selena emitiu um ruído assustador, semelhante a uma gargalhada que se transformara num queixume. — Que a Mãe me acuda. É se eu ganhar?

— Serás a nova Senhora da Lua.

— Nesse caso, esperarão que eu dê ordens a pessoas sobre quem não sei quase nada.

— Calculo que não te seja difícil. Sempre foste mandona.

Selena respondeu apenas com um suspiro. Era escusado referir que Rhyann conseguia ser tão mandona como ela.

A irmã mudou de posição. Apoiou-se com um cotovelo na cama e afirmou:

— A Lua tem várias fases. As marés enchem e vazam. As estações vão-se sucedendo, cada uma a seu tempo. Tudo muda, invariavelmente. Claro que tu também vais mudar. Lembras-te da dança das espirais da vida? Mesmo quando se volta a determinado ponto, já não se está na mesma posição. Essa dança também te teria mudado, quer tivesses vindo aqui, quer tivesses ficado em casa. — Debruçou-se para dar um beijo na testa da irmã e tornou a deitar-se. — Não te preocupes. Se começares a ficar demasiado parecida com eles, hei de estar por perto para te lembrar de quem és.

Selena sorriu na escuridão. A manifestação de confiança da sua irmã ensonada fora mais reconfortante do que qualquer outra coisa poderia ter sido.

— Boa-noite, maninha — despediu-se, em voz baixa, num acesso de carinho.

— Boa-noite, bafo de ratazana.

## CAPÍTULO OITO

### LUA NOVA

Aiden estava sentado à sombra num dos pátios do clã, a arrancar notas da harpa, distraído, permitindo que os pensamentos divagassem ao sabor daquela música. Levantou a cabeça quando uma bota arranhou as pedras da calçada.

— Está a preparar uma cantiga nova? — indagou Taihg. O bardo do clã parecia pronto para se retirar se o Bardo quisesse privacidade; mostrava-se também esperançoso de poder sentar-se no pátio, a assistir ao nascimento da canção.

— Não, estou só a pensar — replicou Aiden, com um sorriso, quando reparou no pífaro que o outro trazia preso no cinto. — Faça favor de se sentar, para vermos o que dois bardos conseguem criar juntos.

Taihg tirou o pífaro do cinto e aproximou-se, apressado.

Durante os primeiros minutos, a harpa e o pífaro lançaram notas ao acaso, que se entreteciam no ar. Então, o bardo concentrou-se numa melodia suave e Aiden acompanhou-o com a harpa, dando corpo à música, assimilando-a na sua totalidade com a mesma facilidade com que respirava.

Quando a canção acabou, calou as cordas da harpa.

— Foi o Taihg quem escreveu isso?

— Sim — replicou este.

— Escreveu o acompanhamento da harpa, além da melodia do pífaro?

— Não, creio que foi o senhor quem fez isso.

Sorriram um para o outro, satisfeitos, antes de o Aiden desviar a vista.

Conheciam-se há uma semana, desde que passara com Lyrra pela casa do clã, à procura do Caçador. Ameaçara privar o bardo do dom da música quando este se recusara a partilhar a informação que os clãs ocidentais tinham sobre as bruxas e admirara-se quando ele dissera preferir perder o seu dom a perder a sua casa e o seu clã.

*Se eu tivesse tido a insensatez de o privar do dom, nunca mais me teria perdoado por ter cortado a sua afinidade com a música.*

Retirara a ameaça e Taihg cedera o suficiente para lhe indicar onde se encontrava Ashk, a Senhora das Florestas de Bretonwood, terra onde haviam encontrado o Caçador, embora este não tivesse correspondido às suas expectativas... e inspirasse mais terror do que alguma vez teria imaginado.

Necessitado de descansar dos pensamentos que o atormentavam, voltou a concentrar-se na música e disse:



— Vamos tocar outra vez, para garantirmos que os dedos aprendem a melodia e que o coração não a esquece.

Tornaram a tocar a cantiga duas vezes, antes de Aiden acenar com a cabeça, satisfeito.

— Pode acrescentar a parte da harpa àquilo que escreveu para o pífaro?

— Eu... eu não aponte nada. É só uma melodiazinha que... — Taihg engoliu em seco ao ver chispas de irritação no olhar do Bardo.

— Então, aponte — atalhou. — A Lyrra vai precisar da partitura, para aprender a parte do pífaro.

— Para aprender... O senhor quer, sinceramente, tocá-la fora daqui?

*Quem o ouvisse, julgaria que lhe pedi para se atirar de um penhasco. Talvez lhe tenha pedido de mais.*

— Sim, quero tocá-la. Quero dá-la a ouvir. Quero que outros bardos a apanhem e a partilhem por aí. — Recomeçou a tocar notas soltas. — E também quero que o senhor faça parte da viagem comigo.

— Eu?! — perguntou Taihg, quase esganiçado. — Porquê?

— As Senhoras da Lua vão reunir-se algures no centro do país... — replicou Aiden, sereno —... mas cheira-me a esturro. O poder da Dianna não está em declínio, não se apresentou nenhuma pretendente que queira tentar substituí-la no cargo e não é nesta fase da Lua que esses desafios costumam ser lançados.

— Talvez não haja nenhuma pretendente propriamente dita — comentou Taihg, hesitante.

— O que quer dizer com isso?

— Há um ditado no Oeste, segundo o qual é o dom que manda e é o dom que escolhe. Creio que seja por isso que os Fae do Ocidente nunca participaram com assiduidade nessas reuniões. De facto, não passam de uma formalidade, um ritual para celebrar a ascensão de um novo líder. Se o dom escolhe alguém, o eleito sobe ao poder, seja ele, ou ela, quem for.

— Nesse caso — replicou Aiden, sisudo —, esperemos que a sucessora apareça no Lugar Antigo hoje à noite.

— Porquê?

O Bardo poisou a harpa e voltou-se para Taihg.

— Se a Dianna for vencida, precisamos de saber quem será a próxima Caçadora. Precisamos de saber se será como ela e se vai recusar-se a fazer qualquer esforço para ajudar na guerra contra os Inquisidores, ou se, assim a Mãe de Todos quiser, vamos ter mais uma aliada para as batalhas que se avizinham. Quando sairmos daqui de manhã, teremos mais alguns dias antes de a Ashk ser obrigada a decidir se partimos para o Sul da Serra da Mãe, ou diretamente para Willowsbrook. Quero que nos acompanhe até

nos anunciarem quem é a nova Senhora da Lua. Nessa altura, peço-lhe que volte para o Ocidente e se assegure de que todos os bardos e menestréis recolhem toda a informação que encontrarem sobre ela.

— A Ashk também terá acesso a essa informação e mandará notícias para o Ocidente.

— É possível que o Caçador e o Bardo interpretem esses dados de maneira diferente. Compete à Ashk interpretá-los com o fito de proteger Sylvalan. Compete-me a mim interpretá-los com vista a decidir se os menestréis e os bardos devem, ou não, apoiar a líder feminina dos Fae, seja ela quem for.

Taihg olhou-o fixamente.

— Se fizer pouco da Senhora da Lua numa cantiga, os clãs não quererão nada consigo por temerem ofendê-la.

— Nomeadamente os clãs ocidentais?

O outro hesitou e acabou por abanar a cabeça.

— Não. A não ser, claro está, que o Caçador se indigne com a situação.

— Então, não tenho nada a perder — concluiu Aiden. — Fora do Ocidente, os clãs já estão em desacordo comigo.

Antes que Taihg pudesse reagir, uma voz masculina, irada, disse de fora do pátio:

— Pelas tetas da Mãe! Tendo em conta o que me chegou custar aqui, alguém vai ter de falar comigo.

Aiden não ouviu qualquer resposta, mas, passado um instante, um homem entrou em passos largos no pátio. Tinha cabelos negros até aos ombros, olhos escuros que deixavam transparecer inteligência e perspicácia, além de franca irritação. Era um homem alto, musculado, que se deslocava com elegância, embora transmitisse uma impressão de violência contida, como o mar em vésperas de tempestade.

Era evidente que se tratava de um Fae, mas o Bardo ficou apreensivo assim que o viu. Ergueu-se para confrontar o desconhecido.

— Quem é você? — quis saber o recém-chegado.

— Chamo-me Aiden. Sou o Senhor das Cantigas.

— Com que então, é o Bardo. Eu sou Murtagh, Senhor dos Selkies. Estava à procura do Caçador, mas, por enquanto, terei de me contentar consigo.

— Não me diga.

Murtagh esboçou um sorriso ferino que deu vontade a Aiden de ter uma faca afiada e habilidade para a manejar. Parecia-lhe que ao outro não faltava a arma, nem o jeito.

— Gostaria que o Bardo, quando tivesse tempo para isso, passasse pela Ilha dos Selkies, para animar os nossos menestréis. Temos meia dúzia deles

na ilha e não se dignam a levantar o rabo da cadeira nem para darem um traque, muito menos para aprenderem cantigas novas. Vocês nunca escrevem nada de novo?

— De vez em quando... — replicou Aiden, seco.

Murtagh olhou para Taihg de alto a baixo.

— Se estiver demasiado ocupado, pode mandar-nos outro bardo.

— Eu enjojo quando ando de barco — replicou Taihg, apressado.

O visitante deixou escapar um suspiro.

— Bem, veja se ganha coragem. Já oiço as mesmas cantigas desde que era pequeno. Quem me dera deitá-los a todos ao mar, mas são selkies, como eu, logo não me serviria de nada.

— Vou pensar nisso — disse Aiden —, mas, de momento, tenho outras preocupações.

— Tem toda a razão. — Murtagh passou com uma mão pelos cabelos.

— Tenho ouvido muitos boatos, Bardo, e não gosto do que ouvi.

— O que lhe disseram?

— Disseram-me que as bruxas estão a ser assassinadas por homens que dão pelo nome de Mantos Negros. Que os Lugares Antigos estão a ser ocupados por seres humanos e que o Povo Menor está a ser expulso de lá.

— É bem verdade.

— Ora... Pelas tetas da Mãe! Porque é que as Filhas da Mãe Universal não fogem pelas estradas resplandecentes e deixam os Fae tratar da saúde desses canalhas?

— Os Fae do Leste de Sylvalan recusaram-se a ajudar as feiticeiras... entretanto, também desapareceram. À medida que as estradas se foram fechando, foram ficando presos nos seus territórios em Tir Alainn. Se tiverem sobrevivido.

Murtagh fixou-o com o olhar e praguejou entre dentes.

— Nesse caso, tiveram a sorte que merecem.

Aiden olhou-o com interesse redobrado.

— Aceitaria receber uma bruxa no território do seu clã em Tir Alainn?

Viram-se chispas de raiva nos olhos escuros de Murtagh, que não tardou a esboçar um sorriso melancólico.

— A minha avó é uma feiticeira cuja capacidade de controlar a água é mais bem empregue em mar alto. Está em boa forma e é muito ativa, para uma mulher daquela idade, mas o frio e a humidade são um castigo para os ossos dos velhos, por isso, todos os anos, quando os ventos do outono começam a saber a inverno, pego nela e nas outras Anciãs e levo-as para a casa do clã, em Tir Alainn. Não que ela se deixe ficar lá. Tem saudades dos humores do mar e volta à terra dela, para passar alguns dias em casa, antes de eu a arrastar de volta. — Calou-se, antes de

prosseguir: — Ouvi dizer que uma jovem bruxa, ligada ao mar, passou há pouco tempo por Sealand.

— Também me constou que sim — disse Aiden, cauteloso.

Murtagh abanou a cabeça.

— Vi esse navio passar. Se soubesse que levava uma bruxa no porão, teria convencido o capitão a fundear num dos nossos portos, para passar um ou dois dias connosco.

— A feiticeira está satisfeita no sítio onde foi parar — disse Ashk, que acabara de chegar ao pátio com Morag.

O Senhor dos Selkies demorou-se a olhar para as duas mulheres e cumprimentou-as com uma vénia respeitosa, embora pouco pronunciada.

— Não a teria retido se não estivesse disposta a ficar connosco. Digo apenas que teria sido preferível se ma tivessem apresentado antes de ela ter decidido onde ficar. Os portos que temos para lhe oferecer não ficam atrás dos da Ilha de Ronat.

Ashk sondou-o com o olhar.

— Teria oferecido porto seguro à família dela?

— Ela tem parentes?

Aiden encolheu-se, lamentando que a pergunta de Murtagh tivesse dado a impressão de que aproveitaria qualquer bruxa que lhe aparecesse à frente, particularmente quando Morag disse: — Responda à pergunta —, num tom de voz muito severo.

Viu Ashk reposicionar-se discretamente e perguntou-se o que seria capaz de fazer para travar a Ceifeira, se esta decidisse matar o Senhor dos Selkies. Infelizmente Morag andava ensimesmada desde que partira de Bretonwood e nem mesmo Morphia conseguira descobrir o motivo. Em todo o caso, o seu estado de espírito sombrio fizera com que os demais se enchessem de cuidados quando tratavam com a Ceifeira.

Passado algum tempo, Murtagh respondeu:

— Teria um porto seguro para ela e para quem quer que a acompanhasse. Aliás, ponho-o desde já à disposição de qualquer bruxa que precise de se afastar dos tratantes a quem chamam Mantos Negros e dos Barões de Sylvalan que perderam os tomates, ou os venderam para melhor rechearem os seus cofres. — Desviou o olhar, antes de tornar a fixá-lo em Ashk. — A senhora é o Caçador, não é?

— Sou, sim.

— Está a mobilizar os Fae para pormos fim à chacina?

— Sim.

Murtagh assentiu com um aceno.

— O Caçador governa as florestas. O Senhor dos Selkies manda no mar. Assim sendo, como podemos ajudar-vos? Os Fae cujas formas alter-

nativas estão mais bem equipadas para se deslocarem na água de pouco lhe servirão em terra, mas controlamos o mar em redor da nossa ilha, nomeadamente a água que banha a costa do continente.

— O que têm os barões do litoral a dizer sobre isso? — indagou Aiden. O outro fez um sorriso estreito.

— Há alguns anos, quando fui eleito Senhor dos Selkies, um dos barões do litoral visitou a nossa ilha. Estava insatisfeito por os nossos pescarem nas mesmas águas que os aldeões, visto que recebia uma quota-parte do pescado, além daquilo que ganhava à custa dos seus rendeiros. Bem, quando nos visitou e me disse que, por não haver barão na ilha, queria tomá-la para si próprio, expliquei-lhe que não precisávamos dele e que eu governaria o meu próprio povo. Não levou isso a bem.

— Como reagiu o senhor? — perguntou-lhe Ashk.

— Afundei o barco dele. Salvámos os tripulantes, mas o barão só voltou a pôr os pés em terra firme que fosse sua duas semanas mais tarde e aprendeu uma lição sobre o poder que tem quando comparado com o de um Fae. Poucos anos mais tarde, morreu afogado. A culpa não foi minha, mas ninguém chorou a morte dele, particularmente quando o povo soube que tinha um acordo de cavalheiros com os piratas que andavam a dificultar a vida da marinha mercante. O filho mal tinha idade para assumir o título, mas tem tratado bem dos seus súbditos. Chegámos a um acordo conveniente para todas as partes. Agora, quando aparecem navios que precisam de porto seguro, aceitamos recebê-los. — Calou-se, antes de prosseguir: — Quando aparecem navios que merecem acabar no leito do mar, juntamente com todos os tripulantes, garanto que isso acontece.

Ninguém teceu comentários.

Por fim, Ashk perguntou:

— Continuam a ter problemas com piratas?

Voltou a desenhar-se um sorriso nos lábios de Murtagh.

— Nas minhas águas, não.

— Ficar-lhe-ia grata se estivesse atento à passagem de um navio em particular. Chama-se *Querido Selkie* e o capitão chama-se Mihail. Creio que terá a gentileza de o apresentar à irmã, a nova bruxa de Sealand, se o ajudar a chegar a casa em segurança. Mas não tenho informação para lhe dar sobre mais nenhum navio.

— Compreendo, Caçador. Sinto-me honrado por, finalmente, a ter conhecido... a si e à Ceifeira de Almas.

Morag limitou-se a olhá-lo fixamente, então deu meia-volta e afastou-se.

— Que a Mãe o abençoe — sussurrou Ashk, antes de, também ela, sair do pátio.

Aiden inspirou fundo e soltou, lentamente, o ar dos pulmões. Pelo canto do olho, reparou que Taihg se deixara afundar no banco, como se estivesse exausto. Pelos vistos, não fora o único a ficar com os nervos em franja na sequência daquele encontro.

Murtagh demorou-se a olhar para a entrada do pátio, antes de se voltar para o Bardo.

— Fazem um belo par...

— Sim — replicou Aiden, compreensivo —, sem dúvida alguma. — Duvidava que dormisse tranquilo se começasse a pensar na viagem que estava prestes a fazer com duas mulheres que, cada uma à sua maneira, tinham alguma afinidade com a Morte e eram igualmente mortíferas. Sacudiu essas ideias do seu espírito. Aquelas mulheres eram exatamente aquilo de que Sylvalan precisava na guerra.

— Então, muito bem... — disse Murtagh.

Aiden deslocou um dos seus pés e tocou na bota de Taihg. O bardo sobressaltou-se, deteve-se a olhá-lo, pasmado, por algum tempo, levantou-se de repente e disse:

— O meu clã tem todo o gosto em que passe a noite connosco.

O Senhor dos Selkies esboçou um sorriso e abanou a cabeça na negativa.

— Só diz isso porque querem que haja um alvo apetecível em que aquelas duas possam descarregar a sua ira se ficarem irritadas.

— É bem verdade — admitiu Aiden, levantando o tom de voz para se sobrepor ao protesto hesitante de Taihg —, mas se aceitar ficar aqui, prometo-lhe que ouvirá uma ou duas cantigas novas.

Murtagh riu-se.

— É uma proposta arriscada, Bardo, mas não vou recusar.

Ótimo, refletiu Aiden e pegou na sua harpa. Claro que tinha a intenção de ouvir algumas das músicas que o Senhor dos Selkies conhecia, pois desconfiava que muitas das tais «canções antigas» nunca haviam saído da ilha dele, mas escusava de confessar que tinha interesse nisso.

*Ele caçava. Impiedoso. Quase sem pensar. Esfaimado. Caçava.*

*Ela estava a correr por entre as árvores de Bretonwood, desesperada por encontrá-Lo antes que...*

*Ouviu o barulho das rodas de uma carroça num trilho na floresta. Os gritos de um bebé a chorar, apavorado. Viu Ari olhar para trás, viu o terror que transpareceu no rosto da jovem bruxa, como se fosse uma máscara irreconhecível.*

*Carne. Sangue. Almas. Alimento. Ele não parava de caçar.*

*Ela continuou a correr. Correu sem parar... mas não localizava o inimigo. Como poderia colocar-se entre Ele e a carroça se não conseguia encontrá-Lo?*

*Estava cada vez mais perto. Cada vez mais próximo. O inimigo ouvia a respiração difícil da feiticeira, apesar do choro do bebê.*

*Ela acelerou. O Outro estava demasiado perto daquelas pessoas que lhe eram queridas. Excessivamente perto.*

*Um veado pulou para fora do arvoredo e aterrou no meio do caminho.*

*Por instantes, ela pensou que fosse o veado velho, supôs que estava a reviver a memória do salto impressionante que ele dera para salvar um menino dos caçadores noturnos. Porém, aquele veado era mais jovem, tinha olhos azuis, corpo que ainda tinha de amadurecer e não era tão robusto como haveria de se tornar, com armações mais pequenas do que o outro que guardava na memória.*

*A fome!*

*O veado atacou com as armações e os cascos. Gritou de dor quando as garras se afundaram nos músculos do seu dorso, quando lhe rasgaram a pele e romperam a carne. Gritou ao sentir os dentes com que Ele lhe furava a jugular para beber o sangue que jorrava da ferida. Mais. Mais. Tinha sede de mais. Uma sede absolutamente insaciável. Queria primeiro o sangue. Depois a alma.*

*Não!*

*Ela deteve-se no meio do trilho. Não via o inimigo. Vislumbrava apenas o veado que se enroscara no chão, à sua frente, moribundo. Assistiu à transformação do veado numa figura humana. Quando os seus olhos azuis ficaram baços, Neall soprou uma só palavra: «Morag.»*

Com dificuldade em respirar, a Ceifeira saiu precipitadamente da cama, cambaleou na direção da janela e esgratou até conseguir abrir as persianas. Ajoelhou-se no chão, agarrada ao peitoral, enquanto tentava estabilizar a respiração. Sentia o coração a martelar-lhe no peito, acelerado pelo medo que ameaçava consumi-la.

Fora a terceira vez que tivera aquele sonho. Tivera-o pela primeira vez na noite antes de ter partido de Bretonwood com Ashk. Não voltara a pregar olho, com medo do que os sonhos poderiam ter reservado para si se tornasse a adormecer.

Na manhã seguinte, enquanto se preparavam para partir, sentira-se tentada a perguntar a Morphia se fora ela quem lhe inspirara aquele pesadelo. Porém, estava certa de que a Senhora dos Sonhos não teria enviado imagens assim a uma pessoa de quem gostava, muito menos à sua própria irmã.

Talvez se tratasse de um sonho espontâneo, um aviso.

Se assim fosse, como poderia proteger Neall e Ari, se não conhecia o rosto do inimigo? Como haveria de identificar uma ameaça invisível?

Fragilizada, Morag fez força com os braços para se levantar e cambaleou até à bacia. Encheu-a de água, mergulhou as mãos, para que o frio ajudasse a descontraí-la e começou a molhar o rosto. Assim que se sentiu mais recomposta, endireitou-se e deixou que a água lhe escorresse pelas faces e o pescoço abaixo.

Quando tivera o sonho pela primeira vez, ficara quase convencida de que fora apenas um pesadelo nascido das profundezas do espírito, misturado com imagens de alguns dos acontecimentos mais horríveis a que assistira desde que os Inquisidores tinham chegado a Sylvalan no verão anterior. Se não houvesse voltado a sonhar o mesmo, talvez o tivesse esquecido, como se não passasse de um mero pesadelo. Todavia... sonhar o mesmo três vezes... Não. Não podia menosprezar um sonho que a perseguia.

Portanto, concluiu que havia um perigo iminente. Algo que Ari temia. Algo que mataria Neall se não o impedisse a tempo. No entanto, tinha também de refletir sobre o bebé que estava na carroça. Ainda faltavam muitas semanas para Ari dar à luz. Tinha tempo para seguir viagem com Ashk e dar ao Caçador todo o auxílio que pudesse, antes de voltar atrás, para Bretonwood.

Morag voltou para a cama e mergulhou num sono inquieto, mas sem sonhos.



## CAPÍTULO NOVE

### LUA NOVA

Liam passou com as mãos sobre o rosto e reclinou-se na cadeira, a olhar fixamente para a folha de papel que se encontrava na escrivaninha.

Por mais voltas que desse ao assunto, chegava sempre à mesma conclusão: Willowsbrook tinha seis guardas às ordens do magistrado da aldeia. Seis homens capazes de manejar armas em combate para protegerem a aldeia e as quintas circundantes. Seis.

O seu pai julgara que era uma extravagância ter tantos guardas numa aldeia da dimensão de Willowsbrook. De certa forma, o antigo barão estava certo. Parecia um número excessivo de homens para resolverem uma briga entre bêbedos aqui e ali, em dias de feira, e para garantirem que as quezílias entre vizinhos eram apresentadas ao magistrado, para que pequenas questiúnculas não se agudizassem, dando azo a vinganças mesquinhas que pudessem resultar em violência. Mas agora...

Como poderia proteger o seu povo com apenas seis guardas? Se contasse com o seu couteiro e os dois ajudantes que trabalhavam com ele, tinha mais três homens capazes de usarem arcos e flechas. Não chegavam. Não seriam, nem de perto, nem de longe, suficientes se os Inquisidores mobilizassem um exército para subjugar os barões que se recusavam a partilhar da perspectiva que tinham sobre o mundo.

Podia pedir à família de Breanna que lutasse ao lado dos seus súbditos. Os homens que agora residiam no Lugar Antigo e sabiam disparar com arcos duplicariam o número de combatentes ao seu dispor e alguns deles até sabiam usar espadas. Porém, isso deixaria o Lugar Antigo e as mulheres que lá viviam vulneráveis se o inimigo tivesse soldados suficientes para dividir as suas forças, entretendo os guardas com metade, de modo a libertar a outra para invadir o Lugar Antigo.

Podia dar ordens aos magistrados de todas as aldeias da região que governava para lhe enviarem metade dos seus combatentes. Isso dar-lhe-ia mais guerreiros com os quais poderia reforçar as suas fileiras, mas também deixaria as aldeias desprotegidas, além de os guardas adicionais não suprirem as suas necessidades, não quando todos os barões que apoiavam os Inquisidores tinham condições de contribuir com igual número de homens para o seu exército.

*O que devo eu fazer, Mãe de Todos? Como posso proteger o meu povo, os meus amigos e a minha família? Como posso eu...*

Entrou um laçai no quarto.

— Vem aí um cavaleiro! Depressa. O Sloane acha que é o filho do Senhor Thurston.

Liam saiu disparado do quarto e correu para a porta principal, já aberta, de onde Sloane, o seu mordomo, observava a aproximação do cavaleiro a galope. O filho mais velho de Thurston era um dos jovens fidalgos que, na altura, percorriam diariamente as estradas para vigiarem a aldeia e as quintas circundantes. Haviam recebido ordens rigorosas no sentido de não abordarem desconhecidos. Se vissem algum por ali, deviam dirigir-se para a casa mais próxima, para alertarem os moradores antes de informarem o magistrado.

Saiu de casa, com Sloane no seu encaço. Se o filho de Thurston ia ali, isso queria dizer que a residência do barão era a casa mais próxima. E isso implicava que...

O jovem galopou ao encontro deles e travou a fundo, sentando o cavalo no chão.

— Vêm aí cavaleiros! — gritou, apesar de estar quase ao colo de Liam.

— Quantos? — perguntou-lhe Liam, tentando ignorar a onda de calor que lhe inundou o corpo dos pés à cabeça.

— Conteí vinte homens e duas carruagens.

— Alguém sabe de onde vêm?

— Vêm da aldeia... se não me engano.

Isso queria dizer que o magistrado já sabia da chegada dos desconhecidos e estaria prestes a chamar os guardas. Não que os conseguisse reunir a tempo de ajudarem, exceto a enterrar os cadáveres.

— Devo avisar o meu pai? — quis saber o jovem.

Liam hesitou, momentaneamente, antes de abanar a cabeça.

— Segue para o Lugar Antigo. Avisa-os a eles. Se formos atacados aqui, serão o próximo alvo a abater.

— Sim, senhor. — O jovem tocou com os calcanhares nos flancos da montada e esta arrancou a galope, rumo à ponte sobre a ribeira.

O barão voltou-se para Sloane.

— Manda trazer o balde de lenha. E manda um dos laçaios procurar o couteiro para lhe dizer que precisamos dele em casa e que venha armado.

— Sim, senhor.

Quando Sloane foi a correr para casa, para transmitir aquelas instruções, o barão viu o seu estribeiro-mor, Flint, avançar em passos largos na sua direção, vermelho de raiva.

— Prepare o maior número de cavalos possível — atirou Liam, assim que o outro se aproximou o suficiente para o ouvir. — Atrele também a

carroça a um par de cavalos. Peça a um dos moços de estrebaria que fique com o veículo, para o conduzir.

Se os criados tivessem de fugir, teriam maior probabilidade de escapar e de chegar ao Lugar Antigo se fossem a cavalo, não a pé. A maior parte dos seus lacaios sabia montar, embora nenhum deles fosse grande cavaleiro. Cada um dos empregados poderia levar uma criada atrás de si. Os que sobrassem poderiam seguir na carroça com as crianças.

Flint não parou, nem regressou aos estábulos, para cumprir aquelas ordens. Ao invés, continuou a dirigir-se para Liam, estacando apenas a dois metros de distância do barão. Tinha os punhos cerrados e uma expressão de ódio no rosto.

— A culpa é sua — atirou Flint, bruscamente. — O barão não nos teria posto em perigo desta maneira.

— O barão sou eu.

— Pode ter o título, mas não chega aos pés do seu pai. Nunca chegará. É um pirralho, filho de uma bruxa que convenceu o barão de que era seu pai.

Liam cravou o olhar no outro, que sempre fora e sempre seria fiel ao seu pai. A vontade de esbofetear o homem por causa do modo como insultara a sua mãe era muita, mas o calor que sentia à flor da pele começava a ganhar intensidade, avisando-o de que, irrefletidamente, absorvera demasiado poder do fogo e desconfiava que, se levantasse agora a mão, não seria capaz de controlar as energias libertadas.

— Saia da minha propriedade — disse o barão, em voz baixa, mas violenta. — Não o quero perto da minha família. Não o quero perto do meu povo. Vá-se embora.

— Para onde, agora que trouxe o inimigo até aqui? — indagou Flint, cuja raiva parecia ter sido substituída por medo.

— Pode obedecer às minhas ordens e ficar cá enquanto não puder partir em segurança, ou ir-se embora imediatamente.

Por instantes, Flint ficou aturdido.

Liam viu os primeiros cavaleiros desconhecidos abandonarem a estrada principal e enveredarem pelo acesso a sua casa.

— Escolha, Flint. Eles vêm aí.

A respiração do estribeiro-mor tornou-se mais entrecortada quando viu mais cavaleiros aparecerem no acesso. Por fim, arrancou a correr na direção dos estábulos.

Saiu um lacaios de casa, que deixou escapar um grunhido quase impercetível ao poisar o enorme balde de latão ao lado de Liam. Em circunstâncias normais, o balde ficava ao pé da lareira na sala de visitas, cheio de lenha. Agora estava cheio de toros e paus suficientemente compridos para serem usados como tochas.

— Volta para dentro — disse o barão, atento aos cavaleiros que se aproximavam.

Não precisou de insistir.

Os cavalos tinham medo de fogo. Se lhes atirasse pedaços de madeira em chamas, talvez se espantassem, talvez até projetassem os cavaleiros para o chão, talvez lhe dessem tempo para se assegurar de que os criados fugiam antes de serem trespassados por uma seta, ou, pelo menos, tal como teve a honestidade de acrescentar para consigo, antes que se incendiasse a si próprio.

Quatro dos forasteiros eram guardas e vinham à frente de cinco homens com vestes finas de fidalgo. A poeira levantada pelos cascos dos cavalos só lhe permitiu identificar os cinco quando os mais adiantados se desviaram e Liam reconheceu o Barão Donovan. Tratava-se de um conhecido seu, de cuja companhia desfrutara de tempos a tempos, quando compareciam nas mesmas festas, ou jantavam juntos no clube.

O que mais desanimou Liam foi o facto de Donovan ter sido o único barão além de Padrick a reagir minimamente ao discurso apaixonado que fizera perante o conselho reunido em Durham, discurso que levava os Inquisidores a virarem-se contra ele.

Por que motivo estaria ali aquele homem?

Donovan apeou-se. Os outros quatro imitaram-no, tal como metade dos guardas. Identificou os quatro fidalgos como sendo barões que vira na reunião, mas não se recordava dos seus nomes, nem das regiões que governavam.

— Barão Liam — disse Donovan, amável, mas apreensivo.

— Barão Donovan — replicou. — A que devo esta visita?

— Saiu de Durham com pressa — comentou o outro, a observá-lo com atenção.

— Tive razões para isso — redarguiu Liam, embora não as quisesse partilhar enquanto não soubesse o motivo daquela visita.

Abriu-se a porta da primeira carruagem. Liam viu que um dos guardas se apressara a estender uma mão para ajudar uma figura encapuzada a sair do veículo.

Passou uma expressão pelo rosto de Donovan quando a figura encapuzada avançou — estaria assustado? Então o seu rosto endureceu, revestiu-se de um ar determinado e disse-lhe:

— Responda-me a uma pergunta, para saber se fiz esta viagem em vão. Qual é a sua posição a respeito das bruxas?

O calor que Liam sentia à flor da pele tornou-se insuportável. Precisava de alguns minutos de paz para se concentrar e tentar dissipar a energia que canalizara. Como não ia ter essa oportunidade...

Levantou uma mão e libertou o poder acumulado, apontando-a para a lenha.

Irromperam labaredas do balde, que atingiram o dobro da sua altura antes de voltarem a reduzir-se a dimensões mais próximas das normais.

Enquanto os homens se esforçavam por amansarem os cavalos, a figura encapuzada parecia olhá-lo fixamente. Liam ainda não sabia o que dizer, quando Breanna contornou a casa a galope e parou ao pé deles. Contemplou os homens e os cavalos espantados, antes de atentar, momentaneamente, na figura encapuzada e de se apeiar, para depois avançar em passos largos, agora de olho nos barões.

Quando parou, apontou com um dedo para Donovan.

— Se se atrever a ameaçar alguma destas pessoas, levanto um vendaval e serão todos arrastados para o mar!

De súbito, um par de mãos fortes, mas femininas, atirou o capuz para trás, revelando o rosto de uma mulher atraente que a fulminou com o olhar.

— Se nos empurrar para o mar, levanto uma onda e transformo este sítio num lago!

A tensão evidente nas mulheres prolongou-se por vários segundos, durante os quais ninguém se atreveu a mexer-se, inclusive os cavalos. Por fim, sorriram afavelmente uma para a outra.

— De onde és? — indagou Breanna.

— Do interior, nasci a noroeste da Serra da Mãe — replicou a outra.

— Tens família na serra?

— Tenho. E tu?

— Também.

— Tenho afinidade com a água.

— A minha especialidade é o ar. E ele... — Breanna olhou de soslaio para o irmão, antes de voltar a atentar na lenha a arder —... ainda está a aprender.

Os lábios da visitante curvaram-se num sorriso.

— Já tinha reparado.

Agora que o seu coração parecia ter recuperado a capacidade de bombear sangue para lhe irrigar o cérebro, Liam apercebeu-se da palidez dos outros barões; bem como na expressão de assombro no rosto de Donovan.

— Já que o meu irmão tem a cabeça nas nuvens, vou fingir que sou da casa e oferecer-vos qualquer coisa para beberem.

A mulher olhou, apreensiva, para Liam.

— Não moras aqui?

— Porque haveria de morar? — replicou Breanna, surpreendida.

— Nesse caso, talvez...

— Não há problema nenhum. Desde que a mãe e a irmã dele...

— A minha irmã mais nova... — atalhou Liam, irritadiço.

Breanna revirou os olhos e prosseguiu:

— Desde que foram viver connosco no Lugar Antigo, o Sloane tem todo o gosto em receber instruções sobre tarefas domésticas de qualquer pessoa que tenha juízo.

— Eu tenho juízo! — protestou Liam.

— Está visto que tens...

— Não diria que não a uma bebida — atalhou a desconhecida.

— Venham comigo — disse Breanna e seguiu para dentro de casa. — Em que parte da serra mora a tua família?

Liam não ouviu a resposta, visto que as mulheres fecharam a porta assim que entraram.

Trocou um olhar com Donovan.

— Ela é...? — indagou o visitante.

— É minha irmã — explicou-lhe. Esboçou um gesto na direção da outra mulher e perguntou-lhe: — E ela...?

— É a minha esposa.

A porta voltou a abrir-se e dois dos lacaios mais novos saíram equipados com baldes cheios de água.

— A Senhora Breanna disse que era melhor apagarmos o fogo — anunciou um deles.

— A não ser que o Barão queira que uma delas chame uma nuvem para chover em cima da lenha — acrescentou o outro.

Mostraram-se muito desiludidos quando Liam deixou escapar um suspiro e lhes pediu que apagassem as chamas. Ficaram a ver a água apagar o fogo — excetuando aquele que consumia um dos pedaços de lenha que se encontravam mais em cima e que teimava em arder mesmo depois de encharcado.

— Sabe que ela tem razão — comentou Donovan, malicioso.

— Em que sentido? — indagou Liam.

— O barão ainda está a aprender.

Liam limitou-se a abanar a cabeça e a dizer:

— Meus senhores, que tal se nos juntássemos às *madames* e fôssemos beber um copo? Depois podem explicar-me porque vieram aqui.

Donovan olhou para trás, para o capitão da guarda, que afirmou:

— Nós preferimos ficar cá fora, se não se importar.

Liam anuiu com um aceno.

— Vão para os estábulos. Se quiserem, podem dar de comer e beber aos vossos cavalos.

Levou os barões para casa; alguns dos guardas posicionaram-se à fren-

te do edifício, para vigiarem o acesso e os outros levaram os cavalos e as carruagens para os estábulos.

Quando os homens entraram na sala, já as bebidas estavam a ser servidas em cima de uma mesa baixa. Embora a crise imediata tivesse passado, apercebeu-se de que continuava muito assustado... e sabia porquê. Assim sendo, depois de ter dito às visitas que se servissem, empurrou Breanna para fora dali e fechou a porta.

— Serias capaz de fazer isso? — perguntou Liam.

— De deixar as visitas servirem-se sozinhas? — replicou Breanna. — Pelos vistos, sim.

— Não. Não era isso. Serias capaz de levantar um vendaval que pudessem chegar ao mar?

Pasmou-se a olhá-lo, como se o irmão se tivesse despido e tivesse começado a dançar em cima da mesa.

— Estás doido? Sabes a que distância fica o mar?

Claro que sabia. Fora precisamente por isso que se assustara.

— Então, o que foi aquilo lá fora? Foi a vossa versão de uma luta de galos?

Breanna demorou-se a ponderar sobre a questão.

— Sim.

Liam fechou os olhos.

— Apagaste o fogo? — perguntou a irmã.

— Quase todo.

— Nesse caso, está tudo bem. Vem tomar chá. Pela tua cara, bem precisas.

Na opinião dele, pelo menos os homens precisavam de uma boa dose de uísque. Paciência. Poderia servir esse tipo de «refresco» mais tarde.

— Fizeram muito bem — afirmou Donovan, passadas duas horas, depois de Liam ter informado os visitantes de que fora envenenado no clube e da intervenção de Padrick, que o salvara dos assassinos contratados para o matar depois de o veneno o ter debilitado e que o levava para fora de Durham, assegurando-se de que chegava a casa. Depois de lhes ter descrito o conteúdo da carta que a prima da sua mãe lhe enviara, revelando a verdade sobre a «intervenção» à qual os Barões do Oriente queriam que todas as mulheres se submetessem, o nível de uísque na garrafa baixou perceptivelmente.

Liam mudou de posição na cadeira. Os assentos na sala de jantar não eram muito confortáveis mas a mesa que ali estava tornava a conversa mais cómoda, permitindo-lhes que se vissem melhor uns aos outros enquanto

falavam. Além do mais, em qualquer outra divisão, aquela conversa pareceria excessivamente informal.

— Lamento não ter participado na votação — afirmou Liam, passando com um dedo ao longo da borda do copo.

Donovan abanou a cabeça.

— A sua ausência e a de Padrick tiveram maior impacto do que teria a vossa presença. Os dois lugares vagos deixaram muitos dos barões apreensivos, particularmente depois de o Hirstun ter dito que vocês deviam estar demasiado envergonhados para darem a cara na votação. Pelas tetas da Mãe! Qualquer pessoa que tenha travado conhecimento consigo sabe que nunca teria faltado à votação, a não ser que tivesse razões para isso. Quando o Padrick não apareceu... — encolheu os ombros, constrangido — ... percebemos qual seria o sentido dos votos dos barões ocidentais e concluímos que já não estávamos apenas a votar as propostas de lei. O Leste e o Oeste tinham passado a ocupar posições opostas e, quando votámos, quisemos mostrar de que lado estávamos.

Liam contemplou os outros cinco.

— Votaram todos contra os decretos.

— Caso contrário, não estaríamos aqui — replicou Donovan, convicto. Penteou os cabelos com os dedos, visivelmente frustrado. — Todos os Barões do Centro votaram contra os decretos. Muitos dos Barões do Norte também. Os do Sul dividiram-se praticamente ao meio. Mas não é essa a questão.

— Então, onde quer chegar com isso?

— Quero com isso dizer que estamos prontos para a guerra. Os Barões do Oriente vão unir esforços, armas, homens e é quase certo que contarão com armas e reforços vindos de Wolfram, visto que os Inquisidores são de lá. Os Barões de Arktos talvez mobilizem mais alguns combatentes para nos atacarem, isso se as regiões deles também estiverem sob a influência da Inquisição. E o que temos nós? Mesmo se reunirmos todos os guardas de todas as aldeias, não teremos forças suficientes. Não se os barões orientais se aliarem aos de Wolfram e Arktos. Liam... — Donovan voltou a passar com os dedos pelos cabelos — ... durante uma viagem, por vezes partilham-se segredos e não quero que cometa nenhuma inconfidência; peço-lhe apenas que... Tem de haver um motivo para os outros barões ocidentais seguirem o exemplo do Padrick. Só lhe peço que nos diga se sabe qual é. Quando nos aliámos ao Ocidente, colocámos o bem-estar dos nossos súbditos nas mãos dele.

Liam tornou a encher o copo e bebeu um gole de uísque, ganhando tempo suficiente para refletir. Tinha informação sobre Padrick que se recusava a transmitir. No entanto, sabia também de factos que podia partilhar.



Só não sabia se os homens que se encontravam em redor na mesa achariam esses dados reconfortantes.

— Ele conhece os Fae — anunciou, em voz baixa.

Fez-se silêncio na sala, antes de um dos barões fungar com desprezo.

— Há muitos aldeões cujas filhas travaram conhecimento com os Fae... e variadíssimos jovens que, para o bem e para o mal, tiveram encontros com o Povo Belo.

Liam abanou a cabeça.

— Não é a isso que me refiro. O Padrick conhece bem os Fae. Disse-me que os barões não são as únicas autoridades no Ocidente, nem são as entidades mais poderosas de lá.

Seguiu-se novo silêncio prolongado.

Donovan recostou-se na cadeira e cravou o olhar em Liam.

— Quer com isso dizer que ele está em condições de convencer os Fae a lutarem do seu lado contra o exército dos Inquisidores?

— Não creio que a dificuldade esteja em convencê-los — disse o anfitrião, com cautela. — O mais difícil será não sermos apanhados no fogo-cruzado entre eles e os inimigos que optarem por combater.

— Que a Mãe nos acuda — sussurrou Donovan. — Se tivéssemos esse apoio aqui... Mas não temos, pois não?

Liam abanou a cabeça na negativa.

Donovan demorou-se a contemplar o uísque que tinha no copo.

— Há outro sítio onde podemos procurar aliados... se nos ativermos a isso. — Esgotou o resto da bebida e poisou cuidadosamente o copo na mesa. — Na minha família conta-se uma história sobre o irmão de um dos meus bisavós. Saiu a cavalo numa noite de luar e encontrou-se com uma senhora, uma mulher como nunca tinha visto antes. Apaixonou-se por ela e encontraram-se todos os dias até a Lua mudar. Ofereceu-lhe prendas que ela desprezou, mas era o filho mais novo dos seus pais e não tinha com que comprar presentes mais finos. Numa noite discutiram um com o outro e ela deixou-o. Nunca mais voltou. No entanto, a partir dessa noite, ele desenvolveu a compulsão de escrever poesia. Todas as manhãs, assim que acordava, apressava-se a ir buscar papel e uma caneta à escrivaninha e passava muitas horas em franco desespero, por vezes a chorar de frustração, a tentar escrever poemas angustiantes. E a compulsão que o levava a escrevê-los, levava-o também a declamar para as visitas, ou para a família quando não as tinha, até para os criados quando mais ninguém o ouvia.

»Era como uma doença, visto que, depois de escrever as palavras no papel, passava o resto do dia sossegado. Mas a situação estava a destruí-lo e a família temia pela sua sanidade mental. Correram boatos segundo os quais a senhora com quem se encontrara ao luar era a Musa, ou uma das

outras que têm o dom da palavra, e que ela amaldiçoara com aquela ânsia um homem cuja felicidade estava nas lides do campo e que não tinha qualquer talento para as letras.

»Num dia de outono, ele desapareceu. A família só voltou a vê-lo na primavera, altura em que regressou a casa. Recusou-se a dizer onde fora, mas os parentes notaram que ele estava diferente. Passou a andar sempre acompanhado de uma varinha esguia de madeira de carvalho. Mantinha a ânsia de escrever um poema por dia, mas já não o registava em papel. Usava a varinha para desenhar palavras na relva, nas águas do rio e até no ar. A compulsão já não era uma tortura. Passou, simplesmente, a escrever pequenos poemas e, satisfeita a sua ânsia, entretinha-se com outras tarefas.

»A única coisa estranha que fez depois de voltar para casa foi insistir com o seu irmão, que era o barão na altura, no sentido de ir dar os seus respetos às senhoras que moravam no Lugar Antigo. Fazia questão que o barão se encarregasse de satisfazer as necessidades básicas delas, assegurando-se de que tinham lenha para a lareira, pano para a roupa, comida na despensa e a casa em bom estado de conservação. Quando o barão lhe perguntou porquê, prometeu que lhe contaria um ano mais tarde, se o ajudasse a tomar conta das feiticeiras.

»Assim sendo, o barão cumpriu a sua parte e não teve qualquer dificuldade em fazê-lo. A sua esposa convidava-as para jantares e saraus e, gradualmente, as bruxas que dantes se isolavam por julgarem que não seriam bem aceites, integraram-se na comunidade e retribuíram a amizade com que foram acolhidas usando os seus poderes para ajudarem os agricultores e os aldeões.

»Ao longo desse ano, sempre que o barão perguntava ao irmão porque insistia que apoiassem as bruxas, a única resposta que lhe dava era: «Não nos podemos esquecer da família a que pertencem.»

»Um ano depois de o barão ter feito a sua primeira visita de cortesia às senhoras do Lugar Antigo, o irmão entregou-lhe uma folha onde estava escrito um poema. Fora o único poema que registara em papel desde o regresso a casa. Acabou por ser o último que alguma vez escreveu assim.

Donovan tornou a atestar o seu copo com uísque e deixou escapar um suspiro.

— Desde esse dia, o tal poema foi sendo passado de geração em geração. A folha original tem sido cuidadosamente conservada e só é manipulada durante o tempo necessário para cada pessoa que a herda fazer uma cópia meticulosa, com a sua letra, que o detentor do título de barão confronta com o original, para garantir que não se perde nenhuma palavra e que o texto não é modificado. — Parou, hesitante, antes de prosseguir: — Casei-me com a Gwenn porque me apaixonei por ela e quis ser seu marido.

Antes de a família dela ter autorizado o casamento, fizemos uma viagem e compreendi aquilo que o irmão do meu bisavô queria dizer quando me ensinou que não me posso esquecer da família a que a minha esposa pertence.

Liam reparou que a mão de Donovan tremia ligeiramente quando voltou a levar o copo de uísque aos lábios, antes de afirmar:

— Meus senhores, digo-vos com toda a franqueza que os Barões do Oriente são tolos por terem permitido que os Inquisidores entrassem na nossa terra. São tolos por terem feito tantas maldades. Mesmo que mobilizem um exército e nos levem de vencida, acabarão por perder, porque há de chegar o dia em que matarão a bruxa errada e, então, que a Mãe Universal tenha piedade de todos nós.

Fez-se silêncio enquanto tornavam a encher os copos de uísque.

Talvez por já não estar absolutamente sóbrio, Liam perguntou:

— O que diz o tal poema?

Donovan fixou o olhar num horizonte que os demais não viam e, por fim, declamou:

*«Não desperteis a Serra da Mãe.  
Não perturbeis o sono tranquilo  
de quem nela habita.  
Instigada, a sua ira  
fará tremer o mundo  
e os homens não voltarão  
a ver o amanhecer.»*

— Que a Mãe nos acuda — sussurrou Liam, no preciso instante em que alguém bateu ao de leve à porta da sala.

Breanna entrou acompanhada de Gwenn.

— Pedimos desculpa pela interrupção, cavalheiros — disse a primeira —, mas eu...

— Disseste que estavam só a falar da garganta para fora — atalhou Liam —, mas há realmente bruxas na Serra da Mãe que são capazes de levantar um vendaval como aquele que referiste, ou de trazer o mar para o interior? — *Estás bêbedo, rapaz*, admitiu para consigo, mas foi ficando, a pouco e pouco, mais sóbrio quando viu as duas mulheres virtualmente paralisadas.

— Na minha família, não — respondeu Breanna, cautelosa. — Pelo menos... creio que não haja.

— Há perguntas que talvez seja melhor não fazer acerca da Casa de Gaian — acrescentou a outra, com um sussurro.

Donovan levantou-se lentamente e perguntou:

— Gwenn?

A esposa abanou a cabeça e começou a esfregar os braços, como se subitamente tivesse ficado com frio e, com alguma relutância, admitiu:

— Há Anciãs que conhecem feitiços antigos. Feitiços que nunca aprendemos. Essas são muito poderosas. Não chegaste a conhecê-las.

Liam olhou de soslaio para Donovan e viu-o engolir em seco. Que a Mãe os protegesse. Era evidente que ele ficara admirado com as senhoras que conhecera... e agora a esposa dizia-lhe que havia outras ainda mais poderosas?

— São quase todas professoras — prosseguiu Gwenn. — Dão aulas às mais fortes e às melhores de todas nós, àquelas que respeitam o nosso lema com toda a convicção; àquelas que, além do mais, admitem usar os seus poderes se for preciso.

— Precisamos de aliados, Gwenn — disse o marido, com ternura. — Não creio que o meu povo seja capaz de travar os Inquisidores. Não sem ajuda.

— É por isso que a Gwenn tem de ir ao Lugar Antigo hoje à noite — disse Breanna. Mostrou-lhes uma folha de papel. — O Rory trouxe isto há uns dias. É uma carta do meu primo Skelly. Diz que vai acontecer algo hoje à noite e que temos de atentar no que possa estar escrito nas águas, nos segredos que o vento nos sussurre.

— O que tem a noite de hoje de especial? — indagou Liam.

— É noite de Lua nova — replicou Gwenn, que continuava a esfregar os braços.

— O que quer que possa vir a acontecer merece a atenção da Casa de Gaian — acrescentou Breanna. — Assim sendo, aconteça o que acontecer hoje à noite, pode vir a mudar tudo.

Liam levantou-se e dirigiu-se, vagaroso, para a porta.

— Vou ver se o cozinheiro tem como preparar uma refeição para todos. Depois vamos para o Lugar Antigo.

Breanna anuiu com um aceno.

Quando saiu para o corredor, Liam ouviu Gwenn dizer, em voz baixa:

— Há poucos anos conheci duas delas, quando passei uma temporada a estudar na Serra da Mãe. Duas feiticeiras que estavam a ser instruídas pelas Anciãs. Têm demasiado presente o nosso lema, tal como todas as feiticeiras mais poderosas, para se atreverem a atacar sem provocação, mas que a Mãe tenha piedade de quem quer que ouse provocar a Selena ou a Rhyann, a ponto de retaliarem.

## CAPÍTULO DEZ

### LUA NOVA

Selena parou de remexer nos alforjes que já estavam presos à sela de Mistrunner, respirou fundo e voltou-se para as pessoas que a observavam. Os sorrisos esperançosos com que se deparou picaram os seus nervos já sensíveis. Ella e Mildred tinham passado o dia atarefadas por causa dela; a lavarem e a engomarem as calças brancas, justas, e o vestido que ia usar; a ajudarem-na a lavar e a secar os seus longos cabelos negros, insistindo que repousasse, comesse e descansasse um pouco mais. Chad e Parker tinham limpado os arreios de Mistrunner e escovado o seu pelo até ficar lustroso. E ao longo do dia tinham segredado, entusiasmados, ao alcance dos seus ouvidos, sobre a probabilidade de, finalmente, haver uma Caçadora na família, que defenderia as bruxas e assumiria o papel de protetora que lhe competia, como já acontecera há muito tempo.

Todavia, nenhuma das conversas que apanhara sugeria que Ella e Mildred compreendessem a razão de a Caçadora estar destinada a protegê-las. Se as feiticeiras que moravam fora da Serra da Mãe já não se recordavam do motivo por que as Senhoras da Lua estavam ligadas às Filhas da Mãe Universal, ter-se-iam também os Fae esquecido disso?

*E o que dirão quando lhes explicar o motivo por que se reúnem hoje na clareira? Talvez seja melhor não dizer nada. Se já soubessem, ter-se-iam mantido à margem enquanto parte de Sylvalan se vergava sob o peso da angústia, do medo e do ódio? Como reagirão quando uma desconhecida lhes disser uma verdade que duvido que estejam preparadas para ouvir? Como poderão negá-la quando é uma verdade que lhes corre no sangue e respira no corpo?*

Rhyann deu um passo em frente e poisou as mãos nos ombros de Selena. Ao beijar a face da irmã, segredou-lhe:

— Estás a pensar de mais. Vai participar na dança. Celebra o dom que quer manifestar-se em ti.

— Não sei se vou poder voltar aqui depois da cerimónia — respondeu Selena num sussurro e estreitou a outra com os braços.

— Não hás de voltar. Tens de te entender com os Fae e tens de lhes mostrar o quanto custa entenderem-se contigo.

Selena afastou-se e perguntou:

— O que queres dizer com isso?

Rhyann limitou-se a fazer um sorriso rasgado.

Por mais que tenha tentado, a irmã não foi capaz de retribuir o gesto.  
— Para onde vais amanhã? Vais tentar descobrir a origem do teu sonho?

Rhyann abanou a cabeça.

— Vou para sul... e para oeste. Sinto que o sonho puxa por mim. Sinto que sou como uma chave. Se ao menos encontrar a porta...

— Não te esqueças do que prometeste ao pai... e daquilo que me prometeste a mim. Não vás sozinha para sul nem para leste do centro do país.

— Não me esqueço, se te lembrares do que nos prometeste a nós.

Selena abraçou a irmã, sem vontade de a largar.

— A dança está à tua espera — disse Rhyann, com ternura.

— Eu sei — replicou Selena, recuando até se separar dela. — Feliz por este encontro...

— ... com felicidades me despeço...

— ... e feliz seja o reencontro. — Selena olhou para Ella e para o resto da família. — Obrigada... por tudo.

Ella deu um braço ao marido e outro à mãe.

— Que a Mãe a abençoe, Senhora Selena.

Mistrunner bateu com um casco no chão e sacudiu o freio.

Selena montou o cavalo. O seu vestido branco, com racha atrás, para lhe ser mais fácil cavalgar, escorreu ao longo dos flancos da montada. Dada a impaciência do garanhão cinzento em relação ao seu atraso, ficou irritada com a maneira como esperou sossegado enquanto Rhyann se demorava a compor a roupa da irmã até ficar satisfeita com o modo como lhe caía.

Assim que esta se afastou, Mistrunner rumou para a clareira onde as Senhoras da Lua iriam reunir-se. À medida que o cavalo trotava no prado, a caminho do trilho que a levaria ao ponto de encontro no meio da floresta, Selena abstraiu-se das preocupações e dos receios e rendeu-se à força que a atraía para a dança.

Dianna levou a sua égua branca até ao limite da roda de mulheres. Estavam ali dezenas de pessoas: Senhoras da Lua que se tinham reunido para testemunharem aquele desafio à sua autoridade e ao seu poder. Passara o dia a estudar as pretendentes e não vira nenhuma que pudesse levá-la de vencida numa prova de força. Todavia, alguém lançara o desafio. Alguém sentia o seu dom manifestar-se com uma intensidade que exigia que se pusesse à prova. Interrogara-se sobre as cinco mulheres que tinham vindo dos clãs ocidentais e desvalorizara-as como adversárias, excetuando Gwynith. Essa tinha bastante poder. Ainda não chegava para a derrotar, mas se aumen-

tasse ainda mais, tornar-se-ia numa ameaça a ter em conta. Depois de ter confirmado o seu domínio sobre todas as outras Senhoras da Lua, talvez privasse aquela do seu dom, apenas para evitar novo desafio dentro de um ou dois anos. Afinal, era um direito que lhe assistia.

Se não houvesse qualquer pretendente que a quisesse desafiar, porque teriam sido atraídas pela sensação de que alguém se preparava para ascender ao seu lugar? E porque teriam sido atraídas para ali? Devia ter sido Dianna a escolher o Lugar Antigo onde enfrentaria a pretendente. O local era sempre escolhido pelo indivíduo que dominava todos os outros que partilhavam do mesmo dom. Se não fora ela a escolher, quem teria sido?

Apeou-se e entregou a égua a uma das suas acompanhantes, para que a levasse até ao limite da clareira. Passou em passos largos entre as outras, que abriram alas de imediato. Deu dois passos para o meio da roda e estacou, paralisada por um medo terrível.

O centro da clareira estava imbuído de um poder que pulsava, que precisava de ser libertado. Um poder imenso. Mas algo lhe parecia... estranho naquela energia. Tinha a impressão de que o própria poder era o seu rival, de que as desafiava para tentarem absorvê-lo sem se deixarem destruir.

Mas isso não estava certo. Não podia ser assim. O desafio pela soberania sobre os que partilhavam um dom partia sempre de outro Fae e não do dom propriamente dito.

Deu mais seis passos na direção do centro da clareira e esperou, incapaz de se obrigar a avançar mais.

— Quem me desafia? — bradou. Quando deu meia-volta, lentamente, para olhar nos olhos todas as mulheres que a rodeavam, estas foram desviando a vista. Algumas delas, nomeadamente as dos clãs ocidentais, olharam apreensivas para o meio da clareira.

— Quem desafia a Senhora da Lua, para ter o direito de liderar os Fae?

Não teve resposta. Ninguém se apresentou para medir forças com ela.

Então, viu um brilho ténue no arvoredo a aproximar-se da clareira. Quando saiu de entre as árvores, assumiu a forma de uma mulher montada num cavalo cinzento.

Duas Fae avançaram para intercetarem a intrusa, olharam com atenção para o rosto dela e apressaram-se a recuar, fazendo vénias respeitosas.

A mulher apeou-se, encostou uma mão ao pescoço do cavalo e dirigiu-se para a roda. As Senhoras da Lua abriram alas para a deixarem passar, mas ignorou-as e seguiu para o meio da clareira, parando a pouca distância do centro, de olhos no céu, como se visse algo a pairar sobre aquele espaço.

O brilho que o seu vestido e a sua pele irradiavam... Era como se a própria Lua acabasse de descer sobre a clareira.

O medo tornou a apoderar-se de Dianna. Não. Não havia nada de es-



pecial naquela mulher que se intrometera numa reunião particular dos Fae. Não havia. Tratava-se apenas do reflexo da luz das estrelas. A mulher era apenas uma intrusa, enquanto ela, Dianna, era a Senhora da Lua. Como se atrevia aquela desconhecida a ignorá-la? Então, quando repetiu a pergunta que fizera antes, repetiu-a aos gritos:

— *Quem me desafia?!*

Selena ouviu as palavras, mas não tinham significado para ela. Nada naquela clareira tinha qualquer significado... exceto o esplendor que existia ali no centro. Sentiu nele uma atração, uma fome, uma ânsia imensa.

Devia ter sido uma coisa gloriosa. E era. Mas era também perigosa. Porque teriam aquelas mulheres invocado um poder assim, sem lhe darem qualquer uso? Porque não o tinham libertado no mundo, ou devolvido à Mãe Universal, para se diluir no resto da magia que respirava? Tinha a impressão de que era o resultado de gestos repetidos sucessivamente no passado. Tinham absorvido a energia de que precisavam e ignorado o remanescente. Agora esse poder recusava-se a ser absorvido... mas também se recusava a cair no esquecimento. Ia ser libertado naquela noite. Se daria azo a algo maravilhoso ou a uma força destruidora, dependeria de como fosse trabalhado por quem tivesse a capacidade de o canalizar.

Olhou para as mulheres em seu redor. Porque não avançavam, para darem início à dança? Não sentiam a urgência do ritual? De que estavam à espera?

Deteve momentaneamente o olhar na mulher que se encontrava à sua frente, no meio daquela roda. Seria a Senhora da Lua atual? Via o brilho que o poder delas irradiava, vislumbrava o dom que crescia e minguava em cada uma das mulheres, tal como certamente veriam a energia que emanava dela, agora que se encontravam reunidas naquele local. A mulher que se erguia do outro lado do globo de energia era poderosa, tinha afinidade com a terra. Porém... olhou para outra que se encontrava imediatamente à direita dela. Também tinha afinidade com a terra e, embora não fosse tão poderosa como aquela que estava no meio da roda, tinha uma força que parecia mais abrangente.

Confusa, Selena voltou-se lentamente, para contemplar as demais. Havia ali mais mulheres com poderes associados ao ar e ao fogo do que à terra e à água. Nem o ar nem o fogo teriam sido capazes de canalizar a energia que fora ali acumulada — pelo menos, não sem muito treino e muito cuidado —, mas podiam ter-se unido com a terra e a água. Porque não o teriam feito?



De que estavam à espera?

Olhou para a mulher no meio da roda, para os punhos cerrados e o ódio que endurecia a expressão no seu rosto.

A prova. Não devia haver uma prova para determinarem quem se tornaria na nova Senhora da Lua, a Caçadora? Quando teria início? Como haveria de mostrar que queria participar no desafio? Como...

A prova e os Fae teriam agora de esperar, porque chegara a altura em que a dança não podia continuar a ser adiada.

Avançou, sentiu que o ar se adensava, ganhando peso à medida que se dirigia para o centro da clareira, para a origem daquele poder.

Não conhecia a dança da Lua. Sabia os passos da dança da espiral e de outras mais, porém sempre dançara para a Lua à sua maneira, apenas por gosto.

Olhou para as outras mulheres. Nenhuma se mexeu.

*Não sabem fazer isto. Não sabem dançar para absorverem o poder e voltarem a libertá-lo no mundo. Muito bem. Vou fazer a dança da espiral, mas não de modo a assimilar o poder antes de o libertar. A energia já está acumulada, portanto a espiral tem de se abrir ao mundo, tem de mostrar à energia para onde deve dispersar-se. Portanto talvez seja melhor fazer a dança da Lua. Sempre a mudar, invariavelmente. Dança em volta da irmã mais velha, enquanto a Mãe Universal passa pelas várias estações. Quarto crescente. Quarto minguante. Lua cheia. Lua nova. Feliz por este encontro, com felicidades me despeço e feliz seja o reencontro... maninha.*

Com um sorriso, Selena levantou os braços e inclinou a cabeça para trás. A força da terra propagou-se através das plantas dos seus pés, preencheu-a a pouco e pouco, ao mesmo tempo que a prendia ao chão. Dentro dessa força havia vestígios de fogo, do calor do Sol num dia de verão. Por cima da sua cabeça estava o ar... e a água nas nuvens que, gradualmente, tinham começado a cobrir o céu noturno como um véu branco-pérola.

Quando baixou os braços, juntou as mãos em concha. Na concha das mãos, o poder que respirava na clareira começou a brilhar como uma esfera delicada de luar. Passou a esfera para a mão direita, deixando a esquerda aberta e vazia.

Mantendo a mão direita junto ao corpo, descreveu um círculo, lentamente. No instante em que voltou ao ponto de partida, desprendeuse um feixe de luar da bola e começou a acompanhar os movimentos dela. Com cada volta que dava, estendia o seu braço um pouco mais. Quando o braço se esticou até ao limite, o ar em volta iluminou-se. O poder de que a clareira estava imbuída, tendo encontrado um veículo capaz de o canalizar, começou a encher, persistentemente, a bola de luz na palma da mão dela.

Então, começou a dançar, passos circulares, espirais que se alargavam. Os seus movimentos representavam as marés, as fases da Lua, e deixavam

rastos de luar. Estendeu a mão esquerda, gesto convidativo que indicava às outras mulheres que podiam dançar também.

Algumas ficaram impávidas. Outras apreensivas. Aquela que se erguia no meio da roda mostrava-se furiosa.

Por instantes, deu asas ao mau génio e sentiu a energia que estava a absorver dos quatro elementos da Mãe e o poder que irradiava da clareira hesitarem, temporariamente, latejantes, em risco de seguirem o novo canal que lhes era oferecido.

Nessa altura, quando voltou a descrever um círculo, viu o rosto da mulher que lhe chamara a atenção, aquela que tinha uma força mais abrangente. A expressão desta denunciava admiração, felicidade... e um desejo ardente.

Selena estendeu-lhe a mão esquerda.

A mulher deu um passo em frente, mas as companheiras prenderam-na e sussurraram-lhe aos ouvidos, com insistência. O ar deliciado da mulher foi ensombrado pelo arrependimento e permaneceu com as companheiras, em vez de se juntar à dança.

Assim sendo, Selena dançou sozinha, ignorando a maior parte das Fae, concentrando-se em transmitir benevolência ao poder que existia em estado puro na clareira. Todavia, continuava a distrair-se com a mulher e as suas quatro companheiras e compreendeu que estas a haviam prendido por terem medo de perturbar a dança, de a interromper se avançassem naquele instante.

Por isso continuou a dançar sozinha, em espirais, sempre do centro para fora até tocar naquele globo de energia. Quando, por fim, parou, encontrava-se quase no mesmo sítio para onde se dirigira, atraída por aquele poder. O centro da clareira estava agora repleto de feixes de luar em movimento, que acompanhavam a dança da espiral.

Continuava a existir poder em excesso ali. Se as outras mulheres se tivessem juntado também à dança, teriam absorvido alguma daquela energia, reparando ao mesmo tempo as suas próprias forças. Era algo que ainda tinham de fazer. Eram tão numerosas que, quando houvessem assimilado o máximo de energia possível, a que restasse poderia ser libertada de modo inofensivo, ou suavemente dissipada através dos elementos da Mãe de Todos. Mas como haveria de lhes explicar tudo isso?

Não podia. Duvidava que lhe dessem ouvidos. Nesse caso, como haveria de fazer o que era preciso?

Olhou para a esfera brilhante de luar que segurava na palma da mão e atirou-a para o ar, o mais alto possível, lançando uma pequena rajada de vento atrás dela. A bola rebentou sobre as cabeças das presentes, explodindo em todas as direções, antes de os fragmentos descerem sobre as mulheres que constituíam a roda.

Viu a luz que representava o poder delas brilhar com mais intensidade. Depois de renovadas as forças de todas as presentes, o poder dissipou-se, inofensivo, no chão, revestindo toda a clareira de um brilho suave.

Cansada, deu um passo atrás, desligando-se, com cautela, da espiral. Tinha os braços e as pernas a tremer, tinha de escoar as energias que canalizara dos elementos da Mãe, mas precisaria de alguns minutos de sossego e concentração para o fazer em segurança. Tinha os nervos em franja. A alegria da dança fora constantemente minada pela resistência das Fae àquilo que fizera naquele local, o que semeara pequenos focos de raiva dentro dela, que precisava agora de anular.

Também isso teria de ser feito em breve, pois, à medida que se deixava inundar de emoções contraditórias, apercebia-se de que o poder de todas as presentes vibrava. Era-lhe indiferente o modo como os Fae costumavam decidir quem conquistava a soberania sobre todos os detentores de certo dom. Sentira-se desafiada pelo poder em si e mostrara-se à altura das circunstâncias. Agora dominava o dom. As vidas das outras estavam nas suas mãos.

*Que a Mãe me acuda. Se perder o controlo agora... Por favor, Mãe, peço-Te que me deixes sair desta roda e encontrar um sítio sossegado para descansar alguns minutos.*

Olhou para a mulher que se detinha no limite da roda e agora lhe sorria, timidamente, hesitante, como se esperasse um sinal. Não sabia que sinal seria esse, não sabia...

— Quem és tu? — indagou uma voz áspera, quase histérica.

A mulher que se encontrava no meio da roda aproximou-se em passos largos e insistiu:

— Quem és?

— Chamo-me Selena e sou a nova Senhora da Lua.

A mulher fixou-a, de olhos arregalados, como se tivesse levado uma bofetada. Então, semicerrou os olhos e o seu rosto deixou transparecer uma fúria imensa.

— O que és tu?

A ira e o desdém evidentes na voz dela fizeram com que a raiva de Selena a ferisse um pouco mais.

— Sou uma Fae — replicou, com frieza —, mas sou sobretudo, hoje como sempre, Filha da Casa de Gaian.

— Uma feiticeira? — atirou a outra, em voz alta, esganiçada. — Uma *wiccanfae* mestiça tem o descaramento de se infiltrar numa das nossas cerimónias, tem o desplante de fingir que pode ser como nós e a ousadia de julgar que consegue dominar um dom que nos pertence?

— Não finjo nada. E agora domino, de facto, o vosso dom. — O poder

dentro de si estava a atingir o auge, como se lançasse relâmpagos ao longo dos seus nervos.

— Não dominas nada, sua cabra!

O corpo de Selena reagiu à palavra antes de se ter apercebido do que estava a fazer. Num instante, estava voltada para a anterior Senhora da Lua; no seguinte, transformou-se num cão negro e encurtou a distância entre as duas, projetando um rosido agressivo do fundo da garganta. A outra não teve tempo de gritar antes de lhe ter saltado em cima, atingindo-a no peito com as patas dianteiras e força suficiente para a derrubar. Então, imobilizou a adversária, com os dentes a um palmo do pescoço vulnerável da mulher que gritava, esbracejava e voltava a gritar.

Percebeu que a agitação da inimiga tinha um objetivo quando ouviu o som de uma mão a bater na pele de uma bota e viu o reflexo do luar numa lâmina metálica. Voltou-se de repente e cravou os dentes no antebraço direito da outra, antes que o punhal pudesse acertar no alvo. A sua boca encheu-se de sangue, do sabor da carne da presa. Debateu-se com os instintos caninos que lhe exigiam que rompesse e rasgasse a carne dela. Tratava-se de uma presa. Era...

O sangue salpicou-as à medida que a mulher se contorcia e a faca brilhava.

Fechou a boca, impiedosa, sobre o antebraço ferido até tocar com os dentes no osso. Sacudiu a cabeça depressa, com força, e o osso partiu-se.

A faca caiu no chão. A mulher gritou e continuou a gritar.

Largou o braço dela e voltou-se para a olhar nos olhos. Pingava sangue dos seus dentes, que caía sobre o rosto da inimiga. Voltou a rosnar.

— Rendo-me! — gritou a mulher. — Rendo-me, rendo-me, rendo-me!

A garganta tão exposta. Tão cheia de sangue. Tão...

Selena recuou cuidadosamente, afastou-se da mulher e as suas patas foram deixando um rasto de sangue na relva. Com o cheiro a sangue nas narinas e aquele travo na boca, precisou de fazer um esforço tremendo para regressar à forma humana.

O sabor a sangue não desaparecera.

A rival olhou para ela, pálida e apavorada.

— Quem... quem és tu?

Selena poisou o olhar na inimiga e replicou:

— Sou aquilo que devias ter sido e nunca foste. Sou a Rainha das Bruxas.

Afastou-se, em passos largos, para o centro da clareira. Continuava a sentir-se inundada de poder. Era demasiada energia. Não seria capaz de a dissipar. Só o faria depois de ter lidado com aquelas Fae, mas, se não encontrasse maneira de a libertar e perdesse mão daquela força...

Quando chegou ao meio da clareira, alto e bom som, afirmou:

— Para garantir que compreendem com quem terão de lidar a partir de agora...

Imbuiu o fogo da sua raiva e libertou-o sob a forma de um círculo atrás das costas da roda de mulheres. Insistiu durante tempo suficiente para do chão se erguerem chamas com um dedo de altura e assim avisar as mulheres de que deviam avançar antes que o fogo crescesse e atingisse a altura de um homem, tornando-se numa muralha ardente.

Desenhou novo círculo a um braço de distância das chamas e imbuiu-o do poder do ar e da água. Levantou-se nesse círculo uma ventania com força suficiente para derrubar muitas das Fae. O vento soprou na direção do céu e dançou com as nuvens, reunindo-as até escurecerem, carregadas de água.

Estalaram trovões, tão alto que o chão tremeu. O céu encheu-se de relâmpagos.

Alimentou a tempestade com o seu poder, canalizando-o através da sua fúria e das emoções que tinha à flor da pele.

As nuvens libertaram o fardo que carregavam e a chuva caiu torrencial sobre a clareira e as mulheres. Nos intervalos entre os trovões, ouviu o relinchar de cavalos assustados, ouviu também os brados de homens Fae, o choro de mulheres e os gritos de outro cavalo zangado e preocupado.

Por fim, fez-se silêncio. Alimentou a tempestade e o temporal alimentou-a a ela. Os Fae não a queriam aceitar por não ser exatamente igual a eles? Muito bem. Que vissem aquilo de que era capaz. Eles que...

Reparou na mulher que fora detida por quatro companheiras, aquela que se enchera de alegria quando assistira à dança e viu-lhe o pavor que agora transparecia nos seus olhos.

*Não fareis o mal.*

Por instantes, deixou de pensar e sentiu-se dormente, anestesiada. Nesse momento, sentiu que algo emanava da terra, algo que se esforçara por alcançá-la através da fúria da tempestade.

Alegria. Júbilo. Amor.

Rhyann.

*Não fareis o mal.*

Tornou a ouvir um cavalo protestar, deu meia-volta e viu Mistrunner empinar-se do outro lado da muralha de chamas. O animal fez uma pirueta e afastou-se do fogo, galopou até tornar a inverter a marcha e lançou-se na direção das labaredas. Parou antes de lhes tocar e voltou atrás, para tentar nova investida.

— Não — sussurrou Selena. Aquilo que lhe incutira a ânsia de proteger a sua cavaleira, fosse característica inata ou adquirida através de muito

treino, estava prestes a sobrepor-se ao seu medo instintivo do fogo. Ia tentar saltar através da parede de chamas ao encontro dela e...

*O fogo queima.*

*Não fareis o mal.*

O luar pareceu retorcer-se ao sabor do vento e da chuva. Desenhou um círculo com a mão e atraiu-o para si mesma, concentrando-o numa esfera entre os seus dedos. Lançou-a na direção do fogo. Acertou no chão, a dois metros das labaredas, a esfera explodiu para o ar, e multiplicou-se em fragmentos que se depositaram sobre as chamas e criaram uma ponte resplandecente. Apelou à força da terra para sustentar aquela estrutura. Canalizou mais energia dos quatro elementos da Mãe Universal para dar robustez à ponte que criara. Continuava a parecer-lhe uma ponte imaterial, como se feita de luar, mas era tão sólida como a terra.

Mal teve tempo de lhe dar consistência suficiente para aguentar o peso de um cavalo, antes de Mistrunner avançar para ali, pelo meio da tempestade, trotando ao encontro da sua dona.

Ficou com os olhos marejados quando o cavalo se aproximou, a relinchar baixinho e encostou a testa ao peito dela, à procura do seu cheiro reconfortante.

— Pateta — disse Selena, encostando uma mão à cabeça dele. — Meu grande pateta. Sabes bem que não deves tentar saltar por cima de uma parede de chamas.

A presença do animal ajudou-a a recuperar o controlo sobre as emoções. A raiva que nutria pelos Fae ficou reduzida a cinzas. Nunca teria afinidade com eles, mas não tencionava ficar com o Povo Belo para sempre. Apenas o tempo suficiente para expulsarem os Inquisidores de Sylvalan de uma vez por todas. Feito isso, voltaria para a sua terra.

Um grupo de homens passou a correr sobre a ponte que criara. Hesitaram quando se aperceberam de que os tinha visto, mas quando não fez nada para os deter, correram ao encontro das senhoras que tinham acompanhado até ao local: cinco mulheres que eram, de algum modo, diferentes das demais.

Sentiu as pernas tremerem de cansaço. Soube-lhe bem encostar-se a Mistrunner. Porém, tinha de pôr termo à tempestade. O vento continuava a arrastar a chuva com violência. Tendo circunscrito o temporal ao círculo desenhado na clareira, compreendeu de súbito que tinha água até aos tornozelos e que esta ameaçava subir ainda mais.

Tentou avaliar a dimensão da tempestade... e por pouco não gemeu.

Se o libertasse, o temporal arrasaria aquele Lugar Antigo, encharcaria as plantações num raio de vários quilómetros, encheria as ribeiras e provocaria diversos estragos.

*Começa pela parte mais simples.*

Afastou-se de Mistrunner e abafou a muralha de chamas até a reduzir a um anel de brasas no chão. De seguida alargou o círculo que continha a tempestade até ultrapassar os limites do anel que dantes ardia. Levantou-se fumo do chão quando a chuva e a água acumulada se apressaram a preencher o espaço agora mais amplo.

Assim que as brasas se extinguíram, apareceram mais Fae, que correram para o meio da tempestade à procura das Senhoras da Lua.

Ignoraram-na enquanto reunia o vento que soprava na clareira, parecendo fatiá-lo antes de o empurrar para a periferia do temporal. O vento furou as nuvens e seguiu para leste.

Isolada da tempestade — e da magia que a impedia de cair fora da clareira —, a chuva intensificou-se.

Selena encolheu-se quando viu um relâmpago, mas chamou a si mais vento e usou-o para isolar mais uma parte do temporal, lançando-o para leste.

Da terceira vez que isolou parte da tempestade, sentiu que outro poder se confundia com o dela, outro vento pegava no temporal e ajudava a dissipá-lo, retirando-lhe alguma energia e tornando a libertá-lo, de modo a mantê-lo controlado enquanto o afastavam, para que se acumulasse todo ali.

Rhyann estava a brincar com o ar e a água para dissipar a tempestade cada vez mais, tirando-lhe alento pelo caminho.

Selena ganhou ânimo. Esforçou-se por reduzir o temporal a pedaços, confiando que a irmã os apanharia e os dispersaria, empurrando-os com rajadas de vento.

A tempestade continuaria a espalhar-se, desviada para leste pelos ventos. Outras bruxas com o dom de manipularem o ar, ou a água, pegariam no temporal e continuariam a afastá-lo. Sobrevoaria a Serra da Mãe, amansado pelas muitas feiticeiras que dominavam esses elementos da Mãe de Todos. Talvez seguisse ainda mais para leste, mas reduzido a chuviscos, chuva amiga dos agricultores, que alimentaria as plantações, em vez de as destruir.

Amansou a tempestade. Perdeu a conta do tempo que demorou. Talvez tenha levado várias horas. Quando empurrou as últimas nuvens na direção de Rhyann e, finalmente, parou de chover na clareira, sentiu-se como se tivessem passado vários dias. Por cima da sua cabeça, o céu noturno, limpo, apresentava-se estrelado.

A tremer tanto de exaustão como de frio, Selena dissipou, a pouco e pouco, o poder de que imbuíra o círculo na clareira. A água acumulada escoou para o meio do arvoredo.



Voltou para junto de Mistrunner, sem saber se ainda teria força para o montar e perguntando-se se o cavalo saberia o caminho para casa de Ella.

Quando apoiou a testa no pescoço dele, uma voz hesitante disse:

— Caçadora?

Levantou a cabeça e viu uma mulher perto de si, que a olhava com apreensão. Não teceu qualquer comentário. Limitou-se a esperar que a outra dissesse mais.

A mulher aproximou-se, lentamente, antes de se ajoelhar.

— Eu, Gwynith, venho aqui e agora jurar-lhe lealdade e comprometer-me a servi-la, Selena, Senhora da Lua... Caçadora.

Visto que não sabia a resposta correta para dar naquela parte do ritual, não reagiu.

A outra olhou-a com atenção.

— Aceita?

— Aceito.

A expressão de alívio que viu no rosto de Gwynith foi quase brutal. A mulher levantou-se e deu um passo ao lado.

As suas quatro companheiras avançaram de imediato e imitaram-na, prometendo-lhe lealdade e comprometendo-se a servi-la. As restantes apresentaram-se mais devagar, com maior apreensão, mas assumiram o mesmo compromisso. Enquanto o faziam, Selena apercebeu-se dos sussurros que Gwynith, as suas companheiras e alguns dos homens que se encontravam com elas trocavam intensamente entre si.

Quando a última mulher se afastou da Senhora da Lua, aproximou-se um homem.

— Caçadora... a Senhora Dianna está gravemente ferida e precisa de uma curandeira que lhe trate do braço o quanto antes.

Dianna. Com que então, era esse o nome daquela que lhe quisera negar o direito de se tornar Senhora da Lua depois de o poder a ter aceitado como tal.

— Tem o direito de lhe recusar o acesso ao território de qualquer clã junto do qual esteja presente, particularmente depois de... o comportamento dela se ter revelado uma vergonha para o seu clã.

— Há alguma curandeira no clã que está ligado a este Lugar Antigo? — perguntou-lhe Selena.

— Há, sim, Caçadora.

— Nesse caso, levem-na para lá, para receber os cuidados de que precisa.

O homem fez uma vénia e disse:

— Obrigado. Não a incomodará enquanto lá estiver. — Hesitou, mostrando-se visivelmente constrangido. — Tem também o direito de a privar



do dom, mas não mora nenhuma bruxa no Lugar Antigo ao qual o nosso pedaço de Tir Alainn está vinculado. Deixou de haver quando os Mantos Negros vieram e... desapareceu. Não sabemos por que motivo, mas o dom da Dianna permite-lhe alimentar a magia do Lugar Antigo e sustentar o nosso território em Tir Alainn. Sem isso...

*Não sabem por que motivo... Que a Mãe me ajude.*

— Não tenho qualquer intenção de prejudicar o vosso clã. Não vos vou privar daquilo que o vosso povo precisa.

— Ficamos gratos pela sua misericórdia, Caçadora. — Ergueu-se, fez menção de se afastar mas tornou a voltar-se para ela. — Hoje foi a primeira vez que a Dianna reconheceu que as feiticeiras são a Casa de Gaian. Até agora, sempre tinha negado a existência de qualquer ligação entre umas e a outra.

Selena olhou-o fixamente, baralhada.

— Sempre fomos a Casa de Gaian. Porque terá ela negado isso?

O homem olhou-a com desconfiança, fez menção de dizer alguma coisa, mas mudou de ideias e apressou-se a ir ter com os companheiros que se encontravam ajoelhados ao lado de Dianna, estendida no chão.

Viu Gwynith aproximar-se ao mesmo tempo que três homens iam ao seu encontro.

— Nós — disse um deles, indicando os outros com um gesto — somos os bardos de diversos clãs. Viemos para servirmos de testemunhas... e para darmos novidades aos outros clãs. Tem a bondade de dizer-nos, Senhora Selena, a qual deles pertence?

— Podem discutir isso mais tarde — atirou Gwynith, com firmeza. — A senhora está encharcada e cansada, precisa de roupa seca e de uma refeição quente. As vossas perguntas terão de esperar até voltarmos a Tir Alainn e tratarmos dela.

O discurso de Gwynith soou-lhe tão parecido com o de Rhyann, que Selena teve de apertar os lábios com força para não se rir.

— Acho que ainda tenho força suficiente para responder a uma pergunta. — Antes que a outra pudesse protestar, voltou-se para os bardos e anunciou: — Não pertenço a nenhum clã.

O porta-voz do trio ficou atónito.

— Nesse caso... de onde vem?

— Venho da Serra da Mãe.

De súbito fez-se silêncio e Gwynith olhou-a fixamente. Ouviam-se os pingos de chuva que se desprendiam das folhas das árvores mais próximas.

— Que a Mãe tenha piedade de nós — sussurrou o bardo.

Não queria assustar aquelas pessoas ainda mais do que já assustara, mas era essencial que compreendessem o quanto a sua presença e a auto-

ridade que tinha sobre elas iriam modificar as suas vidas. Tranquilamente, replicou:

— Calculo que compreenda, meu caro bardo, que se a ira da Casa de Gaian se voltar contra si, a Mãe não terá qualquer piedade.

Os três homens levantaram as cabeças para o céu limpo e ficaram brancos como cal de encontro à noite.

— Basta — afirmou Gwynith.

— Só mais um instante — disse Selena. — Agora, quem tem uma pergunta sou eu. Conhecem o Bardo?

O porta-voz do trio acenou com a cabeça, receoso.

— Sabem onde ele está?

O homem mostrou-se ainda mais apreensivo.

— De momento, não, minha senhora. Está em... viagem. Mas podemos fazer-lhe chegar uma mensagem através dos clãs — acrescentou, apressado.

— Assim sendo, digam ao Bardo que, se fizer o obséquio, a nova Senhora da Lua gostaria de falar com ele.

— Passaremos a mensagem, minha senhora.

Afastaram-se, precipitados, na direção dos seus cavalos.

Selena olhou para Gwynith.

— Não é que não aprecie a tua ajuda, mas gostaria de saber porque estás tão disponível para me oferecer.

— Por dois motivos — replicou Gwynith, ao fim de um longo intervalo. — Antes de mais, porque lhe jurei lealdade, comprometi-me a servi-la e estou em crer que não conhece Tir Alainn, nem está acostumada a percorrer as estradas resplandecentes.

— Não tenho qualquer experiência com um, nem com as outras.

— Também não tem razões para confiar em nós, mas prometo-lhe que não farei nada para a prejudicar, seja de que maneira for. Não posso... afirmar com certeza que as outras que aqui se reuniram partilham da mesma atitude... tão-pouco os Fae que não vieram cá.

— Compreendo. E qual é o segundo motivo?

Gwynith hesitou, esforçando-se visivelmente por escolher as palavras certas para lhe dar apenas informação suficiente, sem pecar por excesso.

— A Senhora Ashk não estava de acordo com a Dianna, nem com o modo como governava os Fae, mas creio que... creio que a apoiaria a si.

*E isso é muito importante para vocês, não é?*

— Quem é a Senhora Ashk?

— É a Senhora das Florestas de Bretonwood, pertence a um clã do Ocidente.

Senhora das Florestas.

Selena teve um arrepio. Pensou nas florestas a ganharem vida, a acercarem-se de si.

— Qual é a forma alternativa dela?

Gwynith deitou-lhe um olhar estranho, interrogativo.

— É como a sua, Caçadora. É um cão negro.

Duas cadelas negras a correrem na floresta, ao luar, unidas contra um inimigo comum.

— A que distância fica Bretonwood daqui? — indagou Selena, estonteada.

— Fica... Bem, de momento ela não está lá. Foi para leste, para um sítio que dá pelo nome de Willowsbrook. — Gwynith tocou no braço da Senhora da Lua. — Agora peço-lhe que venha, minha senhora, por favor. Vamos comer qualquer coisa e aquecer-nos. Depois podemos conversar sobre tudo o que quiser.

Selena anuiu com um aceno. Passados minutos, seguia a cavalo, ao lado da outra, enquanto os homens que acompanhavam Gwynith cavalgavam à frente e atrás do grupo, que integrava também as suas quatro companheiras e as respetivas escoltas.

Quando chegaram à clareira onde começava a estrada resplandecente para Tir Alainn, afirmou:

— Acho que gostaria de conhecer a Senhora Ashk.

Gwynith respondeu-lhe em voz baixa:

— Estou certa de que ela gostaria de a conhecer a si.

## CAPÍTULO ONZE

### LUA NOVA

Quando a noite se preparava para dar lugar à alvorada, Breanna viu a tempestade que se aproximava veloz por sobre a Serra da Mãe. Levantou-se do banco ao lado da porta da cozinha e alongou os músculos tensos, atenta a qualquer som que pudesse destoar ali. Na véspera, ao pôr-do-sol, passara uma hora a fazer coro com Gwenn numa discussão com Liam e Donovan sobre a necessidade de passarem tempo na rua, para receberem quaisquer mensagens que lhes pudessem ser transmitidas através dos elementos da Mãe. Não haviam conseguido explicar de modo convincente que tais mensagens não lhes seriam trazidas pelos elementos propriamente ditos, mas seriam perceptíveis através deles como uma sensação na pele, um arrepio no corpo, um travo na boca. Tinham de estar na rua para as interpretarem bem.

O único meio-termo que qualquer um dos dois — além de Falco — estava disposto a aceitar era deixarem a porta da cozinha aberta e colocarem um banco ao lado dela, visto que permaneciam alguns caçadores noturnos no Lugar Antigo. Não tinham visto nenhuma dessas criaturas, mas haviam encontrado carcaças roídas de diversos animais ao pé de árvores secas. Por esse motivo, todos os dias, de manhã, os homens levavam os animais às pastagens e ao cair da noite tornavam a levá-los para o pequeno terreno onde pastavam perto dos estábulos, as crianças eram fechadas em casa assim que o Sol se punha e alguns membros da família, armados com arcos e bestas, ficavam de vigia todas as noites; ela e Gwenn, por seu turno, tinham sido obrigadas a prometer que se afastariam pouco de casa antes do amanhecer.

Ouviu ruídos amortecidos na cozinha e virou-se para a porta. Liam saiu por ali a esfregar o pescoço.

— A Gwenn está a fazer chá e resmungou que ia torrar pão — anunciou, em voz baixa. Debruçou-se para ela e acrescentou: — Calculo que não acorda bem-disposta em qualquer circunstância.

— Conseguiste dormir? — perguntou-lhe Breanna, observando-o com atenção. — Pareces um pouco gasto. — Não era de admirar, visto que ficara de plantão com ela até depois da meia-noite, altura em que fora revezado por Falco.

— Uma ou duas horas — replicou, continuando a esfregar o pescoço. — Portanto, dormi mais do que tu, a não ser que tenhas passado pelas bra-

sas cá fora. E já que tiveste a gentileza de comentar o meu ar gasto, tenho a dizer-te que também estás um bocadinho descomposta.

Breanna desviou o olhar, na esperança de que a suavidade da luz da aurora ainda fosse suficiente para esconder o rubor nas suas faces. O sono era a última coisa em que pensava quando Falco ficava de plantão com ela. Mas não lhe parecia que o barão, o seu irmão mais velho, quisesse ouvir isso.

Passou com os dedos entre os seios, para se assegurar de que tornara a apertar os atilhos da túnica que Falco despira na noite anterior.

— Onde está o Falco? — indagou Liam.

A irmã sobressaltou-se e tentou evitar assumir um ar comprometido. Não tinha qualquer motivo para se sentir culpada. Era uma mulher adulta e livre de ter um amante, se assim lhe aprouvesse. Porque não haveria de ser Falco? Até o ter conhecido, nunca fora apresentada a um homem que a fizesse sentir madura e... apetecível. A sensação dos dedos com que lhe acariciava os seios e o modo como a sua boca...

— Breanna?

— Hum?

— O Falco?

— Sim, pois...

— Onde está ele?

Pelas tetas da Mãe! Distraíra-se e agora Liam estava a fixá-la com um olhar fraternal de olhos semicerrados.

— Tens alguma coisa para me contar? — insistiu.

A feiticeira estava segura de que não e perguntou:

— Sobre o quê?

— Sobre o Falco.

— Foi aos estábulos, para ver se as sentinelas têm notícias. Vem aí uma tempestade — acrescentou, mudando de assunto.

— Talvez venha mais do que uma — replicou, de um modo menos enigmático do que seria sua intenção.

A irmã cruzou os braços em frente ao peito. A avó não estava incomodada com o namoro com Falco. Porque haveria ele de estar?

Pensar na avó trouxe-lhe outras ideias desagradáveis à cabeça.

— Liam?

O barão estava a observar a tempestade.

— Hum?

— Achas que a avó está doente?

Essa dúvida prendeu a atenção de Liam.

— Porque perguntas?

Breanna encolheu os ombros.

— Ontem à noite a Fiona e a avó comeram pouco ao jantar e ela foi para a cama pouco depois de termos vindo cá para fora.

— Estava cansada. É só.

— Ela nunca se cansa.

Liam aproximou-se da irmã, passou um braço à volta dos ombros dela e deu-lhe um beijo na testa.

— Têm sido tempos complicados para ela, Breanna. Sente-se na obrigação de tomar decisões sensatas para bem de muita gente e o futuro é muito incerto. Não me admira que esteja cansada. Até a minha mãe adormeceu ontem à noite, enquanto estávamos a conversar e é de uma geração mais nova que a Nuala. Não te preocupes com males que uma boa noite de sono há de resolver.

Deram meia-volta quando ouviram a sola de uma bota raspar na soleira.

— Tomem — disse Donovan, saindo ao encontro deles, trazendo dois pratos cobertos de torradas com manteiga e duas chávenas de chá em equilíbrio precário. — Governem-se com isto. Só daqui a muito tempo teremos direito a um pequeno-almoço decente.

— Estou a ver que a Gwenn o está a ensinar a fazer-se útil — comentou Liam. Largou a irmã para pegar no prato e na chávena que o outro lhe ofereceu.

Donovan limitou-se a fungar.

— O seu pessoal incomoda-se por ver que a Gwenn está habituada às lides da cozinha? — indagou Breanna, lembrando-se do modo como a sua governanta, Glynis, passava a vida a discutir consigo sobre quais eram e não eram as tarefas dignas de uma senhora.

Donovan fez um sorriso rasgado.

— Da primeira vez que a Gwenn foi fazer chá à cozinha, ficaram todos horrorizados. Juntaram-se o meu cozinheiro, a empregada de limpeza e o mordomo para me encurralarem e disseram-me que tinha, pura e simplesmente, de explicar à minha esposa que as senhoras finas não fazem isso.

A feiticeira inclinou-se para a frente.

— Como é que reagiu?

— Disse-lhes que só era o marido dela e que, se a quisessem fora da cozinha, teriam de lhe explicar a situação sozinhos.

— O que aconteceu depois? — perguntou Breanna, quando lhe pareceu que Donovan não ia dizer mais nada.

— Continua a descer à cozinha para fazer o seu próprio chá sempre que lhe apetece, portanto, o que acha que aconteceu?

Gwenn saiu da cozinha com mais dois pratos e duas canecas, por isso

a feiticeira mordeu a língua e comeu a sua torrada enquanto via a tempestade aproximar-se.

— Vem depressa — comentou Gwenn.

A outra apenas anuiu com um aceno. O temporal acabara de chegar ao Lugar Antigo. Viu os relâmpagos e ouviu os trovões. Quando chegou a primeira rabanada de vento que anunciava a chegada da tempestade, estremeceu.

— Deve estender-se de um lado ao outro da Serra da Mãe.

— Se chega com esta intensidade agora, deve ter sido uma cabra violenta onde quer que tenha nascido — disse Gwenn.

Breanna reparou no modo como Donovan franziu o sobrolho perante as palavras escolhidas pela esposa, mas não percebeu se estaria infeliz com a linguagem, ou se estaria a pensar no que o facto de a ter descrito assim implicaria.

Poisou a caneca e o prato no chão, e deu um passo em frente. Gwenn imitou-a, antes de se voltar para Donovan.

— É melhor irem para dentro de casa. Aqui vão ficar encharcados.

— E tu, vais para dentro? — perguntou o marido.

Gwenn abanou a cabeça.

— A tempestade está cá fora. É aqui que vou ouvir a mensagem.

— Nesse caso, fico contigo.

Breanna deitou um olhar a Liam, viu a expressão de teimosia nos seus olhos e não se deu ao trabalho de tentar convencê-lo a fazer aquilo que ambos sabiam que não faria. Além do mais, agora tinha de se concentrar no temporal.

Viu a parede de chuva que se aproximava dela, sentiu-lhe o cheiro no ar. Saboreou o poder que continuava a alimentá-la e estremeceu.

— Esta tempestade não nasceu naturalmente.

— Pois não — concordou Gwenn.

— O que querem dizer com isso? — indagou Liam.

Breanna voltou-se para o irmão.

— Não nasceu espontaneamente. Alguém a criou... e a libertou.

— Que a Mãe nos proteja — sussurrou Donovan.

— Não foi criada na Serra da Mãe — opinou Gwenn, meditabunda. — Parece-me que veio de algures no centro do país.

— Porque terá alguém criado isto? — perguntou Donovan, com contundência, mas em tom apreensivo.

Nenhuma das mulheres lhe deu resposta. Avançaram juntas quando a chuva começou a fustigar o relvado e acabou por alcançá-las.

Havia uma mensagem escrita na água, sussurrada pelo vento.

Aliás, não era um mero sussurro. Apesar da distância que a tempesta-

de percorrera, ela conseguia pressentir a fúria que levantara aquela ventania e a lançara para ali.

Sim, seguramente algo havia mudado.

Viu Gwenn pôr as mãos em concha e beber algumas gotas da chuva que assim recolheu. Viu-a ficar imediatamente pálida.

— Tens tudo aquilo de que precisas?

A outra feiticeira acenou com a cabeça.

Breanna dirigiu-se para o meio do relvado e começou a dançar, canalizando o vento através do seu corpo e lançando-o de si para furar as nuvens, dispersando-as ainda mais. Fechou-se uma mão sobre a mão dela... e Gwenn acompanhou-a, descrevendo um círculo, absorvendo a energia da água e tornando a libertá-la para parar alguma da chuva.

Quando se separaram, Fiona foi ao encontro delas.

Breanna sentiu a força da dança, sentiu o modo como a presença de Fiona contribuía para escoarem a energia para a terra, dissipando-a por todo o Lugar Antigo.

Reconhecer, celebrar e amansar... não fora isso que Fiona dissera ter feito com Jenny em determinada ocasião?

Quando foram sobrevoadas pela última nuvem, interromperam a dança. Estavam as três encharcadas até aos ossos e tremiam de exaustão.

Afastou os cabelos molhados do rosto e apercebeu-se de que Liam e Donovan se encontravam lado a lado, vigilantes... e algo receosos. Ao pé deles estavam Clay, Rory e Falco, igualmente atentos e igualmente receosos.

*Somos o que somos*, pensou Breanna, desgastada, voltando para casa.

Quando passaram pelos homens, Donovan passou um braço em volta da cintura da esposa para a ajudar a percorrer o caminho que faltava para chegar a casa. Rory e Clay pegaram nos braços de Fiona e ampararam-na.

Liam passou um braço à volta dos ombros da irmã e disse-lhe, convicto:

— Vais secar-te e deitar-te, antes que fiques com os pulmões afetados.

— Mas é verão — resmungou, em resposta. — Está calor. — No entanto, agora que a dança tinha terminado, os seus músculos não paravam de se contrair.

Nuala estava à porta da cozinha, com um xaile sobre os ombros. Deu um passo atrás para Donovan entrar com Gwenn e apontou para a mesa enorme na cozinha.

— O chá está pronto. Deixe-a sentar-se um bocadinho e tomar uma bebida quente.

Levantou uma mão para calar Donovan, antes que este abrisse a boca para protestar.



Liam, Clay e Rory não a contrariaram. Foram buscar cadeiras para Breanna e Fiona, antes de se afastarem, para Nuala se sentar e Glynis poisar as canecas de chá quente diante das mulheres.

Breanna sentiu-se profundamente arrependida quando viu a pressa de Falco a sair da cozinha sem lhe dirigir a palavra. Ficou espantada quando regressou com três mantas. Entregou uma a Donovan, outra a Clay e embrulhou-a com a terceira, detendo as mãos sobre os seus ombros, tão reconfortante como quando Liam poisara ali o braço.

— Agora — começou Nuala, em voz baixa —, digam-me qual foi a mensagem.

Breanna olhou para Gwenn, que acenou com a cabeça, indicando-lhe que fosse a primeira das duas a responder.

— Estou certa de que algo mudou. Algo que, se não me engano, antecedeu o temporal. Algo que vai mudar a vida de todos nós: as bruxas, os humanos e o Povo Menor.

— E a dos Fae? — perguntou Falco, com delicadeza.

Breanna tentou recordar-se do que sentira no vento e assentiu.

— Sim, também a dos Fae, mas não sei mais pormenores.

— Sei eu — disse Gwenn, a tiritar. — Já vos tinha dito que, há alguns anos, estudei na Serra da Mãe e conheci algumas feiticeiras que estavam a ser preparadas pelas Anciãs. Acho que... acho que esta tempestade foi obra da Selena. É difícil saber ao certo. Pressenti que a tempestade foi afetada por muitas mãos, mas, essencialmente, creio que foi obra da Selena. O poder dela deixa uma impressão diferente do das outras porque... — hesitou e olhou para Falco — ... porque é uma feiticeira muito poderosa, mas é também do povo Fae.

Breanna sentiu as mãos de Falco carregarem sobre os seus ombros e pareceu-lhe que a sua intenção não era consolá-la, mas procurar o apoio que lhe faltava naquele instante.

— O que tem isso a ver com a tempestade? — perguntou a custo.

Gwenn olhou-o fixamente e deixou transparecer algo que talvez fosse compaixão no seu olhar.

— Acho que alguém teve a audácia de provocar a Selena a ponto de ela retaliar... e a tempestade foi o seu modo de reagir.

## CAPÍTULO DOZE

### QUARTO CRESCENTE

Adolfo estava a espreitar pela janela, a ver a tempestade seguir para leste, na direção de Wolfram. Já não era muito intensa e, ainda assim, era intensa de mais. Excessiva.

Estremeceu.

— Meu amo?

Adolfo virou costas à janela. Ubel estava a informá-lo da quantidade e a posição dos homens que marchavam rumo à fronteira ocidental, sob os brasões das famílias dos Barões de Wolfram, a frota de navios de guerra pronta a zarpar do porto, as missivas enviadas pelos Barões de Arktos para confirmarem a sua disposição para partirem para uma guerra justa contra os regentes de Sylvalan que não viam com lucidez aquilo que homens de bem, homens honrados tinham de fazer para purificarem as suas terras.

Deixara de o ouvir a partir do momento em que abrira a janela para deixar entrar ar lavado pela chuva na sala abafada. Uma das características que o haviam ajudado a tornar-se no Inquisidor-Mor, no Flagelo das Bruxas, fora a sua capacidade para pressentir energias mágicas. Era assim que detetava as bruxas — as bruxas autênticas —, e era assim que identificava os homens que tinham o dom do Inquisidor. Formava esses homens e tornava-os armas contundentes. Talvez os ignorantes considerassem que o dom do Inquisidor era um poder mágico, mas Adolfo não admitia que tais blasfêmias fossem proferidas em voz alta. Não gostava que os seus Inquisidores encarassem a magia senão como uma doença a ser erradicada.

— Meu amo?

— Esta chuva tresanda de magia — disse Adolfo, em voz cansada, voltando-se para mirar as gotas que escorriam de fora do vidro. — Sabes o que esta chuva vai fazer, Ubel?

— Não... não tenho a certeza, Senhor Adolfo.

Ultimamente, Ubel não tinha a certeza de nada. Seria culpa do seu amo? Talvez devesse ter sido mais brando quando o seu ajudante voltara do Oeste, embora não houvesse conseguido destruir a família do Barão Padrick e tivesse perdido os cinco Inquisidores de quem se fizera acompanhar. Sim, talvez Ubel tivesse detetado um tom excessivamente repreensivo na sua voz.

— O que faz a chuva? — perguntou-lhe, tranquilamente.

O ajudante observou-o, por instantes, com apreensão, antes de lambe-los lábios secos e lhe responder:

— Cai do céu, sobre o chão.

Adolfo acenou com a cabeça, encorajador.

— E depois? — Suspirou, antes de Ubel ter oportunidade de responder, não por impaciência mas por causa do pavor que começara a dominá-lo assim que compreendera o que aquela tempestade poderia provocar. — Encharca a terra, Ubel. Entranha-se no solo, nos campos e nas florestas. Enche os regatos, os ribeiros e os rios.

— Sim, meu amo. Suponho que sim.

— Esta tempestade... esta chuva tresanda de magia.

Adolfo aguardou, pacientemente, até se aperceber de que a compreensão de Ubel levava a sua pele clara a empalidecer e enchia os seus olhos de terror.

— Pois — concluiu Adolfo, com a voz cansada.

— Mas... mas a magia desapareceu dos Lugares Antigos de Wolfram. Destruímos-la quando eliminámos as bruxas.

O Inquisidor-Mor abanou a cabeça.

— Enquanto restar alguma, a magia nunca morre. Podemos eliminá-la de um sítio até nos parecer que se esgotou, mas funciona como as criaturas que se enterram no lodo quando um rio seca. Convencemo-nos de que desapareceram, de que foram destruídas. Então, a chuva volta e torna a encher o espaço entre as margens... e as malvadas voltam a aparecer e a multiplicar-se.

— Não — sussurrou o ajudante.

— Sim. Assim haja uma gota de magia, tão bem escondida que nem o Povo Menor dê pela sua presença... esta chuva há de alimentá-la... e tornará a manifestar-se. Em breve, um pequeno recanto de uma floresta terá magia suficiente para o Povo Menor o habitar. E assim que esses seres voltarem e criarem raízes, nenhum homem poderá ter esperança de visitar o local e sair vivo de lá. Esta chuva fará com que algumas mulheres se esqueçam do lugar que lhes compete, também fará com que se lembrem de coisas que nem sabem que esqueceram... e os homens deixarão de mandar neste mundo. Como podem os homens governar quando uma mulher é capaz de alagar os campos, ou de parar as chuvas para que as plantações definham, ou convencer a própria terra a não dar frutos? Como pode um homem opor-se a isso?

— Nesse caso, temos de ficar aqui e de combater — afirmou Ubel. — Temos de ficar para protegermos a nossa terra.

— Como havemos de a proteger da chuva? Como podemos proteger Wolfram quando todas as tempestades de Sylvalan que atravessam o Rio Una tresandam de magia?

— Alguma coisa temos de fazer — insistiu Ubel.

— E faremos. Aliás, estamos a fazer. — Adolfo dirigiu-se para a mesa e olhou para as folhas de papel repletas da caligrafia bonita de Ubel, espalhadas sobre um mapa do território de Sylvalan. — A única maneira de mantermos Wolfram puro é chafurdarmos na lama de Sylvalan até que seja igualmente purificado.

— Quando chegar a próxima fase da Lua, teremos a maior parte do nosso...

— Não podemos esperar. — Adolfo inspirou fundo e deixou sair, a pouco e pouco, o ar dos pulmões. *Não lhe posso lembrar os momentos em que falhou. Tenho de o convencer de que nada o poderá deter. Depois... mais tarde... terei de ponderar com muito cuidado se o Ubel passou, ou não, demasiado tempo atolado na imundície de Sylvalan para merecer confiança.* — Há que atacar agora, atacar com convicção... e sem qualquer misericórdia. Todos os barões que não nos apoiarem na guerra contra o Mal e quem o serve devem ser destruídos. Temos de levar a guerra a Sylvalan, antes que aquelas criaturas, aquelas bruxas, prejudiquem Wolfram ainda mais.

— O que pretende de mim, Senhor Adolfo?

Ubel continuava pálido, mas ardia-lhe um brilho nos olhos. Desta vez, não viraria a cara à luta, não quando a terra onde nascera estava em perigo de ser contaminada pela magia libertada pelo inimigo.

Adolfo afastou os papéis para destapar a parte ocidental do mapa de Sylvalan.

— Leva os nossos dez maiores navios de guerra cheios de guerreiros de Wolfram. Coloco esses navios e esses soldados às tuas ordens. Passa pelos portos de Seahaven e Wellingsford a caminho do Oeste. Talvez haja bruxas e membros das famílias delas que estejam à procura de transporte para pedirem asilo aos barões que as apoiam nas terras ao longo da costa. Mas não te demores. Não podemos dar-lhes tempo para mobilizarem um exército que nos possa fazer frente. — Apontou para um ponto na costa ocidental. — Este parece ser um pequeno porto, ao pé daquelas ilhas. A partir daí, não creio que demorem mais de um dia a caminhar em terra para chegarem a Breton. Quando muito, talvez dois.

— Há um porto a sul de Breton — comentou Ubel.

— Mas daí teriam de marchar para o interior e para norte de modo a chegarem ao local. Isso chamaria a atenção dos barões ocidentais e dar-lhes-ia mais tempo para mobilizarem homens para vos enfrentarem.

— Disseram-me que não havia cidades portuárias perto de Breton.

Insatisfeito com a hesitação que detetava na voz do ajudante, Adolfo prosseguiu em voz calma, mas firme:

— Não precisas de uma cidade portuária. Basta-te uma aldeia piscatória. Basta qualquer sítio onde possas fundear os navios suficientemente perto da costa para desembarcares os soldados. Quanto mais depressa te deslocares, menos resistência te poderão oferecer. Tendo analisado o teu relatório sobre o conselho dos barões, estou seguro de que o Barão de Breton, Padrick, controla os seus homólogos do Ocidente. Como tal, já não chega castigá-lo por ter auxiliado o Liam depois de o pirralho nos ter insultado na reunião do conselho. O Padrick tem de ser destruído. Eliminado. A sua casa, a família, os terrenos e o gado. Não quero que deixes nada na tua esteira senão cinzas e cadáveres, Ubel. Sem a liderança dele, os barões do Oeste precisarão de tempo para se recompor e enquanto o Ocidente estiver de pantanas, os Barões de Arktos levarão os seus soldados para o Norte de Sylvalan, bem como os Barões do Nordeste do país que já defendem a nossa causa. Os barões que nos apoiam no Sul do território partirão com os seus exércitos para aqui. — Apontou para outra parte do mapa. — Subirão a partir do extremo sul da Serra da Mãe, travando os Barões do Centro, se tentar juntar-se à guerra.

— E os Fae? — perguntou Ubel, com dificuldade em falar.

*O que ele quer saber é o que faço com a Ceifeira*, refletiu Adolfo, contendo a vontade de estremecer. Nunca mais esqueceria a mulher de cabelos castanhos montada no seu cavalo negro. Nunca se esqueceria do modo como matara os seus Inquisidores. Nunca se esqueceria daquilo que lhe fizera a ele. Bastara tocar-lhe para lhe deixar o braço esquerdo inutilizado. E os sonhos que Adolfo começara a ter ultimamente... Não. Ninguém podia saber desses pesadelos.

— Tens de atacar depressa — insistiu o Inquisidor-Mor —, antes que eles possam alertar os outros. Depressa, Ubel. E tens de te retirar igualmente depressa. Não quero perder o meu melhor Inquisidor. Assim que o Padrick tiver sido eliminado, leva os navios e os soldados para Wellingsford. A partir de lá, podes intercetar quaisquer embarcações que partam do Ocidente... e afundar quaisquer navios que tentem zarpar nessa direção.

— Sim, meu amo — disse Ubel, hesitante. — E o que fará o exército de Wolfram?

*Ou seja, queres saber o que farei eu?* Talvez tivesse sido um acesso de arrogância, mas Adolfo achou que a pergunta denunciava uma ansiedade infantil por segurança.

— Eu levarei o exército de Wolfram, e os outros Barões de Sylvalan, direitos como um fuso para Willowsbrook. Depois de subjugarmos o trante que dá pelo nome de Liam... — Voltou-se para ver o Sol despontar do outro lado da janela, brilhando através dos últimos vestígios da tempestade.

tade. — Depois de o aniquilarmos, as três frentes do nosso grande exército marcharão para a Serra da Mãe e destruirão tudo o que lá mora.

— E nessa altura, a magia acabará de vez? — indagou o ajudante.

Adolfo tornou a encará-lo, poisou-lhe uma mão no ombro e disse-lhe, tranquilamente:

— Como te disse, Ubel, quando se entranha num sítio, nunca desaparece por inteiro. Posto isto, se eliminarmos todas as criaturas que têm acesso a ela, será como se não mais existisse.